

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

**MARLEY GOMES MAIA**

**ANÁLISE DA ABORDAGEM DO CRISTIANISMO ANTIGO AO SUICÍDIO E DE  
COMO FOI IMPORTANTE PARA OS ESTUDOS DO TEMA NA  
CONTEMPORANEIDADE**

VITÓRIA

2013

MARLEY GOMES MAIA

**ANÁLISE DA ABORDAGEM DO CRISTIANISMO ANTIGO AO SUICÍDIO E DE  
COMO FOI IMPORTANTE PARA OS ESTUDOS DO TEMA NA  
CONTEMPORANEIDADE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões.

Orientador: Prof. Dr. Francisco de Assis Souza dos Santos.

VITÓRIA

2010

MARLEY GOMES MAIA

**ANÁLISE DA ABORDAGEM DO CRISTIANISMO ANTIGO AO SUICÍDIO  
E DE COMO FOI IMPORTANTE PARA OS ESTUDOS DO TEMA NA  
CONTEMPORANEIDADE**

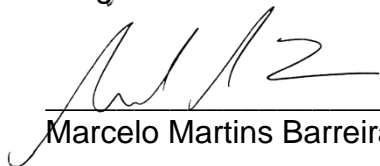
Dissertação de Mestrado para  
obtenção do grau de Mestre em  
Ciências das Religiões na  
Faculdade Unida de Vitória no  
programa de Pós- Graduação em  
Ciências das Religiões.  
Área de Concentração: Religião e  
Sociedade.



Francisco de Assis Souza dos Santos – UNIDA (Presidente)



Sergio Luiz Marlow – Doutor em História – UNIDA



Marcelo Martins Barreira – Doutor em Filosofia - UFES

Agradeço a Deus, a minha família, a meus colegas e aos mestres e administradores desta instituição acadêmica.

Não deixaríamos de agradecer (também) à Sr.<sup>a</sup> Maria Dirce, bibliotecária da SRI/BDB (Biblioteca Demonstrativa de Brasília), por sua solicitude e educação.

## RESUMO

O tema suicídio levanta as questões mais polêmicas e cheias de interpretações que se podem avaliar. A finitude humana, as relações de tempo e espaço, as interpretações da vida, morte, existência e não existência, etc. O cristianismo teve um papel importante em estabelecer bases argumentativas para todos os autores que estudam o suicídio, contra ou a favor, apontando causas, estatísticas, meios, influências ou qualquer outra abordagem. Ainda assim, o assunto foi gradualmente retirado do seio argumentativo no meio cristão, passando a permear quase exclusivamente os campos das especialidades psicológicas e sociais.

Este estudo busca resgatar o tema para o dialogismo filosófico. Busca enfrentar os medos e cismas do assunto nos ambientes eclesiásticos e acadêmicos, não somente para melhor entendimento e abordagem do assunto, mas também para a busca utópica de uma sociedade mais integracionista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Suicídio.Cristianismo. Morte.Teologia. Contemporaneidade. Deus.

## **ABSTRACT**

Suicide raises the most controversial and full of interpretation themes that can be rate of. The question of finitude, the connection between time and space, considerations about life, death, existence and non-existence, etc... the Christianity had an important role about establishing argumentative basis for all authors who study suicide, whether pro and con ones or pointing out causes, statistics, means, influences and any other addressing.

Always, all over the books we read, religious grasp is shown as important to both pro and con ones regarding voluntary death act. Thus, the subject was progressively withdrawn far from the argumentative center, taking over almost by completion the psychical specialization and social field.

This study looks for recovering the theme to the philosophical; seeks fighting the fears about the subject around ecclesiastic and academic environment, not only to improve the understanding and approach, but also the shaping of a brand new integrationist society.

**KEYWORDS:** Suicide. Christianity. Death. Theology. Contemporary. God.

## SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO .....	9
2 – CONCEITUAÇÃO.....	122
2.2 – MOTIVAÇÕES.....	177
2.3 – SUICÍDIO POR CONTÁGIO OU IMITAÇÃO.....	1919
2.4 – SUICÍDIO POR MENSAGEM .....	22
2.5 – LIBERDADE INDIVIDUAL .....	233
3 – SUICÍDIO NA CULTURA.....	3131
3.1 – FILOSOFIA DA GRÉCIA ANTIGA .....	31
3.1.1 – CONTRÁRIO AO SUICÍDIO.....	322
3.1.2 – A FAVOR DO SUICÍDIO.....	333
3.2 – RELIGIÕES.....	355
3.3 – RELIGIÃO JUDAICA .....	388
3.4 – CRISTIANISMO .....	399
3.4.1 – SUICÍDIO POR MARTÍRIO.....	40
3.4.2 – OS CONCÍLIOS E A PROIBIÇÃO DO SUICÍDIO .....	4045
3.4.3 – INFLUÊNCIA NA LEI CIVIL.....	457
3.4.4 – TEMPOS MODERNOS .....	499
3.3 – AS TRÊS DIMENSÕES.....	4949
3.4 – A NÃO CONDENAÇÃO BÍBLICA .....	4952
3.5 – OS TEXTOS BÍBLICOS DE RELATOS SUICIDAS.....	544
3.6 – A HIPÓTESE DO SUICÍDIO DE JESUS DE NAZARÉ.....	599
4 – A MORTE E A VIDA.....	6363
4.1 – A CULPA.....	70
4.2 – A ESPERANÇA, VIDA .....	7171

5 – LIVROS SOBRE SUICÍDIO NA LITERATURA BRASILEIRA.....	755
6 – CONCLUSÃO.....	789
7 – BIBLIOGRAFIA.....	844
8 – ANEXOS .....	866



## 1 INTRODUÇÃO

O suicida é “abscôndito” (escondido, anônimo) em sociedade. Não somente no que se refere a si mesmo, mas também a outros. Isso porque o suicídio é como uma chaga que deve ser tapada para não ficar exposta, como se por si própria e misteriosamente se curasse. Entendemos que as decisões suicidas partem de dois pressupostos: do ambiente externo (sociedade ou injustiça social) e do ambiente interno (patologias de desvio de personalidades ou relacionamento conturbado quanto à injustiça social). Ambos os fatores são abordados em toda a extensão deste trabalho – quer interpretações de sociólogos como Durkheim (que aponta causas sociais), quer para diversos psiquiatras, religiosos e filósofos.

Assim, não é de nosso interesse averiguar os casos de suicídios entendidos como praticados por pessoas com patologias psiquiátricas, incapazes de diferenciar o real do imaginário. Se a “escolha” é uma das chaves para nossa pesquisa, logo, pensamos que as escolhas de pessoas com desvio de senso de realidade não nos cabe analisar.

Convém salientar que buscaremos a confrontação de ideias; ou seja, citaremos ao longo do trabalho posições contra e favoráveis ao suicídio, e até mesmo aparentes textos contraditórios. Isso faremos para mostrar quão polêmico é a definição e coesão discursiva em torno desse assunto. A presença de muitas citações de vários autores é o meio para mostrar que o tema veiculou por diversas considerações. Evidentemente que não conhecemos todas as obras de todos os autores para afirmar que a posição que nós analisamos é precisa – é apenas uma interpretação nossa. Como essa amostragem de posições contrárias do mesmo tema enfatizamos que o tema está muito distante de ser algo já definido (se é que será um dia). Como foi o caso de John Donne, que escreveu uma defesa ao suicídio, mas só foi publicado postumamente por seu filho, visto um arrependimento e reconsideração de sua antiga posição – segundo a análise de Berenchtein Netto.<sup>1</sup> O tema suicídio

---

<sup>1</sup> BERENCHTEIN NETTO, Nilson. **Suicídio: Uma análise psicolossocil a partir do Materialismo Histórico Dialético**. Disponível em: [https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=12&cad=rja&ved=0CDAQFjABOAO&url=http%3A%2F%2Fwww.vigotski.net%2Fditebras%2Fberenchtein.pdf&ei=M7GDUvPuHY\\_msASAgKYCg&usg=AFQjCNFclLgXRTb8o8Ecz4V\\_9N-](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=12&cad=rja&ved=0CDAQFjABOAO&url=http%3A%2F%2Fwww.vigotski.net%2Fditebras%2Fberenchtein.pdf&ei=M7GDUvPuHY_msASAgKYCg&usg=AFQjCNFclLgXRTb8o8Ecz4V_9N-)

lida com temas da ética que se baseia em interpretações, se essas são válidas varia entre leitores, daremos nossa interpretação.

Não concordamos com os discursos prol suicídio. Somo da posição que a esperança deve apetecer a vida, e essa é o agora e não a pós morte. As citações prol suicídio (ou até mesmo contra o suicídio) que citaremos é a posição daquele autor, qual buscaremos analisar criticamente.

O suicídio lida com a esperança e a ferramenta de que a religião se utiliza para nos ensinar sobre esperança é o discurso. Caso descubramos nesta pesquisa serem verídicas influências da religião cristã sobre o tema, propomo-nos investigar qual o discurso de alguns autores da religião cristã sobre o suicídio. Não significa que estamos abordando todas as correntes da teologia cristã, mas sim posições de autores que falaram contra ou à favor da morte voluntária.

Ficou claro para nós que estudar o suicídio é um desafio pessoal, físico e psíquico, sem mensuração. Os setores da sociedade civil e militar que procuramos, tais como a Secretaria de Saúde, o CIODES, o Corpo de Bombeiros e associações de psiquiatria, entre outros, fornecem dados para estudos, mas mediante imenso volume de autorizações e outros documentos.

Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS)<sup>2</sup> mostram que, no ano 2000, aproximadamente um milhão de pessoas morreram por suicídio no mundo, o que representa uma morte cada 40 segundos.

Para ter uma dimensão de como o problema do suicídio em nosso Estado é preocupante, descrevo abaixo um estudo de Luciene B. Macente.

Conforme esses dados, as proporções das variáveis raça/cor, estado civil e escolaridade, com preenchimento ignorado/branco na declaração de óbito no ano de 2003, para as regiões selecionadas no presente estudo, foram: a) raça/cor: 27,6 para o Espírito Santo, 7,4 para a região Sudeste e 10,3 para o Brasil; b) estado civil: 11,8 para o Espírito Santo, 7,3 para a região Sudeste e 10,4 para o Brasil; e c) escolaridade: 58,7 para o Espírito Santo, 39,8 para a região Sudeste e 39,6 para o Brasil. Novamente se evidencia que **o Espírito Santo, ao ser comparado com a região Sudeste e com o**

---

RZ7Gk6w&sig2=qNXVGQNUsCtFhj\_M6aR7Ug&bvm=bv.56343320,d.cWc>. Acesso em: 13 de nov. de 2013.

<sup>2</sup> ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde (OMS). **Relatório sobre a saúde no mundo 2001**: saúde mental – nova concepção, nova esperança. Genebra; 2001.

**Brasil, apresentou os piores índices de não completude para essas variáveis,** fato também evidenciado no presente estudo.<sup>3</sup> (grifo nosso).

Segundo informações não oficiais colhidas na Secretaria de Saúde de Vitória em 2011, a Serra é o município do estado com o maior número de casos de morte por suicídio, assim como de suicidas residentes. A Secretaria separa os suicidas pela localidade onde foi cometido o ato de morte (ou tentativa) e pelo local onde de fato mora quem tentou ou cometeu suicídio. A maioria dos casos é por sufocamento (estrangulamento, enforcamento, etc.). Produtos tóxicos, tais como venenos e medicamentos, estão em segundo lugar, à semelhança do que ocorre mundo afora.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> MACENTE, Luciene Bolzam et al. **Avaliação da completude do sistema de informação sobre mortalidade por suicídio na região Sudeste, Brasil, no período de 1996 a 2007**. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v59n3/a02v59n3.pdf](http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v59n3/a02v59n3.pdf)>. Acesso em: 16 ago.2012.

<sup>4</sup> Levantamento de agosto de 2011.

## 2 CONCEITUAÇÃO

Conforme descrito pela Organização Mundial de Saúde (OMS), o suicídio [...] “é um ato deliberado, iniciado e levado a cabo por uma pessoa com pleno conhecimento ou expectativa de um resultado fatal”.<sup>5</sup> Cassorla aponta que “se convencionou chamar de suicídio apenas as mortes em que a pessoa, voluntária e conscientemente, executou um ato ou adotou um comportamento, que acreditava levá-la à morte”.<sup>6</sup> Assim, grosso modo, o suicídio é entendido como a morte deliberadamente provocada por quem a deseja.<sup>7</sup>

A tentativa de conceituar o suicídio acaba por reescrever o que consta praticamente de todos os livros sobre o tema devido sua dificuldade, e vimos uma tendência a redundância, até mesmo nesse trabalho. A conceituação clássica parte do trabalho do sociólogo Émile Durkheim, que diz: “O suicídio é toda morte que resulta mediata ou imediatamente de um ato positivo ou negativo, realizado pela própria vítima”.<sup>8</sup> Na conceituação de Durkheim, não são somente os que buscam a morte que são considerados suicidas, mas todos que, por alguma ação ou omissão de ação, favorece a morte a si mesmo. Já outros, tais como Baechler (1975), dividem os suicidas em 11 tipos, agrupados em quatro grandes categorias: fugitivo, agressivo, oblativo e lúdico:

1. *Fugitivo* – fugir de algo. Sair de situação de desconforto. Existem três subtipos: fuga, propriamente dita (de situação intolerável); luto (lidar com a perda); e punição (expiar falta).
2. *Agressivo* – atingir outrem. Existem quatro subtipos, entre os quais a vingança (do próprio sobre outrem – para provocar remorsos).
3. *Oblativo* – equivalente ao conceito altruísta de Durkheim.

---

<sup>5</sup> ORGANIZAÇÃO Mundial de Saúde. **Relatório sobre a saúde no mundo 2001**: saúde mental – Nova concepção, Nova Esperança. Genebra. 2001:66. Disponível em:

<<http://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/pesquisa/simples/RELAT%C3%93RIO%20SOBRE%20A%20SA%C3%94DE%20NO%20MUNDO%202001%20-%20SA%C3%94DE%20MENTAL:%20NOVA%20CONCEP%C3%87%C3%83O,%20NOVA%20ESPERAN%C3%87A/1030>> Acesso em: 15 jul. 2013.

<sup>6</sup> CASSORLA, Roosevelt M. S. **O que é suicídio**. 4. Ed., São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 21-33.

<sup>7</sup> Na Conclusão nós damos a nossa conceituação do que é suicídio.

<sup>8</sup> DURKHEIM, Émile. **O suicídio, estudo sociológico**. Tradução de Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2002, p. 13.

4. *Lúdico* – a busca consciente de se aventurar em situações de extremo risco de vida apenas pela adrenalina (ou brincar entre a vida e a morte).

Shneidman (1968) divide os suicídios em egoístas, diádicos e não geracionais.

1. *Egoísta* – o fenômeno é psicológico, não sociológico, relacionado com depressão e personalidade.
2. *Diádicos* – existem necessidades não preenchidas ou desejos relacionados com alguém muito significativo.
3. *Não geracional* – existe uma alienação em relação aos velhos da sociedade, por exemplo em situações de incapacidade para reprodução ou para alimentar os filhos.

As linhas essenciais dessa classificação são de Jousset e Moreau de Tours.<sup>9</sup>

1. *Suicídio maníaco* - alucinações, ideias delirantes. Esse tipo de suicídio é entendido como doentio, ou melhor, é do tipo motivado por desvio de personalidade, mental ou de outra espécie. Esses atos mais estão ligados a manias do que ao desejo de morte.
2. *Suicídio melancólico* – Como já se expressa pelo nome, esse tipo de suicídio é marcado por sentimentos depressivos. Tristezas que arrebatam os corações das pessoas, levando-as a tomar suas frustrações e problemas como superiores a qualquer outro argumento.
3. *Suicídio obsessivo* – Nesse caso, o suicídio não é causado por nenhum motivo, nem real nem imaginário, mas apenas pela ideia fixa da morte. A consciência da finitude pode causar os mais variados sentimentos e reações.
4. *Suicídio impulsivo ou automático* – Não tem nenhuma razão de ser, nem na realidade nem na imaginação do doente. Mas, em vez de ser produzido por uma ideia fixa, que persegue o espírito durante um tempo mais ou menos longo, e que só gradualmente se apodera da vontade, resulta de um impulso brusco e imediatamente irresistível.

---

<sup>9</sup> DURKHEIM, Émile. **O suicídio, estudo sociológico**. Tradução de Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2002, p. 37.

Segundo a pesquisadora Maria Luiza Dias,<sup>10</sup> Pasternack (1983) aponta que os desejos de suicídio frequentemente se desenvolvem em quem não consegue expressar o sentimento de frustração. Aponta como motivos os seguintes fatores:

1. Fantasias de outra vida, de um paraíso, de encontro com Deus, de outro mundo de riquezas e delícias, de reencontro com pessoas queridas que morreram, de retomo ao seio materno;
2. Desejo de punição, de castigo, de destruição de impulsos assassinos ou de impulsos sexuais culposos etc.

Fairbairn situa o assunto entre a posição liberal e a conservadora. Para ele, a posição liberal significa que é de interpretação geral a ideia da autonomia; assim, os defensores desse posicionamento “acreditam que cada um tem o direito de fazer aquilo que quer com o seu corpo [...]”,<sup>11</sup> recorrendo a concepções de liberdade, direito e livre arbítrio. Já a posição conservadora refere-se também às ideias sobre liberdade, mas admite a interpolação de outros – segundo Fairbairn, “nós devemos intervir nos atos de autodestruição dos outros”:<sup>12</sup>

- 1) Aqueles que acreditam que, uma vez que se matar não é algo que uma pessoa racional deseja fazer, quem age de modo suicida deve estar psicologicamente perturbado, e, portanto, a intervenção para lhe salvar a vida sempre deveria ser do seu melhor interesse;
- 2) Aqueles que acreditam que o suicídio é simplesmente algo errado, e que todo aquele que é encontrado tentando matar-se deve ser impedido, porque, sempre que possível, tudo o que é pecaminoso deve ser evitado.

O psiquiatra escocês acrescenta ainda a ideia de que “alguém pode ser duplamente conservador em relação ao suicídio, aderindo ao mesmo tempo a essas duas crenças”.<sup>13</sup>

Evidentemente muitos estudiosos concordam que nem todos os suicídios devem-se a distúrbios de personalidade. Segundo Cassorla, “aproximadamente 1/2 a 2/3 dos suicidas não apresentam manifestações de doenças mentais evidentes, segundo a

---

<sup>10</sup> DIAS, Maria Luiza. **Suicídio: testemunhos de adeus**. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 61.

<sup>11</sup> FAIRBAIRN, Gavin J. **Reflexões em torno do suicídio: a linguagem e a ótica do dano pessoal**. Tradução de Atílio Brunetta. São Paulo: Paulus, 1999, p. 206.

<sup>12</sup> FAIRBAIRN, op. cit., Nota 11.

<sup>13</sup> FAIRBAIRN, op. cit., Nota 11.

clássica nomenclatura psiquiátrica”.<sup>14</sup> Para Puente, por exemplo, “o termo *eulógosexagogé* (saída racional) para designar o ato de matar-se é de autoria estoica e já nos indica o modo como esse ato, para eles, pode ser justificadamente levado a cabo, isto é, racionalmente”.<sup>15</sup>

Entretanto, na prática, a visão médica ortodoxa do suicídio e a sua relação com o distúrbio psicológico é tão influente, que leva muitas pessoas a acreditar que todos aqueles que se suicidam, ou que se comportam de forma semelhante, devem estar psicologicamente perturbados e necessitados de ajuda.<sup>16</sup>

Notamos que o elemento distúrbio sempre está vinculado aos suicidas. Esse distúrbio não se refere simplesmente a problemas de personalidade, mas estende-se ao campo social, por exemplo. Durkheim afirma que “sem dúvida, vulgarmente, o suicídio é, antes de tudo, o ato de desespero de um homem que não faz mais questão de viver”.<sup>17</sup>

Roosevelt Cassorla afirma que é difícil precisar quantas pessoas se matam ou tentam matar-se. “O número de suicídios que consta das estatísticas oficiais é retirado das causas de morte apontadas nos atestados de óbito. Contudo, esses atestados nem sempre são confiáveis”:<sup>18</sup> a família, a sociedade e a própria cultura, muitas vezes, pressionam para que a causa seja falsificada, amenizando muitos atos suicidas. A pesquisadora Maria Luiza Dias afirma que:

Fatores religiosos também contribuem para o obscurecimento da causa mortis. Na República da Irlanda e no Egito, por exemplo, suspeita-se que o baixo índice de suicídio registrado deva-se ao culto religioso local, já que a ética islâmica, por exemplo, crítica o suicídio. Assim, muitas ocorrências seriam camufladas.<sup>19</sup>

---

<sup>14</sup> CASSORLA, Roosevelt M. S. **O que é suicídio**. 4. ed., São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 78.

<sup>15</sup> PUENTE, Fernando Rey. **Os filósofos e o suicídio**. Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 23.

<sup>16</sup> FAIRBAIRN, Gavin J. **Reflexões em torno do suicídio**: a linguagem e a ótica do dano pessoal. Tradução: Attílio Brunetta. São Paulo: Paulus, 1999, p. 49.

<sup>17</sup> DURKHEIM, Émile. **O suicídio, estudo sociológico**. Tradução de Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2002, p. 14.

<sup>18</sup> CASSORLA, op. cit., Nota 14, p. 33.

<sup>19</sup> DIAS, Maria Luiza. **Suicídio: testemunhos de adeus**. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 61.

Essa “camuflagem” citada pela estudiosa coloca em dúvidas todas as estatísticas sobre casos suicidas, principalmente em regiões onde a cultura religiosa tem maior força.

Durkheim (2002) diferenciou três tipos de suicídio: o egoísta, o altruísta e o anômico:

1. Egoísta – uma valorização de seu próprio estado, de sua própria “sorte” (ou má sorte) com pouco ou nenhuma importância com a sociedade ao redor. Pouco apego à sociedade. Solidão, afastamento, isolamento, fuga, depressão, complexo de perseguição, neurose de culpa e baixa autoestima são elementos agregados a esse aspecto.
2. Altruísta – enquanto o egoísta tem pouco apego à sociedade, o altruísta tem um apego exacerbado, a ponto de “dar a sua vida” pelos outros. Ele morre para salvar alguém: o pai que morre pelo filho, o bombeiro que morre para salvar uma criança, etc. Durkheim destaca entre esses casos as sociedades “primitivas” ou “antigas”, guardas imperiais ou de elite, indivíduos que se sacrificariam por um grande ideal.
3. Anômico – Durkheim vê essa classificação como um tipo de “escapismo” de uma situação adversa e incomodativa de alguém. Difere da concepção egoísta por ser mais do tipo de “percepção” do suicida de um mal social, de uma injustiça social que ele não se sente capaz de mudar ou de aceitar. É chamado de anômico porque ocorre em um estado excepcional que só se dá quando há uma crise doentia de desregramento.

De forma mais resumida, apreciamos o trabalho de Marcimedes Martins da Silva,<sup>20</sup> que sintetizou que o suicídio é:

1. “... um ato de heroísmo.” (Sêneca)
2. “... um ato próprio da natureza humana e, em cada época, precisa ser repensado.” (Goethe)
3. “... a destruição arbitrária e premeditada que o homem faz da sua natureza animal.” (Kant)

---

<sup>20</sup> DA SILVA, Marcimedes Martins. **Suicídio**: trama da comunicação. Dissertação de Mestrado da PUC-SP: 1992. Disponível em: <<http://www.avesso.net/suicidio.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2013.



4. "... uma violação ao dever de ser útil ao próprio homem e aos outros."  
(Rousseau)
5. "... admitir a morte no tempo certo e com liberdade." (Nietzsche)
6. "... uma fuga ou um fracasso." (Sartre)
7. "... a positivação máxima da vontade humana." (Schopenhauer)
8. "... todo o caso de morte que resulta directa ou indirectamente de um acto positivo ou negativo praticado pela própria vítima, acto que a vítima sabia dever produzir este resultado." (Durkheim)

## 2.1 MOTIVAÇÕES

Porque alguém se mataria? Há resposta para isso? Muitos parâmetros nos dão um apontamento do motivo de cada caso. Podemos também traçar um parâmetro mais abrangente, mostrando como a cultura pode ser um agente influenciador, mas, sem dúvida alguma, há muitas variantes internas e externas nessa drástica decisão individual. Pensamos no suicídio como numa grande aposta. Não somente uma aposta, uma jogatina, mas a maior das apostas, pois é capaz de repercutir na eternidade. Independentemente da crença ou não na existência depois da morte, todos morreremos. Todos desconhecem o que há depois da morte. Não obstante a grande especulação, o argumento final sempre reflete questões de fé.

Hernandes Dias Lopes,<sup>21</sup> citando Bonhoeffer (1988), afirma que o suicídio é errado pela falta de fé, referindo-se essa falta à noção de que, para o suicida, sua situação não admite mudança, forçando-se o resgate pela busca da morte física.

Para dialogar com os argumentos favoráveis ao suicídio, o texto bíblico ensina que não se é livre para abreviar a existência corpórea, dado que isso significa não acreditar na possibilidade de mudança, e "tudo que é feito sem fé é pecado" (Romanos 14:23b). O dicionário de teologia católico explica que "o modo da Igreja

---

<sup>21</sup> LOPES, Hernandes Dias. **Suicídio**: causas, mitos e prevenções. São Paulo: Hagnos, 2007. p. 42.

se expressar sempre foi severo neste campo e, constantemente, considerou o ato suicida como pecado particularmente grave.”<sup>22</sup>

Já para o filósofo Schopenhauer, a fé toma outra direção. Para ele (segundo nossa avaliação), o suicídio é confiança em Deus, entrega ao Seu juízo por meio da morte. Para ele, fugir das calamidades da vida não é só um ato de fé, mas também um gesto de amor próprio. Com isso, ele pretende responder pelo menos a duas das três assertivas de Aquino.

Confia este homem em Deus? Ele confia no medo [...] Ora, pode-se admitir com razão que entre essa confiança em Deus, respectivamente entre esse temor a Deus e a confiança em Deus do verdadeiro homem de fé, não há qualquer outro grau de confiança. Diferenças dão-se apenas no modo como o homem de fé suporta os golpes e as benesses do destino [...] O temor a Deus é o temor da morte, a confiança em Deus é o desprezo pela morte. [...] Quem não teme a morte se apoia em casas que incendeiam, pula sem hesitação em bravias inundações [...].<sup>23</sup>

Schopenhauer, assim, inverte a interpretação da fé em Deus, argumento de Aquino, Agostinho, Bonhoeffer e outros. Para estes, fé em Deus é a negação ou fuga da morte voluntária; já para o filósofo alemão, a fé em Deus é fuga do medo da morte, o que nos dá a entender que a busca da morte é também um ato de fé em Deus.

Marcimedes Martins da Silva, em seu estudo *Suicídio, trama da comunicação*, extrai esta frase do bilhete de um suicida: “Chega de palavras, pois estas também irão se perder com o tempo”. Muitos autores poderiam ser citados como defensores do mesmo argumento, ou seja, de que o suicídio é um ato de fuga.

Os homens que se matam ora experimentaram desgostos de família ou frustrações de amor-próprio, ora sofreram miséria ou doença, ora ainda se condenam por alguma falta moral, etc. Mas vimos que essas particularidades individuais não podem explicar a taxa social de suicídios [...].<sup>24</sup>

Outros autores afirmam que as causas do suicídio têm relação com o contexto, mas o modo como o suicida lida com esse contexto também deve ser pensado.

<sup>22</sup> PIO XII, Discorsi e radiomessaggi. Roma: Pol. Vat., 1958, XIX, 774 apud PELLIZZARO, Giuseppe. **Suicídio. In: Dicionário de Teologia Moral.** São Paulo: Paulus, 1997, p. 1188. (Dicionários).

<sup>23</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação.** Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2005.

<sup>24</sup> DURKHEIM, Émile. **O Suicídio: estudo sociológico.** Tradução de Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2002, p. 325.

O suicídio é um ato, tanto de cometimento como de omissão realizado pela própria pessoa ou por terceiros, por meio do qual um indivíduo autonomamente pretende e deseja concretizar a própria morte, porque quer ser morto ou quer morrer uma morte que ele mesmo concretiza.<sup>25</sup>

Resumindo, três são os grandes motivadores, segundo a maioria dos estudiosos, das práticas e tentativas de suicídio: a fuga, o sentimento de responsabilidade para com o outro (altruísmo) e o desvio de personalidade (doença mental). Rabello (1967) assim se pronuncia:

Não se pode compreender o suicídio senão da parte daquele que sofre. O suicídio sem sofrimento é inadmissível porque não se compreende que se disponha a acabar com a vida quem vive gozando [...]. O suicídio é, pois, a mais elevada manifestação do desespero, o mais alto grau de dor.<sup>26</sup>

Rabello foi feliz nessas palavras. Realmente se deve pensar no sofredor para falar em suicídio. O olhar na perspectiva de quem sofre é uma empatia rara e acaba sendo muito pessoal. Se tomarmos o suicida com olhares impessoais e sistemáticos, poderemos nos tornar muito insensíveis ao que se passa em seu interior, vedando-nos o entendimento do fenômeno.

## 2.2 SUICÍDIO POR CONTÁGIO OU IMITAÇÃO

O livro de Goethe *Os sofrimentos do jovem Werther*<sup>27</sup> (*Die Leiden des Jungen Werthers*), em que o protagonista comete suicídio, provocou uma onda de suicídios de imitação após a sua primeira publicação. Phillips nomeou o fenômeno “efeito Werther”.

---

<sup>25</sup> FAIRBAIRN, Gavin J. **Reflexões em torno do suicídio: a linguagem e a ótica do dano pessoal**. Tradução de Atílio Brunetta. São Paulo: Paulus, 1999, p. 117.

<sup>26</sup> RABELLO, Sylvio. **Farias Brito ou uma aventura do espírito**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

<sup>27</sup> A publicação do Werther levaria muitas pessoas ao suicídio, principalmente os românticos. “Os governos da Alemanha, Itália e Dinamarca acabariam por proibir o livro de modo a travar a epidemia de suicídios” (MORON, 1975 apud SARAIVA, 1999).

Phillips (1974) foi o primeiro investigador a estudar, de forma empírica e sistemática, o efeito da sugestão no precipitar do suicídio ao compilar as notícias desses comportamentos publicadas na primeira página do New York Times (1946-1968), ao mesmo tempo que examinava as estatísticas oficiais de suicídio. Constatou que os suicídios aumentavam, significativamente, após uma história desse teor, fenômeno a que chamou de “efeito Werther”.<sup>28</sup>

Outros livros, como *Suicídio: modo de usar*, de Guillone Le Bonniec (1984), também causaram alvoroço, tidos como influenciadores de atos suicidas.<sup>29</sup> Muitas outras obras romantizam e fornecem aos suicidas em potencial o combustível a todos os tipos de justificativas para se matar. *Romeu e Julieta* e *Hamlet*, de Shakespeare, são casos ficcionais de suicídio romântico. Outra obra tida como influenciadora foi o livro *Final exit* (A última saída), de Derek Humphry, após sua publicação houve um aumento na quantidade de suicídios em Nova York com os métodos descritos. Também se nota que os casos de famosos que se suicidaram impactam o crescimento do índice.

A pesquisadora Olga Ordaz, da Escola Superior de Enfermagem Calouste Gulbenkian, em seu ensaio escreve que:

Phillips (1974) concluiu a favor de um aumento significativo de atos suicidas nos EUA após a publicação de relatos de suicídios nas primeiras páginas dos jornais. Reanalizando os dados recolhidos por aquele autor, Wasserman (1984) mostrou que aquela relação se verificava sobretudo quando os relatos de suicídios diziam respeito a celebridades. Mais tarde, Phillips e Carstensen (1986) replicaram o seu estudo, analisando agora os relatos televisivos de suicídios.<sup>30</sup>

Com isso, para esses pesquisadores, há uma relação entre a notícia, não importando por qual meio ela é veiculada, e um tipo de epidemia<sup>31</sup> de suicídio por meio da imitação. Já para Durkheim a imitação tem sua limitação. Segundo ele:

---

<sup>28</sup> SARAIVA, Carlos Braz. **Para-suicídio**: contributo para uma compreensão clínica dos comportamentos suicidários recorrentes. Salvador: Quarteto, 1999, p. 38.

<sup>29</sup> Na França, em 1986, um dos autores do livro *Suicídio: modo de usar* acaba preso por ter respondido à carta de um suicida sobre métodos de se suicidar. O leitor suicidou-se segundo a resposta do livro.

<sup>30</sup> ORDAZ, Olga et al. **Objetivação e ancoragem das representações sociais do suicídio na imprensa escrita**. Disponível em:

<<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218793753B7iWA0wj8PI84HM9.pdf>>. Acesso em: 12 jun 2013.

<sup>31</sup> Não confundir a palavra epidemia ou contágio no sentido de doença.

Pode-se dizer portanto que, salvo em raríssimas exceções, a imitação não é um fator original do suicídio. Ela só faz aparecer um estado que é a verdadeira causa geradora do ato e que, provavelmente, sempre teria encontrado um meio de produzir seu efeito natural, mesmo que a imitação não tivesse interferido.<sup>32</sup>

Apesar de não haver consenso entre os pesquisadores, as mídias televisivas e jornalísticas preferem manter relatos de suicídio em constante salvo-conduto, noticiando-os apenas em raras ocasiões.

Outro fator que pode exercer influência em manter notícias sobre suicídio em constante observação é que na Constituição brasileira<sup>33</sup> não é crime a tentativa do suicídio, mas se for entendido que alguma pessoa (física ou jurídica) exerceu qualquer tipo de influência na decisão do suicida, essa pessoa terá de responder às penas da lei.

Assim, mesmo este estudo (ou qualquer outro), buscando as regras da neutralidade científica, caso seja entendido como influenciador de causas suicidas, sujeitará o autor às penas da lei.

Por que não falar do assunto? Por que não conversamos sobre isso? Será que nosso silêncio (dos meios de comunicação, acadêmicos, eclesiástico e popular) abrandava ou agrava o problema do número crescente de suicídios no Brasil?

O quanto ajuda, o quanto atrapalha?

No capítulo 5 mostraremos que o tema tende a ser quase unicamente trabalhado nos setores ligados à área médica.

Desejamos uma ampliação do diálogo para áreas filosóficas, religiosas e sociológicas, pois o suicida é um ser complexo e integral.

---

<sup>32</sup> DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**: estudo sociológico. Tradução de Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2002, p. 136.

<sup>33</sup> BRASIL. Código Penal: **Decreto-Lei No 2.848, de 7 de dezembro de 1940**. Induzimento, instigação ou auxílio a suicídio - Art. 12. Disponível em: <[http://www.dji.com.br/codigos/1940\\_dl\\_002848\\_cp/cp121a128.htm](http://www.dji.com.br/codigos/1940_dl_002848_cp/cp121a128.htm)>. Acesso em: 7 jan. 2013.

### 2.3 SUICÍDIO POR MENSAGEM

De acordo com vários autores, muitos suicídios são formas extremas de expressar algum fato de injustiça social ou pessoal. A busca de atingir o outro através do ato dramático é, muitas vezes, um instrumento de mensagem. Cassorla afirma que “o ato suicida é uma mensagem, um pedido que o indivíduo faz à sua família e à sociedade, para que seja ajudado”.<sup>34</sup>

Espera-se que os dados levantados auxiliem a compreender que o suicídio deve ser visto mais como um ato de comunicação do que como um gesto solitário e que, além de tudo, é uma comunicação para uma sociedade que o impediu de comunicar-se de outras formas que não fosse através deste gesto.<sup>35</sup>

Os seres humanos querem ser compreendidos e aceitos. Desejam ser respeitados, amados e reconhecidos. Quando isso falha, quando a decepção se mostra maior do que o indivíduo acredita poder suportar, ele imagina maneiras de reverter o processo. No livro *O erro de Descartes*, Antônio Damásio (2004) acredita que as escolhas que fazemos, como ser humano, é veiculada pela emoção, dando a essas escolhas um caráter de momentaneidade. Assim, muitas vezes nossas escolhas baseiam-se no sentimento de falta (consequentemente, de sobra). Sentimos a ausência de relações que nos completam, dando-nos sentido. Mas a momentaneidade não é uma explicação que englobe todos os casos, evidentemente.

Em 2001 um rapaz em Realengo, no Rio de Janeiro, deixou uma carta, em que expressou o desejo quanto ao próprio rito fúnebre. Segundo ele, [...] “impuros não poderão me tocar sem luvas, somente os castos [...] deverão retirar toda a minha vestimenta, me banhar, me secar e me envolver totalmente despido em um lençol branco [...] após me envolverem neste lençol poderão me colocar em meu caixão” [...].<sup>36</sup> Suas solicitações nunca foram atendidas; pelo contrário, o jovem só foi enterrado, quase como indigente, duas semanas depois, sem que ninguém o

<sup>34</sup> CASSORLA, Roosevelt M. S. **O que é suicídio**. 4. ed., São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 58.

<sup>35</sup> SILVA, Marcimedes Martins da. **Suicídio: trama da comunicação**. Dissertação de Mestrado da PUC-SP: 1992. Disponível em: <<http://www.avesso.net/suicidio.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

<sup>36</sup> LEIA a íntegra da carta do atirador que invadiu escola no RJ. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/leia-trecho-da-carta-do-atirador-que-invadiu-escola-no-rj.html>>. Acesso em: 2 jan. 2013.

velasse ou lhe rendesse algum mérito. Comento isso na intenção de mostrar que a própria concepção de carta já denota planejamento, além de que a esperança ilusória da pós morte dele, de como haveria de ser tratado, mostrou-se frustrada.

Durkheim (2002) aponta a educação (cultura) como agente influenciador das motivações suicidas. Quando uma sociedade é caótica e desagregada, gera sujeitos caóticos e desagregados, e vice-versa. A desagregação é um dos sinais mais evidentes em pessoas propensas a pensamentos de morte.

Para nós o problema com a ideia do suicídio como contágio é favorecer a omissão do discurso. Não seria apenas por causa do simplismo denunciado pelo Waldemar Augusto Angerami (Camon), mas um combate em uma possível crença de alguns que a omissão das informações terá o papel amenizador, ou seja, que o fato de não noticiar os suicídios já em si um combate eficaz contra estímulos suicidários. Seria semelhante ao pensamento: Não vemos, por isso não existe. De fato, a sociedade só se move em situações dramáticas. Ela se engessa por meio de explicações simplórias e superficiais, ou seja, de elixires convenientemente mais palatáveis, e segue até novo evento ocorrer. Se a sociedade é assim, e se o suicida em potencial faz parte da sociedade, ele sabe dessa tendência social à tragédia. Por isso, acaba por fantasiar sua morte com roupagens teatrais para causar espanto, a fim de mover o que se encontra estático. Verdade seja dita, pelo que notamos, o suicida sempre se põe na condição de vítima.

## 2.4 LIBERDADE INDIVIDUAL

Um dos argumentos mais usuais dos adeptos das ideias suicidas baseia-se na noção de liberdade individual, ou seja, no direito do sujeito sobre si e sobre o seu destino. Tanto os favoráveis quanto os contrários, e mesmo os que se posicionam de modo neutro enfatizam discursos sobre a liberdade individual e a ética pessoal. Para Landsberg, citado por Puente, “o problema do suicídio é sobretudo um problema que envolve a noção de liberdade: ‘a discussão filosófica de nosso

problema [...] esteve sempre centrado sobre o problema da liberdade”.<sup>37</sup> Esse problema da liberdade é tão centrado no discurso suicida que nós tivemos de abordar o tema em toda a extensão do nosso estudo, em contextos diferentes.<sup>38</sup>

Uma das obras favoráveis ao suicídio mais citadas e importantes é o livro póstumo de David Hume (1711–1776), para quem o direito às escolhas quanto ao próprio destino é concedido a todos os homens.

Permitam-me tentar aqui restituir aos homens sua liberdade natural, examinando todos os argumentos comumente apresentados contra o suicídio, e mostrar que esta ação, conforme já pensavam todos os filósofos antigos, pode ser considerada livre de qualquer atribuição de culpa ou censura.<sup>39</sup>

Para Hume, a responsabilidade do indivíduo para com a sociedade não pode subtrair-lhe o benefício da liberdade de querer o bem para si. O bem para si, aos olhos de Hume, significa acabar com o sofrimento e o sentimento de solidão através do suicídio. Para Cioran, citado por Puente, o pensamento suicida foi um conforto, uma representação de liberdade:

Na minha juventude, eu vivi todo dia com essa ideia, a ideia do suicídio. Mais tarde também, e até agora, mas talvez não com a mesma intensidade. E se eu ainda estou vivo é graças a essa ideia. Eu só pude suportar a vida graças a ela, ela foi meu suporte: "És mestre de tua vida, podes matar-te quando quiseres", e todas as minhas loucuras, todos os meus excessos, foi assim que eu pude suportá-los. E pouco a pouco essa ideia começou a se tornar algo como Deus para um cristão, um apoio; eu tinha um ponto fixo na vida.<sup>40</sup>

Já para Chesterton, citado por Holland, “o homem que mata outro homem mata um homem. O homem que se mata a si mesmo mata todos os homens; em relação a si próprio, ele elimina de si mesmo o mundo inteiro”.<sup>41</sup> Com isso, enquanto alguns pensadores apostam em um discurso onde o suicídio é considerado algo bom,

---

<sup>37</sup> PUENTE, Fernando Rey. **Os filósofos e o suicídio**. Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 48.

<sup>38</sup> Suicídio assistido, o direito de morrer, a ética para consigo na existência, o livre arbítrio ou quaisquer outro tema que aborde a legitimidade do suicídio na realidade é o antigo discurso sobre a liberdade que vemos em Sêneca, por exemplo...

<sup>39</sup> HUME, David. **Do suicídio e outros textos póstumos**. Tradução de Jaimir Conte. 2. ed., Florianópolis: Nefelibata, 2004, p.18.

<sup>40</sup> PUENTE, op cit. Nota: 37, p. 48.

<sup>41</sup> FECHIO, Luiz Gonzaga. **Suicídio e Ética**: Uma apreciação em nossos dias à luz da *Gaudium et Spes*. Disponível em: < [http://www.teologia-assuncao.br/cursos/2psgr\\_teologia/stricto\\_sensu/teses/Teses\\_alunos2008/Luiz%20Gonzaga%20Fechio.pdf](http://www.teologia-assuncao.br/cursos/2psgr_teologia/stricto_sensu/teses/Teses_alunos2008/Luiz%20Gonzaga%20Fechio.pdf)>. Acesso em: 13 nov. 2013.



outros falam o oposto, mostrando quão problemático é a definição. Vejamos por exemplo o texto de Paulo de Goés e sua interpretação do pensamento agostiniano:

Admitia que poderia existir o engano muito próprio do ser humano, ao se desejar e buscar voluntariamente a morte. Na verdade, o que estaria aí presente seria a aspiração pelo descanso ou por um estado melhor de vida em face das circunstâncias adversas enfrentadas. Louco seria quem seguisse o desejo de formado de encaminhar-se para a morte, como se aí pudesse encontrar a plena realização do ente.<sup>42</sup>

Enfatiza assim que, em nosso entendimento, para o autor do texto acima o suicídio é uma busca ilusória, um desejo de alento e realização onde a afirmação da liberdade fadada ao insucesso.

Puente, ao comentar e citar Schopenhauer, afirma que o suicídio seria, em nossas palavras, o ato mais próximo do senso de liberdade, pois nele expomos nossa vontade no que se refere a todas as demais opiniões de submissão do sujeito.

Schopenhauer distancia-se assim das religiões monoteístas que avaliam esse ato como pecado[...]. Ao supor ser possível aniquilar a Vontade ao se matar, o suicida estaria, na verdade, apenas sendo a expressão da própria Vontade: “longe de ser uma negação da Vontade, este [o suicídio] é um fenômeno de forte afirmação da Vontade” ou, como ele diz em outra formulação: “O suicida nega apenas o indivíduo, não a espécie”.<sup>43</sup>

Hume (2004), em sua crítica às questões da opinião contrária da religião ao suicídio, argumentava que devemos nos desprender da “velha superstição” e nos vestir de nosso próprio poder da responsabilidade por nós mesmos, não somente em relação à vida, mas à morte e à pós-morte. Segundo ele, se é condenável para a pessoa se matar, também o é buscar salvaguardar a vida.

Para o autor, se Deus sabe tudo, logo também saberia que ele (Hume) sofreria em vida, que desejaria a morte e fatalmente se suicidaria. Com isso, Hume acredita que foi Deus que assim o quis. Pois se não fosse assim, Deus haveria de retirar tais ideias dele. Com isso, Deus é tipificado como autor, cúmplice ou/e omissor em relação a todas as escolhas dos suicidas.

---

<sup>42</sup> GÓES, Paulo de. **O problema do suicídio em Santo Agostinho à luz do De Civ. Dei**. Tese de Doutorado da Universidade Estadual de Campinas, SP: 2004. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000324569>>&fd=y>. Acesso em: 21 jul. 2012.

<sup>43</sup> PUENTE, Fernando Rey. **Os filósofos e o suicídio**. Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 38.

Mas a providência dirigiu todas estas causas, e nada acontece no universo sem seu consentimento e sem sua cooperação. Se é assim, então tampouco minha morte, ainda que voluntária, aconteceria sem seu consentimento.<sup>44</sup>

Em suas palavras, “[...] o castigo deveria ser proporcional, de alguma maneira, à falta. Por que então um castigo eterno por faltas temporárias de uma criatura tão frágil como o homem?”<sup>45</sup>

Na Suma de Teologia II<sup>a</sup>II<sup>ae</sup>, Q. 64, a. 5, Aquino enfatiza que não é lícito ao homem tomar o livre-arbítrio como pretexto à fuga dos males da vida:

[...] declarando que o homem se constitui em senhor de si mesmo pelo livre-arbítrio. E, por isso, é lícito ao homem poder dispor de si mesmo em relação àquilo que pertence à sua vida, àquilo que é regido pelo livre arbítrio do homem. Mas a passagem desta vida para uma outra mais feliz não depende do livre arbítrio do homem e sim do poder divino. E, por esta razão, não é lícito ao homem se matar a fim de passar para uma vida mais feliz.<sup>46</sup>

Puente nos apresenta outro dado histórico:

Para o bispo de Hipona, nenhuma razão justificaria a morte de si: nem o desejo de evitar as vicissitudes da vida nem o desejo de evitar a ação pecaminosa de outrem, nem a culpa pelos erros passados, nem a esperança da vida eterna ou a vontade de evitar o pecado.<sup>47</sup>

Para Agostinho, no *ibero arbítrio*, ainda que no decálogo haja a advertência de não matar, essa lei não está fadada à intransigência, mas acaba se complementando com permissões, e em casos específicos, há exceções e concessões à prática de eliminar a vida.

[...] Sansão (capítulo XXI), que apesar de ter se matado é exaltado como um herói pela tradição, Agostinho recorre - o que nos lembra a estratégia de Platão em relação à morte de Sócrates - à ideia de que em alguns casos, excepcionais obviamente, a morte de si mesmo pode ser ordenada quer "por uma lei geral e justa" quer "por ordem expressa de Deus".<sup>48</sup>

---

<sup>44</sup> HUME, David. **Do suicídio e outros textos póstumos**. Tradução de Jaimir Conte. 2. ed., Florianópolis: Nefelibata, 2004, p. 27.

<sup>45</sup> **Ibid**, p. 47.

<sup>46</sup> PUENTE, Fernando Rey. **Os filósofos e o suicídio**. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2008, p. 79.

<sup>47</sup> **Ibid**, p. 29.

<sup>48</sup> **Ibid**, p. 28.

Ora, toda regra em que há exceções deixa de ser regra. Como, então, basear a normalização ética em piso tão oscilante? Temos ciência de que os pais da Igreja eram, em sua grande maioria, contrários às ideias suicidas; no entanto, voltavam-se mais à interpretação ética da generalidade bíblica do que a um texto ou passagem específica. Refletiam, portanto, que a vida, ou a escolha pela vida, é atitude de fé e esperança, por isso está em conformidade com as Escrituras Sagradas.

Um dos fatos mais curioso que encontramos através dessa pesquisa está nas palavras de Durkheim. Segundo o autor, “os cantões católicos apresentam quatro e cinco vezes menos suicídios do que os cantões protestantes, seja qual for sua nacionalidade”.<sup>49</sup> Durkheim informa que os protestantes se suicidam mais do que os adeptos de outras religiões, afirmando que “por toda parte, sem nenhuma exceção, os protestantes fornecem muito mais suicídios do que os fiéis de outros cultos. A diferença oscila entre um mínimo de 20% a 30% e um máximo de 300%”.<sup>50</sup>

De todos os grandes Estados da Alemanha, é a Baviera que conta, de longe, menos suicídios, ou seja, apenas 90 suicídios anuais por milhão de habitantes desde 1874, ao passo que a Prússia tem 133 (1871-75), o ducado de Baden 156, Württemberg 162, a Saxônia 300. Ora, é lá também que os católicos são mais numerosos: 713,2 para 1.000 habitantes. Se, por outro lado, compararmos as diferentes províncias desse reino, veremos que os suicídios são diretamente proporcionais ao número de protestantes e inversamente proporcionais ao de católicos.<sup>51</sup>

Mas qual o motivo disso? Segundo o autor, liberdade e desagregação são fatores decisivos para a ampliação dos casos.

Enfim, nos dois cultos essas proibições têm um caráter divino; não são apresentadas como a conclusão lógica de um raciocínio bem feito, mas sua autoridade é do próprio Deus. Portanto, se o protestantismo favorece o desenvolvimento do suicídio, não é por tratá-lo de maneira diferente do catolicismo. [...] Ora, a única diferença essencial entre o catolicismo e o protestantismo é que o segundo admite o livre exame em proporção bem mais ampla do que o primeiro.<sup>52</sup>

---

<sup>49</sup> DURKHEIM, Émile. **O suicídio**: estudo sociológico. Tradução de Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2002, p. 153.

<sup>50</sup> **Ibid**, p. 155.

<sup>51</sup> **Ibid**, p. 152.

<sup>52</sup> DURKHEIM, Émile. **O suicídio**: estudo sociológico. Tradução de Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2002, p. 160.

Conforme vimos anteriormente, a liberdade conforme a entende o senso comum não tem a mesma conceituação que a expressa por Durkheim. Pelo que entendemos, ele aponta no catolicismo, pela sua hegemonia, um sistema mais hierárquico quanto às doutrinas e papéis desempenhados pelos adeptos, enquanto o protestantismo advoga as causas do “livre exame das Escrituras” abordado nas teorias de Martinho Lutero sobre o “Sacerdócio Universal dos Crentes”, acabando por conferir ao fiel um sentimento de individualidade maior do que o permitido pelo catolicismo. Durkheim chega “à conclusão de que a superioridade do protestantismo do ponto de vista do suicídio provém do fato de ele ser uma Igreja menos fortemente integrada do que a Igreja católica”.<sup>53</sup> Esse sentimento de individualidade, que é também de liberdade, acaba por gerar indivíduos solitários e desagregados, à margem da sociedade e da igreja. A gravidade, segundo ele, é que “quando o protestantismo se torna minoria, sua tendência ao suicídio diminui”.<sup>54</sup> Durkheim não cita o “Sacerdócio Universal”, mas trata das experiências e das interpretações e ensinamentos individuais, o fermento para as diversas ramificações eclesiais. Ele aponta que “o gosto pelo livre exame não pode advir sem estar acompanhado do gosto pela instrução”.<sup>55</sup>

[...] com efeito, que se, nos meios instruídos, a propensão ao suicídio se agrava, esse agravamento se deve, como dissemos, ao enfraquecimento das crenças tradicionais e ao estado de individualismo que resulta disso, pois ele desaparece quando a instrução tem outra causa e responde a outras necessidades.<sup>56</sup>

Apesar dessas estatísticas, sempre duvidosas, deve-se observar que não é porque o suicida diz participar de determinada religião que ele lhe seja fiel. Muitas vezes, tal indivíduo nem mesmo a frequenta, mantendo-se um religioso nominal.

Um outro problema nestes estudos é o fato de considerarem a denominação religiosa como a variável de análise da religiosidade. Entretanto, cada vez mais se tem percebido que muito mais importante do que qual religião um indivíduo professa, é o tipo e o grau de envolvimento que o indivíduo tem com a sua religião. Ou seja, o uso apenas da afiliação religiosa traz muito poucas informações válidas e úteis para o estudo do

---

<sup>53</sup> DURKHEIM, Émile. **O suicídio**: estudo sociológico. Tradução de Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2002, p. 160.

<sup>54</sup> DURKHEIM, op. cit., Nota: 53.

<sup>55</sup> **Ibid**, p. 155.

<sup>56</sup> DURKHEIM, op. cit., Nota: 53.

impacto da religiosidade na saúde (Jarvis e Northcott, 1987; Koenig, 2000).<sup>57</sup>

Tais dados sobre os diferentes modos de as igrejas lidarem com o ensino religioso, e o conseqüente impacto dessa diversidade na cultura ao derredor, sem dúvida é importante neste trabalho.

O protestantismo, com sua abordagem um tanto mais liberal da teologia, acaba, em alguns casos, por distanciar o fiel do senso de Eclésia (igreja), enquanto a Igreja Católica, pelos dogmas e pela tradição papal, oferece aos fiéis um sentimento de comunidade.

Em contrapartida, o catolicismo inibe mais expressividade do que o protestantismo. Para nós, o problema não é dar ao fiel maior senso de liberdade, mas entender se esse indivíduo tem condições de lidar com essa liberdade. Afinal, liberdade sem responsabilidade é outra prisão.

A busca da liberdade é a busca da autonomia, e buscar a morte é buscar essa autonomia em sua vertente mais existencial. Mas a autonomia, assim como a liberdade, é construção e conceito. Fairbairn afirma que a autonomia é liberdade de escolher o que fazer, sem se tornar alvo de censura.

Um indivíduo autônomo é a “sua própria pessoa”, no sentido de que está apto a escolher o que fazer, sem coação tanto exterior como interior. Ser completamente autônomo é algo pelo que devemos lutar sem atingi-lo [...] nossa capacidade de autonomia é influenciada tanto pelos aspectos de nossa formação como pelos aspectos do nosso ambiente físico e social.<sup>58</sup>

Fairbairn também denuncia que alguns, na intenção de proteger os indivíduos contra o suicídio, acabam protegendo-os contra a própria liberdade, o que ele denominou de “paternalismo”. Para ele, “um ato, de omissão ou de cometimento, será paternalista quando, sem a intenção de prejudicar, restringe a liberdade de agir de uma pessoa ou de pessoas autônomas”.<sup>59</sup>

Agostinho acredita que a liberdade do homem é submissa à autoridade de Deus:

---

<sup>57</sup> MELEIRO, Alexandrina M. A. da Silva. et al. **Suicídio: estudos fundamentais**. São Paulo: Segmento Farma, 2004, p. 55.

<sup>58</sup> FAIRBAIRN, Gavin J. **Reflexões em torno do suicídio: a linguagem e a ótica do dano pessoal**. Tradução de Atílio Brunetta. São Paulo: Paulus, 1999, p. 221.

<sup>59</sup> **Ibid**, p. 206.

Na concepção de S. Agostinho, [...] há no homem um livre arbítrio da vontade, do contrário de nada lhe serviriam os preceitos divinos.<sup>60</sup> Quando se despreza o amor da sabedoria e deseja-se o conhecimento mediante a experiência do mutável e temporal, há uma forma de ação semelhante à dos animais irracionais (*iumentisinsipientibus*). Mas nenhum ser, enquanto criatura, pode querer contra a criação. Isso seria absurdo. No caso do suicídio, estaríamos diante de um querer dirigido não apenas contra a vontade criadora, mas também contra a do sujeito que quer e que não quer, visto que a preservação da vida é um dom natural.<sup>61</sup>

Mas tomar a lei bíblica como argumentação moral e ética sempre foi alvo de intensas polêmicas na história da interpretação bíblica:

No *De libero arbítrio*, o autor partia da constatação de que nos vemos forçados a reconhecer a existência de uma espécie de homicídio que não seria propriamente quebra da lei. Refere-se ao caso no qual não se encontra a primazia de um desejo mau. Daí o exemplo de um soldado que mata o seu inimigo ou do juiz que executa o criminoso, ambos no exercício pleno de sua função. Em tais exemplos, a justificativa é a de que vigora a força da lei, fundamento da *civitas* justa, uma vez que é pela própria força da lei, e não contra a lei, que se mata ou se manda matar.<sup>62</sup>

A liberdade não está desvinculada da responsabilidade com o próprio sujeito, com outros e com Deus. O texto bíblico afirma: “Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças; [...] Amarás o teu próximo como a ti mesmo [...]” (Marcos 12:30-31). Ou seja, a Deus, ao outro e a si – três pessoas coexistem na narrativa. Não encontramos fonte para afirmar que Aquino se baseou também nesse texto para sua posição tripartida contra o suicídio, apenas entendemos que esse texto denota uma responsabilidade do ser em uma esfera tripla.

---

<sup>60</sup> De gratia et lib. arb. II, 2

<sup>61</sup> GÓES, Paulo de. **O problema do suicídio em Santo Agostinho à luz do De Civ. Dei**. Tese de Doutorado da Universidade Estadual de Campinas, SP: 2004. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000324569>>&fd=y>. Acesso em: 21 jul. 2012.

<sup>62</sup> GÓES, Paulo de. **O problema do suicídio em Santo Agostinho à luz do De Civ. Dei**. Tese de Doutorado da Universidade Estadual de Campinas, SP: 2004. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000324569>>&fd=y>. Acesso em: 21 jul. 2012.

### 3 SUICÍDIO NA CULTURA

Segundo Durkheim, os fatos convergem para demonstrar que se “os alemães se matam mais do que os outros povos, a causa disso não está no sangue que corre em suas veias, mas na civilização em cujo seio eles são educados”.<sup>63</sup> Durkheim faz notas semelhantes a essa diversas vezes em seu livro. Essas informações são importantes, pois já não situa o suicídio apenas nos fatores psicológicos (pessoais), mas também na educação cultural recebida pelo povo. A educação, com isso, pode transmutar-se em fator decisivo, já que ela é permeada de conceituações que não somente nos dá suporte para entender o mundo, mas também nos define.

O horror primitivo ao suicídio, que sobreviveu por tanto tempo na Europa, era portanto um horror ao sangue perversamente derramado e ao espírito inquieto. Na prática, isso significava que o suicídio era equiparado ao assassinato. Daí, presume-se, o costume de punir o corpo do suicida, como se ele fosse culpado de um crime capital, pendurando-o na forca.<sup>64</sup>

A cultura tem tamanha responsabilidade pela decisão individual, para a vida ou morte, que Durkheim afirma a existência, para cada grupo social, de uma tendência específica ao suicídio não explicada nem pela constituição orgânico-psíquica individual nem pela natureza do meio físico. Tal fato responsabiliza, pelo menos em parte, o contexto em que jazem os indivíduos.

#### 3.1 FILOSOFIA DA GRÉCIA ANTIGA

A descrição mais antiga de suicídios é traçada a partir de 2.500 a.C. na antiga cidade de Ur, na Mesopotâmia.<sup>65</sup> Evidentemente, essa data não significa o início da

---

<sup>63</sup> DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**: estudo sociológico. Tradução de Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2002, p. 71.

<sup>64</sup> ALVAREZ, A. **O deus selvagem: um estudo do suicídio**. Tradução de Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.63.

<sup>65</sup> ENCICLOPÉDIA Delta de História Geral. Rio de Janeiro: Delta, 1969, vol. 1, p. 26 apud SILVA, 1992, p. 9.

morte voluntária. No máximo, um dos seus primeiros registros. Abaixo discursaremos sobre alguns filósofos gregos pró e contra a morte voluntária.

### 3.1.1 Contrário ao suicídio

Os gregos foram os primeiros a se opor ao suicídio por legislação, preocupados, no entanto, muito mais com a *polis* do que com os indivíduos que se matavam. O suicídio, assim, não era proibido, desde que não prejudicasse a *polis*. Como afirma Alvarez (1999), era uma preocupação “estritamente econômica”.

Puente escreve que foram os gregos os primeiros a escrever sobre suicídio:

Pode-se claramente indicar como de procedência pitagórica o primeiro argumento contrário à morte voluntária de que temos notícia. Ele aparece textualmente, contudo, apenas em um texto platônico, mais precisamente no célebre diálogo Fédon (61 b-62c), no qual Sócrates, feito prisioneiro, dialoga com alguns de seus discípulos sobre a sua morte iminente. Ele defende a importância de saber deixar a vida, pois a filosofia, explica ele a seus jovens interlocutores, é um exercício de aprender a morrer.<sup>66</sup>

A filosofia grega desaprova o suicídio. Para Alvarez, o pensador Sócrates desaprova o suicídio, tomando cicutas por questões filosóficas. Sócrates dá a entender que só bebeu veneno porque não havia outra opção.<sup>67</sup>

Aristóteles introduz um outro argumento para reprovar a morte de si, um argumento que também fará história, o de que essa morte lesa a cidade. No livro V da *Ética a Nicômaco* (EN), que trata da justiça, encontramos uma das poucas passagens na qual o Estagirita [sic] se refere explicitamente ao nosso tema. Explica que, na verdade, aquele que se mata voluntariamente comete injustiça não em relação a si mesmo, mas sim em relação à cidade.<sup>68</sup>

A desaprovação grega do suicídio foi importantíssima para a discussão do tema, mesmo se restringindo a aspectos da responsabilidade social do ente.

---

<sup>66</sup> PUENTE, Fernando Rey. **Os filósofos e o suicídio**. Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 17.

<sup>67</sup> ALVAREZ, A. **O deus selvagem**: um estudo do suicídio. Tradução de Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 72.

<sup>68</sup> **Ibid.** p. 19.



### 3.1.2 A favor do suicídio

Mas nem todos os filósofos gregos eram contrários à morte voluntária. Alvarez mostra que muitos não somente recomendavam, mas faziam doutrinas sobre a legitimação do suicídio<sup>69</sup> ensinando inclusive maneiras de realiza-lo.

Em Atenas, assim como nas colônias gregas de Marselha e Cea, onde a cicuta foi desenvolvida e cujos costumes inspiraram Montaigne em sua eloquente defesa do suicídio nobre, os magistrados mantinham um estoque de veneno para as pessoas que desejassem morrer. Tudo o que se exigia era que elas, antes, defendessem sua causa perante o senado e obtivessem permissão oficial.<sup>70</sup>

Sêneca descreve sua crença, dando à morte um papel de fuga ou/e consolo para os males da vida:

Homem tolo, de que te lamentas e de que tens medo? Para onde quer que olhes existe um fim para os males. Vês aquele precipício escancarado? Ele leva à liberdade. Vês aquele oceano, aquele rio, aquele poço? A liberdade mora dentro deles. Vês aquela pobre árvore mirrada e seca? De cada galho seu pende a liberdade. Teu pescoço, tua garganta, teu coração, todos oferecem tantos meios para fugir da escravidão. [...] Indagas o caminho para a liberdade? Tu o encontrarás em cada veia de teu corpo. (Sêneca).<sup>71</sup>

Segundo Berenchtein Netto (2007), citado por Liliane M. A. da SILVA, Pisithonata é um bom exemplo da tolerância grega ao suicídio. Ele auto intitulava-se “professor da morte” (aquele que aconselha a morte) e ensinava seus discípulos a morrer por meio do fogo. No Egito, existiu a Escola *Sinapotumenos*, que significa “matar juntos”.<sup>72</sup> O filósofo grego Sêneca acreditava que o suicídio de Catão era o triunfo da vontade

<sup>69</sup> A palavra suicídio não existia na época. A palavra aparece em 1737 por um autor denominado Desfontaines, significando: no latim – sui (si mesmo) e caederes (ação de matar).

<sup>70</sup> ALVAREZ, A. **O deus selvagem**: um estudo do suicídio. Tradução de Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 63.

<sup>71</sup> SILVA, Liliane M. A. da. **A corrente suicidógena de Durkheim e suas relações com as manifestações da pulsão de morte na cultura em Freud e Lacan...** Dissertação de Mestrado da Pontifícia Universidade Católica de Minas, MG: 2007. Disponível em: <[https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:aib6q1Mnya8J:www.pucminas.br/documentos/dissertacoes\\_liliane\\_silva.pdf+&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEEShO\\_c\\_25yC3JnX355ya5KeLt29sAJqtnXF2JJJa\\_x\\_9cIDMuDFgnst8-xSFxpsfkWGWm87OU\\_NuUEUhBmfVy2\\_KopkTDIOPpKsjHO1KSq9biw4L2vM2um\\_e05O2oSA2ILScg bQ7F&sig=AHIEtbQF1Yb5s050AZgwYKyOgrUynNhZUA](https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:aib6q1Mnya8J:www.pucminas.br/documentos/dissertacoes_liliane_silva.pdf+&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEEShO_c_25yC3JnX355ya5KeLt29sAJqtnXF2JJJa_x_9cIDMuDFgnst8-xSFxpsfkWGWm87OU_NuUEUhBmfVy2_KopkTDIOPpKsjHO1KSq9biw4L2vM2um_e05O2oSA2ILScg bQ7F&sig=AHIEtbQF1Yb5s050AZgwYKyOgrUynNhZUA)>. Acesso em: 12 dez. 2012.

<sup>72</sup> DA SILVA, Marcimedes Martins. **Suicídio**: trama da comunicação. Dissertação de Mestrado da PUC-SP: 1992. Disponível em: <<http://www.avesso.net/suicidio.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

humana sobre as realidades terrestres, das coisas efêmeras.<sup>73</sup> Muitos relatos de historiadores denunciam as culturas arcaicas que favoreciam ideias e ideais de suicídio e morte. Muitas, não vendo a velhice nem o ato de envelhecer como algo positivo, incentivavam a prática do suicídio e da morte violenta pela guerra, chegando a criar mitos de recompensas pós-morte.

Berenchtein Netto<sup>74</sup> nota que, baseados nesses relatos, Kalina e Kovadloff<sup>75</sup> indicam a existência, nessas culturas, de uma indução comunitária à morte era estimulada, legitimada e doutrinada, como no caso de se permitir morrer em vez de se entregar a morte. O suicídio nessas culturas se torna um dever. A indução comunitária ao suicídio era extremamente poderosa e desatendê-la significava marginalizar-se.<sup>76</sup>

Com a entrada em cena dos estoicos, o tema da morte de si receberá outra contribuição importante que também legará para a posteridade alguns dos mais importantes argumentos e imagens, neste caso, favoráveis à morte voluntária ao menos sob algumas circunstâncias. Em uma passagem célebre, Diógenes Laércio menciona os dois principais motivos em função dos quais o sábio estoico deixará racionalmente a vida, a saber, por causa de sua pátria e de seus amigos ou por causa de estar submetido a uma dor muito aguda, a enfermidades ou a doenças incuráveis.<sup>77</sup>

O mesmo autor, Berenchtein Netto, já comenta que o suicídio na Grécia Antiga “era tido como um ato vergonhoso e de rebeldia para com os deuses razão porque o suicida não tinha direito aos rituais fúnebres tradicionais, por infringir uma dívida do Olimpo”.<sup>78</sup> Essa aparente contradição apenas mostra que, mesmo as sociedades aqui apontadas como tendo uma postura maioritária de ser contra o suicídio, há sempre uma tendência de tipificar um suicídio heroico (altruísta) e outro marginal (egoístico). Saraiva (1999) ainda mostra o pensamento de legalidade cívica quanto ao suicídio: “Platão considera que a mão do suicida deve ser amputada e queimada

<sup>73</sup> cf. De prov., 2,9. Epist. 71,16)

<sup>74</sup> Cf. BERENCHTEIN NETTO, N. **Suicídio**: uma análise psicossocial a partir do materialismo histórico dialético. Dissertação de Mestrado da Pontifícia Universidade Católica, São Paulo: 2007. 168p.

<sup>75</sup> Eduardo Kalina é psicanalista; Santiago Kovadloff é filósofo e ensaísta. Ambos são argentinos e ativistas ecológicos. A edição original da obra em castelhano data de 1980.

<sup>76</sup> Alfred Alvarez é ensaísta e crítico literário inglês; o “Deus Selvagem” foi escrito principalmente para contar a história do suicídio de Sylvia Plath, porém desenvolve uma contextualização histórica sobre o tema que é referência na maioria dos estudos sobre esse fenômeno, principalmente no Brasil. O epílogo dessa obra conta a experiência do autor em uma tentativa de suicídio. A edição original em inglês data de 1971.

<sup>77</sup> PUENTE, Fernando Rey. **Os filósofos e o suicídio**. Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 68.

<sup>78</sup> SARAIVA, Carlos Braz. **Para-suicídio**: Contributo para uma compreensão clínica dos comportamentos suicidários recorrentes. Salvador: Quarteto, 1999, p. 19.

à parte, enquanto que ao corpo não são devidas quaisquer exéquias, lápide ou monumento funerário”.<sup>79</sup> Aristóteles descaradamente assume a sua preocupação é com a pátria. Ainda assim, suicidas patriotas, tais como Kodios (que se sacrificou para salvar Atenas dos lacedemônios), e Temístocles (que preferiu envenenar-se a conduzir os persas contra os seus compatriotas), eram venerados como heróis. O suicídio sempre encontra um meio de existir.

### 3.2 RELIGIÕES

Praticamente todas as religiões, com menor ou maior ênfase, condenam o suicídio. No seu âmbito, encontra-se o argumento da responsabilidade individual (que pode levar tanto ao auto aperfeiçoamento quanto à culpa e a neuroses), e da esperança, que abordaremos adiante.

As religiões, como norma geral, condenam enfaticamente a interrupção voluntária da vida. Tendem considera-la como um sagrado dom de Deus do qual o ser humano não deveria se dispor voluntariamente. Com algumas variações, esta visão existe no Cristianismo, Islamismo, Judaísmo e Hinduísmo. O Budismo, apesar de não cogitar da existência de Deus, também tem uma postura, embora menos enfática, de desaprovação do suicídio (Pessini, 1999; Bathia, 2002). Além disso, a grande maioria da população no mundo professa alguma religião, o que deveria tornar o estudo entre a religiosidade e suicídio um tema relevante. Contudo, esse ainda é um tema muito negligenciado nas pesquisas, as escalas de risco de suicídio ignoram quase completamente a religião e espiritualidade.<sup>80</sup>

A vida tem sentido de sagrada, criando um ambiente de combate ao suicídio, embora haja certa permissividade em alguns casos nas religiões afora. Segundo Arthur Schopenhauer (1966) acredita que são as religiões semíticas (monoteístas) os maiores combatentes contra o suicídio. O Islamismo combate o suicídio como mais grave do que o homicídio. No Alcorão está expresso: “[...] não cometais

---

<sup>79</sup> SARAIVA, Carlos Braz. **Para-suicídio**: Contributo para uma compreensão clínica dos comportamentos suicidários recorrentes. Salvador: Quarteto, 1999, p. 19..

<sup>80</sup> MELEIRO, Alexandrina M. A. da Silva et al. **Suicídio**: estudos fundamentais. São Paulo: Segmento Farma, 2004, p. 53.

suicídio, porque Deus é Misericordioso para convosco.”<sup>81</sup> Para algumas tribos africanas o suicídio era tido por efeito de influências de forças malignas, sendo temido. No primeiro dos Três Caminhos do budismo, a destruição de qualquer forma de vida é vista como algo negativo, entendendo-se como proibida também a morte voluntária. Entretanto Maria Luiza Dias nos traz um fato que acaba favorecendo outra posição budista quanto ao suicídio:

Cabe aqui lembrar que Buda morreu de morte voluntária, acreditando que sua missão já estava cumprida, o que traz uma influência religiosa na cultura japonesa de perspectiva bem diferente do que nas culturas onde predomina a influência cristã. No budismo, na busca da pureza da moral, na busca da verdade, é preciso saber a tudo abandonar. Buda praticou o haraquiri e decidiu sobre sua morte. Seus seguidores, de alguma maneira, procuram preservar tais princípios.<sup>82</sup>

Culturas religiosas como a do Japão, Índia e China, nas quais é maior a permissividade quanto à prática do suicídio, o índice desses acontecimentos sempre foi alarmante.<sup>83</sup> Tal dado enriquece a evidência da influência da educação religiosa na cultura, com reflexo nos casos de suicídios.

Também para o hinduísmo o suicídio é um erro grave. O suicídio apenas acelera a intensidade do karma, trazendo uma série de nascimentos menores requerendo várias vidas para a alma retornar ao ponto evolucionário em que se estava antes. Admitem-se exceções, mas não é suficiente estar infeliz, desapontado ou angustiado pela perda de pessoas queridas, dano físico ou perda pessoal. A quem for jovem e saudável o suicídio não é permitido.<sup>84</sup>

---

<sup>81</sup> ALCORÃO sagrado. Versão portuguesa diretamente do árabe por Samir El H. São Paulo: Tangará, 1975. s. IV, v. 29.

<sup>82</sup> DIAS, Maria Luiza. **Suicídio**: testemunho do adeus. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 48.

<sup>83</sup> SUICÍDIO: um milhão por ano. Disponível em:

<<http://www.arcauniversal.com/noticias/internacional/noticias/suicidio-um-milhao-por-ano-16958.html>>. Acesso em: 16 jul.2013.

<sup>84</sup> GONÇALVES, José António Saraiva Ferraz. **A boa morte**: ética no fim da vida. Dissertação de Mestrado em Bioética da Faculdade FMUP, Portugal, 2006. Disponível em:

<[https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=9&cad=rja&ved=0CHIQFjAI&url=http%3A%2F%2Frepositorio-aberto.up.pt%2Fbitstream%2F10216%2F22105%2F3%2FA%2520Boa%2520Morte%2520%2520tica%2520no%2520Fim%2520da%2520Vida.pdf&ei=W\\_zrUJCIM4Ws8QTKzYGoBg&usg=AFQjCNE2NwZY7Jllocff8mjSnB41ya2LiIA&sig2=3zK2Hg7eSkcKke\\_Qkrnc3g&bvm=bv.1357316858,d.eWU](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=9&cad=rja&ved=0CHIQFjAI&url=http%3A%2F%2Frepositorio-aberto.up.pt%2Fbitstream%2F10216%2F22105%2F3%2FA%2520Boa%2520Morte%2520%2520tica%2520no%2520Fim%2520da%2520Vida.pdf&ei=W_zrUJCIM4Ws8QTKzYGoBg&usg=AFQjCNE2NwZY7Jllocff8mjSnB41ya2LiIA&sig2=3zK2Hg7eSkcKke_Qkrnc3g&bvm=bv.1357316858,d.eWU)>. Acesso em: 7 jan.2013.

Apesar disso, Alvarez,<sup>85</sup> comenta sobre o *sati* hindu, uma forma de morte voluntária por ensino da cultura religiosa. Por todas as religiões, vemos a mesma referência, que, embora se posicione contrariamente ao suicídio, sob outra camada deixa entrever certa permissividade. Parte do cristianismo e do islamismo<sup>86</sup> também acaba favorecendo ideias de abreviação da morte, embora, muitas vezes, por erros exegéticos. No México antigo, a deusa Maya Ixtab<sup>87</sup> era a protetora dos suicidas. Os vikings, seguindo o exemplo do deus Odin, suicidavam-se em atos de violência e por causa de idade avançada.

Era frequente o suicídio por estes motivos entre os gauleses (cf. Guerra das Gãlias [sic] VI, 14, de Júlio César). Estes foram influenciados pelos druidas, sacerdotes detentores do saber celta que acreditavam na reencarnação da alma. Quinto Cúrcio escreveu a seu respeito: “Entre os povos primitivos existe uma espécie de homens selvagens e grosseiros a quem se atribui o nome de sábios. Para eles é uma glória antecipar o dia da morte natural, fazendo-se queimar vivos quando a sua idade avançada ou a doença começam a atormentá-los”. Na mesma obra, no Livro VIII, 9, o autor afirma: “Quando a morte é esperada, segundo eles, torna-se desonra para a vida, não prestando qualquer homenagem aos seus corpos que a velhice destruiu. O fogo se tornaria impuro se não recebesse o homem ainda respirando”.<sup>88</sup>

A exemplo dos esquimós iglulik, estudados por Alvarez (1999), há vários casos de tribos indígenas que praticam o suicídio, alegando interpretações religiosas. Seitas de várias religiões, tais como a Ordem do Templo Solar (*Ordre du Temple Solaire*–OTS), a Heaven's Gate e a Peoples Temple não só apoiam o suicídio como os cometem em rituais.

Notoriamente, em época mais recente, os suicídios em massa muitas vezes estiveram vinculados a personagens do estilo dos gurus, em movimentos de culto. Um exemplo disso foi o chamado massacre de Jonestown, de 1978,

---

<sup>85</sup> ALVAREZ, A. **O deus selvagem**: um estudo do suicídio. Tradução de Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 68.

<sup>86</sup> Não é necessária muita pesquisa para levantarmos casos de morte por martírio, recompensas ou virtude, como, por exemplo, na religião cristã na antiguidade, e na islâmica atual; que, em certos casos, tem mais haver com vaidade do que com a preservação da vida alheia.

<sup>87</sup> SUICÍDIO e cultura: uma proposta para o fortalecimento da rede de cuidados em saúde mental. Disponível em:

<[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:aKTLn2iku0QJ:www.abp.org.br/medicos/publicacoes/debates/Debates\\_SetOut2010.pdf+%cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:aKTLn2iku0QJ:www.abp.org.br/medicos/publicacoes/debates/Debates_SetOut2010.pdf+%cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br)>. Acesso em: 8 jan.2013.

<sup>88</sup> BAUTISTA, Mateo. **Ajuda perante o suicídio**. Tradução: Júlio Munaro. São Paulo: Paulinas. 2000, p. 11.

nas Guianas, no qual centenas de seguidores do reverendo Jim Jones se mataram, bem como aos seus próprios filhos.<sup>89</sup>

O estudo do fenômeno doutrinário desses movimentos radicais de morte comunitária mostra que o suicídio não pode ser visto apenas (ou simplesmente) como fruto de desvio de personalidade, mas comporta elementos dos mais variáveis que precisam ser considerados pelas áreas da filosofia, sociologia e teologia.

### 3.3 RELIGIÃO JUDAICA

Como veremos adiante, a Bíblia não proíbe explicitamente o suicídio, assim como não o permite. A religião judaica (mosaica), que foi base para a cristã, tem a vida como dádiva divina e, por isso, sagrada. Entendemos que ser sagrado é ser uma oferta para Deus. Essa oferta não significa um ato de nos dar à morte. Só há três menções nos textos canônicos ao envolvimento de oferta (holocausto) de pessoas vivas por “servos de Javé”: Gênesis 22: 1-19; Juízes 11: 30, 31; e II Reis 10: 19. No primeiro caso, Abraão é impedido de matar o filho em sacrifício a Javé. No segundo, Jefté, por conta e risco próprios, faz voto de holocausto de alguém de sua casa (que acabou sendo a filha única) a Deus por vitória concedida. No terceiro caso, Jeú engana os adoradores do deus Baal, matando-os como se em holocausto ao próprio Baal. Dos três casos, somente no primeiro pede-se sacrifício humano, que não se consuma. O segundo é muito rebatido pelos exegetas, na grande maioria defensores de que o sacrifício de Jefté foi não permitir à filha casamento e descendência (Juízes 11: 38). O último caso em nada aponta que Deus tenha ordenado a Jeú agir daquela maneira. O texto de Oséias 1:4, na verdade, condena Jeú por diversas ações. Afinal, os sacrifícios humanos foram expressamente proibidos por Deus (Levítico 18: 21; 20:1-5; 2Crônicas 33:6). Todos os casos bíblicos de suicídio que analisamos, como veremos adiante, foram motivados por vergonha e sentimento de abandono.

---

<sup>89</sup> FAIRBAIRN, Gavin J. **Reflexões em torno do suicídio**: a linguagem e a ótica do dano pessoal. Tradução: Atílio Brunetta. São Paulo: Paulus, 1999, p. 180.

Quando grande número de pessoas se suicida juntas, costumamos nos referir ao mesmo como a um caso de suicídio em massa. Esta autodestruição em comum ocorreu ao longo de toda a história. Um exemplo histórico é o de cerca de mil judeus na fortaleza do deserto de Massada que, em 72 d.C., se mataram para não se submeterem à lei romana. Embora o suicídio seja considerado um homicídio e, portanto, condenado pela lei judaica, este evento muitas vezes é considerado um exemplo de coragem em face do inimigo.<sup>90</sup>

Flávio Josefo (cf. *De Bello Judaico*, III, 26) também relata o suicídio coletivo dos 40 refugiados num subterrâneo de Jerusalém, durante o cerco romano, sem o peso da interpretação negativa.

### 3.4 CRISTIANISMO

Segundo Landsberg, citado por Puente, a religião cristã difere de todas as demais por combater mais frontalmente o suicídio.

Landsberg começa seu texto constatando a singularidade cristã diante do problema do suicídio, ao ser “a única religião que não admite nenhuma exceção no que concerne a esse tema”.<sup>91</sup>

O dado fundamental da teologia é de que a vida é dom de Deus, vem dele. Ele lhe é o princípio último. É a lição maravilhosa das primeiras páginas do livro do Gênesis. Hoje todos sabemos pela ciência que o início da humanidade foi obscuro. O homem apenas se distinguia do animal.<sup>92</sup>

Como veremos neste capítulo, o suicídio passou por mudanças de entendimento com o advento do Cristianismo.

---

<sup>90</sup> FAIRBAIRN, Gavin J. **Reflexões em torno do suicídio**: a linguagem e a ótica do dano pessoal. Tradução: Atílio Brunetta. São Paulo: Paulus, 1999, p. 180.

<sup>91</sup> PUENTE, Fernando Rey. **Os filósofos e o suicídio**. Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 43.

<sup>92</sup> D'ASSUMPÇÃO, Evaldo Alves et al. **Morte e suicídio**: uma abordagem multidisciplinar. Petrópolis: Vozes, 1984, p.76.

Schopenhauer escreve que na antiguidade (antes do Cristianismo), o suicídio era muitas vezes recomendado e honorável. Segundo ele, o sacrifício na cruz significa vida.

### 3.4.1 Suicídio por martírio

Para Maria Vomero, a religião pode influir tanto contrária quanto favoravelmente ao suicídio, neste último caso, cobrindo-o com a máscara do martírio.

[...] a religião pode ser também fator de estímulo para os “suicídios altruístas ou heroicos”, na definição de Durkheim. Cada membro do grupo está disposto a sacrificar a sua vida em prol das crenças. “Os casos mais recentes são os dos homens-bomba entre os palestinos e dos suicidas de 11 de setembro, relacionados a situações políticas muito específicas e à crença religiosa islâmica”<sup>93</sup>

Muitos, como os donatistas (século IV) e o catarismo (século XI), interpretavam, segundo Paulo de Góes, o martírio como sinal de fé genuína, incentivando a prática:

[...] pretendiam resgatar a memória dos mortos, mas o ponto principal a ser lembrado é o de que seus membros, em determinadas ocasiões, iam ao extremo de tirar a própria vida, sob o pretexto de fundo místico, arrogando para si a glória do martírio, à semelhança dos cristãos da Igreja nascente”.<sup>94</sup>

Para D’Assumpção, o pensamento doutrinário que nutria no crente a esperança de morte por martírio embasava-se na fé na abreviação da espera do encontro com Deus. Assim, “o suicídio poderia ser tomado então como algo saudável, pois seria a busca mais rápida deste encontro com o Pai”.<sup>95</sup>

---

<sup>93</sup> VOMERO, Maria Fernanda. **Por que uma pessoa se mata?** Super Interessante. São Paulo. 184. p.37-43, jan. 2003. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cotidiano/pessoa-se-mata-443557.shtml>>. Acesso em: 6 jan. 2013.

<sup>94</sup> GÓES, Paulo de. **O problema do suicídio em Santo Agostinho à luz do De Civ. Dei**. Tese de Doutorado da Universidade Estadual de Campinas, SP: 2004. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000324569>>&fd=y>. Acesso em: 21 jul. 2012.

<sup>95</sup> D’ASSUMPÇÃO, Evaldo Alves et al. **Morte e suicídio: uma abordagem multidisciplinar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984, p. 97.



Nos primeiros passos da Igreja Cristã houve perseguição. Os teólogos, estudiosos, líderes e pessoas de influência na Igreja dedicaram grande parte dos discursos a temas de motivação e justificativas quanto às angústias sofridas (leia-se, por exemplo, 1 Pedro, capítulo 1). Esses textos embasam a fé dos crentes. Com o tempo, morrer pela fé torna-se ato heroico, semelhante ao praticado pelos heróis da mitologia grega e romana. Essa doutrina de um tipo de martírio provocado foi o que motivou Agostinho a levantar o problema da legitimidade da morte voluntária.

É, de modo geral, consensual ver em Santo Agostinho, o continuador de São Clemente (Stromates, e a sua denúncia dos “*atletas da morte*”), e o ponto de ruptura em matéria de moral do suicídio: “*Há um tempo para os mártires, um outro em que o seu ato está fora do tempo, em que a sua dedicação muda de nome: é toda a diferença que existe entre a época de Tertuliano e a de Santo Agostinho*” Para o autor do *Contra Gaudentium* (2, 12, 13), repreendendo este bispo seduzido pelo suicídio em alternativa a deixar-se despojar da sua igreja, o suicídio é uma “superstição”, porque constitui um falso ato religioso.<sup>96</sup>

Esse “suicídio devoto” acabou se alastrando, a ponto de culminar na preocupação de Agostinho na conciliação exegética por cartas, ao argumentar que o cristianismo enfoca a vida e não a morte (palavras nossas). Alvarez acredita que os cristãos “se apropriaram da serenidade estoica”<sup>97</sup> e das posturas romanas em relação ao suicídio e à morte, mas subverteram-nas. Para os cristãos, o suicídio passou a ser uma forma de martírio: “da mesma forma que o batismo purgava o pecado original, o martírio apagava todas as transgressões posteriores”.<sup>98</sup>

Para Agostinho, o desejo de alento do suicida em potencial não é justificável. Ele reflete que esse sentimento não é natural, pois o homem não tem o poder da vida e nem da morte.<sup>99</sup>

Para Georges Minois, a argumentação contrária de Agostinho é algo de seu tempo, motivado por acontecimentos da época: “O triunfo da oposição sistemática ao

---

<sup>96</sup> DAUZAT, Peirre-Emmanuel. **O suicídio de Cristo**. Tradução de Francisco Custódio Marques. Lisboa: Ed. Notícias, 2000, p. 89.

<sup>97</sup> ALVAREZ, A. **O deus selvagem**: um estudo do suicídio. Tradução de Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 79.

<sup>98</sup> NETTO, Berenchein N. **Suicídio**: uma análise psicossocial a partir do materialismo histórico dialético. Dissertação de Mestrado da Pontifícia Universidade Católica, São Paulo: 2007. 168p.

<sup>99</sup> O livro de Eclesiastes, capítulo 3, denota essa concepção de finitude humana, narrando que somos servos da temporalidade, ou seja, estamos submissos ao tempo e suas consequências. Não somos senhores do tempo; por isso, não temos o direito sobre nosso próprio tempo (Mateus 5:36).

suicídio a partir de Santo Agostinho é mais resultado do contexto histórico do que consequência de um princípio claro e fundamental da doutrina original”<sup>100</sup>

[...] o único registro bíblico com que contava para sustentar seu argumento era uma interpretação especial do sexto mandamento: “Não matarás”. Os bispos foram incitados a entrar em ação por santo Agostinho; mas Agostinho, como observou Rousseau, tira seus argumentos do Fédon de Platão, não da Bíblia. Os argumentos de Agostinho foram instigados pela suicidomania [sic] que era, acima de qualquer outra coisa, a marca distintiva dos primeiros cristãos.<sup>101</sup>

Alvarez interpreta que a prática do suicídio era comum dos primeiros cristãos, mas o tema passou por mudança posterior, para uma posição contrária ao ato. Entretanto nem todos concordam. Dauzat, citado por Góes, escreve que os tais martírios dos cristãos não eram prática comum, mas alguns do povo (e poucos líderes) viam no martírio um ideal, um sinal de boa fé e de determinismo.

Contudo, como sugere Walker, tal celebração pertence ao que ele denomina de “cristianismo popular”, no sentido de que foi a opinião popular que sancionou a prática da comemoração dos mártires por meio da oração e culto. Surgiu, então, na expressão de *Hamack*, um cristianismo popular de “segunda classe”, pois, para o povo em geral, os mártires ocupavam o lugar dos antigos deuses e heróis.<sup>102</sup>

Para Alvarez, o cristianismo, que nasceu como religião para os pobres e rejeitados, aproveitou-se dessa sede de sangue, “combinou-a com o hábito do suicídio, e transformou a ambos numa sede de martírio”.<sup>103</sup>

Agostinho combateu o grupo dos donatistas e sua doutrina de martírio. Segundo essa doutrina, o céu estava reservado àqueles que “entregavam sua vida” com o sentido de morrer por uma perseguição, não importando se essa perseguição fosse genuína ou provocada pelo candidato ao martírio. Agostinho luta contra tais

---

<sup>100</sup> MINOIS, Georges. **História do Suicídio**. Lisboa: Teorema, 1998, p. 74.

<sup>101</sup> ALVAREZ, A. **O deus selvagem**: um estudo do suicídio. Tradução de Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 63.

<sup>102</sup> GÓES, Paulo de. **O problema do suicídio em Santo Agostinho à luz do De Civ. Dei**. Tese de Doutorado da Universidade Estadual de Campinas, SP: 2004. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000324569>>&fd=y>. Acesso em: 21 jul. 2012.

<sup>103</sup> ALVAREZ, A. **O deus selvagem**: um estudo do suicídio. Tradução de Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 77.

concepções doutrinárias, as quais, pensa ele, distorcem a real interpretação de dar a vida pela fé.

Eusébio de Cesaréia faz menção de alguns casos de suicídio, vistos como martírio, no contexto da implacável perseguição sofrida pelos cristãos. [...] o de S. Apolônia, [...] de S. Lourenço [...]Esses casos citados por Eusébio [...], tenderam a fazer com que alguns pensadores cristãos e, muito especialmente a população, considerassem os praticantes de tal ato envolvidos numa espécie de “suicídio religioso”, equiparando-se, portanto, ao martírio. Afinal, naquela época, o status de martírio era invejável. [...] Esse ato, dentro do contexto de perseguição, era um ponto culminante da fidelidade, razão por que os mártires passaram a ser venerados até mesmo dentro do culto cristão, a partir do séc. II, expressando o apreço da comunidade.<sup>104</sup>

Para Agostinho, o problema do suicídio estava muito ligado à ética, pois o cristão, tendo bom relacionamento com Deus, e com isso, com o Espírito de Deus, que é vida, não podia amar a morte ou odiar tanto a vida a ponto buscar a morte. Com isso, na interpretação de Agostinho, matar-se é pior do que matar o outro.

Nas palavras de Paulo de Goés, “segundo S. Agostinho, o suicídio tira a possibilidade de uma conversão sincera, dada a irreversibilidade do ato”.<sup>105</sup> Netto afirma:

A partir da proposta de Santo Agostinho, considerou-se que se um indivíduo tirasse a própria vida com o intento de expiar seus pecados, ele estaria usurpando a função que cabia ao Estado e à Igreja; se morresse inocente com o intuito de escapar ao pecado, estaria sujando suas mãos com seu próprio sangue inocente, o que tornava o suicídio um pecado pior do que qualquer outro, já que morto não teria como se arrepender (ALVAREZ, 1999 p. 80-81 apud NETTO, 2007, p. 168).

Puente, citando Schopenhauer, estabelece um paralelo interessante entre o asceta e o suicida:

O suicida, nos esclarece Schopenhauer, recusa viver por causa dos males e sofrimentos da vida, o asceta por causa dos prazeres e alegrias da vida, logo, somente ele [o asceta], de acordo com nosso pensador, transcende realmente a Vontade [...] Schopenhauer se aproxima da posição monoteísta tradicional, ao reprovar o suicídio, sem, contudo, identificar-se a mesma,

---

<sup>104</sup> GÓES, Paulo de. **O problema do suicídio em Santo Agostinho à luz do De Civ. Dei**. Tese de Doutorado da Universidade Estadual de Campinas, SP: 2004. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000324569>>&fd=y>. Acesso em: 21 jul. 2012.

<sup>105</sup> GÓES, op. cit., Nota: 104.

pois ele não o reprova por meio de argumentos morais.<sup>106</sup>

Os suicídios considerados como fuga, ou seja, suicídios vulgares ou egoísticos, eram severamente punidos, enquanto os considerados nobres, aqueles que ressaltavam a “honra cavalheiresca e a fé inabalável até o martírio”<sup>107</sup> eram admirados.

Também o padre Robert Burton apresenta postura favorável ao suicídio, porém, “[...] rejeita a justificativa estoica do suicídio como um ato de refletida dignidade e ‘autoafirmação’, para ele, “[...] o suicídio não é um ato nem racional, nem digno, nem ponderado; as pessoas se matam porque suas vidas se tornaram intoleráveis”.<sup>108</sup>

Nas palavras do próprio clérigo:

Esses homens infelizes nasceram para a desdita, estão além de toda esperança de recuperação, pois padecem de uma doença incurável; quanto mais tempo vivem, pior se sentem; e só a morte pode aliviá-los (BURTON apud ALVAREZ, 1999, p. 161-2).

Como vimos, uns argumentam à favor (Alvarez, Hume, etc.), outros contra (Agostinho, Aquino, tempos depois). Mesmo entre estudiosos cristãos e estudiosos do cristianismo há muitas divergências.

Não pensamos que os mártires da Igreja buscavam a morte. A morte seria o resultado ou consequência de um estilo de vida que eles defendiam.

A busca pela morte, ao nosso entender, foi o que Agostinho combateu, e nisso concordamos.

Pensamos que as ponderações prol suicídio, mesmo de autoridades cristã, é uma forma deles humanizar o ser que sofre. Mas também quem é contrário pensa estar (de alguma forma) buscando o bem para esse mesmo sofredor. Acreditamos que a preocupação de Agostinho não era de fazer uma doutrinação de juízos, mas sim proteger o fiel contra uma possível doutrina de confronto à vontade de Deus.

---

<sup>106</sup> PUENTE, Fernando Rey. **Os filósofos e o suicídio**. Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 38.

<sup>107</sup> MINOIS, Georges. **História do Suicídio**. Lisboa: Teorema, 1998, p. 19.

<sup>108</sup> ALVAREZ, A. **O deus selvagem**: um estudo do suicídio. Tradução de Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 171.

### 3.4.2 Os concílios e a proibição do suicídio

Faremos um apanhado geral desse contexto histórico. O objetivo aqui é somente demonstrar em parte um desdobramento do tema processado através de proclamações doutrinárias.

Citaremos em primeiro lugar o Concílio de Arles (452 d.C.), “que passa a prever sanções contra os escravos ao denunciar o suicídio como o homicídio de um inocente no maior dos pecados”,<sup>109</sup> tendo como pano de fundo o suposto suicídio de Judas Iscariotes.

O suicídio de Judas, interpretado por Fairbairn<sup>110</sup> como “suicídio judicial”,<sup>111</sup> é retratado como algo intolerável na história eclesiástica.

Lutero e Calvino dão a entender que forças satânicas agem junto aos suicidas em potencial.<sup>112</sup>

A origem satânica do suicídio é bem aceita pelo povo. As crenças populares e as exigências religiosas aliam-se e apoiam-se mutuamente.<sup>113</sup>

Dias chega a comentar que a igreja considerava Judas “traidor da humanidade”.<sup>114</sup>

Enquanto são Mateus registra o suicídio de Judas Iscariotes sem tecer comentários — dando a entender pelo seu silêncio que isso de alguma forma compensava os outros crimes por ele cometidos —, teólogos posteriores afirmavam que Judas seria mais condenável por ter se matado do que por ter traído Cristo. São Bruno, no século XI, chama os suicidas de “mártires de Satã”.<sup>115</sup>

Góes complementa que a condenação de Judas na história da igreja cristã não foi pelo ato suicida, mas pela traição, sendo o suicídio entendido como ato motivado por remorso.

---

<sup>109</sup> SARAIVA, Carlos Braz. **Para-suicídio**: Contributo para uma compreensão clínica dos comportamentos suicidários recorrentes. Salvador: Quarteto, 1999, p. 18.

<sup>110</sup> FAIRBAIRN, Gavin J. **Reflexões em torno do suicídio: a linguagem e a ótica do dano pessoal**. Tradução de Attílio Brunetta. São Paulo: Paulus, 1999, p. 176.

<sup>111</sup> O tipo de “suicídio judicial” é apontado por Fairbairn como aquele em que o indivíduo se mata por acreditar que merece alguma punição. O elemento “sentimento de culpa” normalmente está implícito nesse tipo de suicídio.

<sup>112</sup> MICHELET, J. (org. e trad.) **Mémoires de Luther écrits par lui-même**. Paris, 1990 apud G. MINOIS, 1999, p. 94.

<sup>113</sup> MELEIRO, Alexandrina M. A. da Silva. et al. **Suicídio**: estudos fundamentais. São Paulo: Segmento Farma, 2004, p. 43.

<sup>114</sup> DIAS, Maria Luiza. **Suicídio**: testemunhos de adeus. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 39.

<sup>115</sup> ALVAREZ, A. **O deus selvagem**: um estudo do suicídio. Tradução de Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 78.

Nas palavras de Goés:

[...] Judas, [...]. Reconhece que, ao matar-se, não destruiu propriamente uma vida preciosa e, sim, a de um celerado. Mas isso não poderia ser visto como um bem, como uma espécie de purgação do pecado pessoal ou, então, obra de saneamento moral. Na verdade, Judas, passa a ser visto como aquele que cometeu duplo homicídio: é réu não somente por causa da morte de Cristo, mas também por causa da sua própria morte. Ao seu crime (a traição) juntou mais outro crime: o suicídio.<sup>116</sup>

Para esses autores, posteriormente a Agostinho, todos os suicidas eram (em nossas palavras) tipificados como “Judas”, traidores do Cristo.<sup>117</sup> Saraiva (p. 18) também relata, no tocante ao suicida, que no Concílio de Órleães<sup>118</sup> (533) o funeral religioso lhe foi vetado. Estava, “portanto, sem direito a sepultura cristã, missas de exéquias ou ofícios por intenção da alma, postura que se prolongaria até o Concílio Vaticano II”.<sup>119</sup> Os concílios subsequentes só reafirmaram essa postura, anexando novas proibições: no Concílio de Braga (561) e no de Auxerre, em 578,<sup>120</sup> acrescentou-se a proibição de serviços religiosos; no Concílio de Toledo (693), a excomunhão aos suicidas que falharam em seus intentos. Alvarez comenta: “O Concílio de Toledo alcança até mesmo aqueles que não foram bem sucedidos na tentativa, definindo que esses devem ser excomungados”.<sup>121</sup> Tal significado espalha-se por toda a Europa, os corpos dos suicidas são publicamente humilhados, sua memória é praguejada, seus familiares perseguidos. Aquilo que “[...] começou como delicadeza moral e esclarecimento acabou se transformando nas atrocidades legalizadas e consagradas [...]”<sup>122</sup> O Sínodo de Nimes (1284) “reforça as restrições nos funerais de suicidas, S. Tomás de Aquino insiste na tese da condenação do suicídio, aliás, como o fizera Santo Agostinho oito séculos antes”.<sup>123</sup>

<sup>116</sup> GÓES, Paulo de. **O problema do suicídio em Santo Agostinho à luz do De Civ. Dei**. Tese de Doutorado da Universidade Estadual de Campinas, SP: 2004. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000324569>>&fd=y>. Acesso em: 21 jul. 2012.

<sup>117</sup> DIAS, Maria Luiza. **Suicídio: testemunhos de adeus**. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 39.

<sup>118</sup> Segundo Kalina&Kovadloff, em 452, o “Concílio de Arles declarou que o suicídio constituía um crime e que só podia ser efeito de um furor diabólico”. Os autores também indicam que nessa perspectiva, cabe ao suicida certo grau de inocência, devido à suposta possessão.

<sup>119</sup> Cf Código de Direito Canônico, cân. 1240 § 1, n° 3, cân.1241 e cân. 2350 § 2.

<sup>120</sup> PUENTE, Fernando Rey. **Os filósofos e o suicídio**. Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 30.

<sup>121</sup> ALVAREZ, A. **O deus selvagem: um estudo do suicídio**. Tradução de Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 81.

<sup>122</sup> **Ibid**, p. 65.

<sup>123</sup> SARAIVA, Carlos Braz. **Para-suicídio: contributo para uma compreensão clínica dos comportamentos suicidários recorrentes**. Salvador: Quarteto, 1999, p. 118.

A mudança do trato da sociedade francesa do século XVII aos suicidas, nas palavras de Durkheim, deu-se em 1789, quando a sociedade “aboliu todas essas medidas repressivas e riscou o suicídio da lista de crimes legais. Mas todas as religiões às quais os franceses pertencem continuam a proibi-lo e a puni-lo, e a moral comum o reprova”.<sup>124</sup> Já em 1918, nas palavras de Saraiva, citando Guillon&Bonniec, “[...] Papa Bento XV admite ritos funerários e missa cantada para os suicidas loucos ou arrependidos à hora da morte”.<sup>125</sup>

Esses dados mostra que a Igreja, através dos Concílios, posicionou-se contrário ao suicídio. Com o tempo os suicidas foram tendo mais aceitação por parte do clero e da Igreja e ainda que aponte os suicidas como “pecadores manifestos” (cânones 1184/5),<sup>126</sup> se for compreendido que o mesmo teve uma ato de arrependimento não é lhe negada certa honraria.

### 3.4.3 Influência na lei civil

A pesquisadora Larissa Costa Kurtz dos Santos mostra que as concepções do direito ocidental sobre o suicídio é de influência religiosa, principalmente cristã.

Ao contrário do homicídio em legítima defesa (que é típico, mas não é ilícito), o suicídio não é típico, mas é considerado antijurídico. Por medida de política criminal, este fato não é punido, portanto não está tipificado na lei penal. [...] A concepção tradicional, de influência cristã, que a civilização ocidental carrega sobre o suicídio será posteriormente observada nos bilhetes e cartas de suicídio.<sup>127</sup>

---

<sup>124</sup> DURKHEIM, Émile. **O suicídio**: estudo sociológico. Tradução de Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2002, p. 359.

<sup>125</sup> SARAIVA, Carlos Braz. **Para-suicídio**: contributo para uma compreensão clínica dos comportamentos suicidários recorrentes. Salvador: Quarteto, 1999, p. 19.

<sup>126</sup> Villac, Cônego José Luiz (Padre). **A Palavra do Sacerdote**. Disponível em: <<http://www.catolicismo.com.br/materia/materia.cfm?IDmat=123&mes=novembro2001>>. Acesso em: 13 de nov. de 2013.

<sup>127</sup> DOS SANTOS, Larissa Costa Kurtz. **Entre o fracasso e o êxito**: heterogeneidade e divisão em discursos de suicidas. Dissertação de Mestrado da Universidade Católica de Pelotas, RS:2011. Disponível em:

<[https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=10&cad=rja&ved=0CHMQFjAJ&url=http%3A%2F%2Fbiblioteca.ucpel.tche.br%2Ftedesimplificado%2Fde\\_busca%2FprocessaArquivo.php%3FcodArquivo%3D273&ei=-x7vUJ7xMI2u8QS3zYCwCA&usg=AFQjCNEsK6fxQToDFTMjUEWdxQIVDgMlrQ&sig2=i5RV-gStOekFznbCBQQ0xw&bvm=bv.1357700187,d.eWU](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=10&cad=rja&ved=0CHMQFjAJ&url=http%3A%2F%2Fbiblioteca.ucpel.tche.br%2Ftedesimplificado%2Fde_busca%2FprocessaArquivo.php%3FcodArquivo%3D273&ei=-x7vUJ7xMI2u8QS3zYCwCA&usg=AFQjCNEsK6fxQToDFTMjUEWdxQIVDgMlrQ&sig2=i5RV-gStOekFznbCBQQ0xw&bvm=bv.1357700187,d.eWU)>. Acesso em: 1 jan. 2013.

Marcos Guedes Veneu mostra que, conforme o progresso do tema nos Concílios, a proibição da igreja faz parceria com a lei secular, dando a entender que, pela jurisprudência, também o suicídio é errado.

Encontra-se essa mesma legislação entre todos os povos cristãos e em quase toda parte ela permaneceu mais severa do que na França. Na Inglaterra, já no século X, o rei Edgard, num dos Cânones que publicou, assimilava os suicidas aos ladrões, aos assassinos, aos criminosos de todo tipo. Até 1823, havia o costume de arrastar o corpo do suicida pelas ruas, trespassado por um bastão, e enterrá-lo numa estrada, sem nenhuma cerimônia.<sup>128</sup>

O texto abaixo já mostra que a lei secular variava quanto ao tratamento dos casos de suicídio, mas é evidente a influência cristã em tais leis.

Conforme a região, a legislação secular também se interessava pelo caso: a autoridade, fosse ela senhor local ou rei, considerava-se lesada pelo desaparecimento de um de seus súditos, e a comunidade, poluída pela mancha do pecado cometido.<sup>129</sup>

Podemos perceber isso também no texto de Veneu<sup>130</sup> ao discutir as práticas medievais relacionadas ao suicídio e o papel da igreja nesse contexto. Segundo o autor, “a atitude medieval perante a morte voluntária tem na igreja seu principal agente formulador”,<sup>131</sup> reagindo fortemente a qualquer ato suicidário através, muitas vezes, de práticas de profanação do cadáver. Para Veneu, era comum que as práticas católicas “muitas vezes lhes emprestassem o latim e as razões para expressarem os mesmos sentimentos de repulsa e justificarem práticas rituais de aspectos reminiscentemente pagãos”.<sup>132</sup>

---

<sup>128</sup> DURKHEIM, Émile. **O suicídio**: estudo sociológico. Tradução de Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2002.

<sup>129</sup> VENEU, Marcos G. **Ou não ser**: uma introdução à história do suicídio no Ocidente. Brasília: UNB, 1994, p. 15.

<sup>130</sup> Marcus Guedes Veneu é historiador. Seu livro é a publicação de sua dissertação de mestrado defendida no programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ em 1992.

<sup>131</sup> VENEU, op. cit., Nota: 129.

<sup>132</sup> VENEU, op. cit., Nota: 129.



### 3.4.4 Tempos modernos

Alvarez critica a abordagem do suicídio nos tempos modernos. Segundo ele, o que foi um pensamento de salvaguardar a pessoa humana pela igreja, através do controle e proibição do suicídio, atualmente o tema toma roupagem de questões acadêmicas ou de especialidades, que acaba por “desumanizar” o suicida, mecanizar o tema.

Alvarez fala que, mesmo de forma equivocada o tratamento da Igreja com o suicídio tinha “como base (pelo menos) uma preocupação com a alma do suicida. Boa parte da tolerância científica moderna, por outro lado, parece se fundamentar em indiferença humana”.<sup>133</sup> Segundo o autor, por outro lado o discurso do suicídio veio a ser mais aberto às interpretações, mesmo favoráveis, nos tempos atuais, o que é algo bom. Pensamos que o dialogismo sobre o suicídio é algo bom, mesmo ou principalmente posições conflitantes.

### 3.3 AS TRÊS DIMENSÕES

Os estudiosos que conceituaram o suicídio, principalmente os que se posicionam contrariamente a ele, analisaram-no em três aspectos. Alvarez interpretando Aquino escreve que “o suicídio é um pecado mortal contra Deus, que nos deu a vida; é também um pecado contra a justiça e contra a caridade”.<sup>134</sup> Para esses estudiosos, o suicídio é errado,<sup>135</sup> pois não observa os princípios do amor a si, à sociedade (estendo a questão à família) e a Deus.

Mesmo quem busca argumento a favor do suicídio tende a confrontar essas três formas. Alguns poderão pensar que, na verdade, o primeiro a fragmentar o erro do suicídio em três fases foi Tomás de Aquino, que, no entanto, só ecoa algo já em

---

<sup>133</sup> ALVAREZ, A. **O deus selvagem**: um estudo do suicídio. Tradução de Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 79.

<sup>134</sup> ALVAREZ, A. **O deus selvagem**: um estudo do suicídio. Tradução de Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 81.

<sup>135</sup> Uma observação deve ser feita: Alvarez não está favorecendo ideias contra o suicídio, já que o mesmo posiciona-se favorável.

circulação. A filosofia grega já apontava como errado o suicídio, contrário à polis (Aristóteles) e à divindade (Platão). Como advento do Cristianismo, desde Agostinho já se ouvia que o suicídio era um pecado contra a caridade, ou seja, contra o próprio sujeito e contra Deus. O texto de Tomás de Aquino na Suma de Teologia II<sup>ae</sup>, Q. 64, a. 5, esclarece:

Respondo dizendo que se matar é totalmente ilícito por três razões:

- 1) A primeira, certamente, porque qualquer coisa ama a si mesma por natureza e a isto se deve que seja próprio a qualquer coisa por natureza conservar-se no ser e resistir tanto quanto possível à corrupção. E é por esta razão que aquele que se mata está contra uma inclinação natural e contra a caridade, pois cada qual deve amar a si mesmo. E por isso matar-se é sempre um pecado mortal, visto que é contra a lei natural e contra a caridade.
- 2) A segunda, porque qualquer parte, ao ser o que é, é todo. Igualmente, qualquer homem é parte da comunidade e, assim, aquilo que ele é, é comunidade. Por isso, aquele que se mata comete uma injustiça contra a comunidade, como é exposto pelo Filósofo em EA/V 11.
- 3) A terceira, porque a vida é certo dom de Deus concedido ao homem e está subordinada ao Seu poder que "faz viver e morrer". E é por isso que quem se priva da vida peca contra Deus, assim como quem mata o servo de um outro peca contra o senhor a quem o servo pertencia, ou assim como peca aquele que ajuíza sobre algo que não lhe fora comissionado. Somente a Deus, com efeito, pertence o juízo sobre a vida e a morte, segundo o Deuterônomo 32, 39: "Eu farei morrer e viver."

Para Lopes, o entendimento de Tomás de Aquino, o grande teólogo da Igreja Romana, acerca do suicídio, é que se trata de algo

[...] antinatural – Contrário ao amor que todo homem deve ter para consigo mesmo; Uma ofensa contra a família e a comunidade – Ninguém é uma ilha existencial. O suicídio é um ato egoísta e profundamente antissocial. Uma usurpação do poder de Deus – Só Deus pode dar e tirar a vida. O suicídio é um ato antiespiritual.<sup>136</sup>

David Hume, a despeito de seu posicionamento favorável ao suicídio, também afirma que Aquino foi um gigante no que diz respeito à conceituação e abordagem do suicídio, tanto pela teologia quanto pela sociedade civil. Segundo Hume, "se o suicídio é um crime, deve constituir uma transgressão de nosso dever para com Deus, para com o próximo, ou para com nós mesmos".<sup>137</sup> Alvarez,<sup>138</sup> outro estudioso favorável ao suicídio, escreve:

<sup>136</sup> LOPES, Hernandes Dias. **Suicídio: causas, mitos e prevenções**. São Paulo: Hagnos, 2007, p. 42.

<sup>137</sup> HUME, David. **Do suicídio e outros textos póstumos**. Tradução de Jaimir Conte. 2. ed., Florianópolis: Nefelibata, 2004, p.18.

[...] o que Tomás de Aquino tem em mente é a caridade instintiva que todo homem tem para consigo mesmo – ou seja, instinto de autopreservação que o homem compartilha com os animais inferiores; ir contra isso configura um pecado mortal porque é ir contra a natureza.<sup>139</sup>

Essa relação tripartida do suicídio mostra a importância de um estudo da religião e sua relação com o suicídio. Puente nos apresenta o trabalho de Paul Ludwig Landsberg (1901-1944):

Landsberg discute criticamente as posições de Agostinho e Tomás de Aquino, rejeitando um a um os principais argumentos desses dois filósofos. Assim, pensar que o suicídio é um homicídio (tese de Agostinho) parece-lhe um equívoco, bem como lhe parece sem sentido pensar que ele é contrário à natureza humana, à sociedade ou a Deus - concebido como senhor de um escravo que não pode dispor livremente de sua vida (argumentos de Tomás). Se os melhores argumentos cristãos são frágeis ou não conclusivos, em quê basear-se para refutar a legitimidade do suicídio? Landsberg não tem dúvida alguma: no exemplo do Cristo.<sup>140</sup>

Os teólogos analisam os problemas do seu tempo baseando-se nos textos bíblicos, que, muitas vezes, não trataram diretamente de tais problemas. Por isso, muitos temas de outro contexto histórico passam ao largo de releituras. Tomar a lei mosaica como referência legal para assuntos de suicídio exemplifica esse comportamento. A Bíblia não deveria ser um “livro de regras”, mas uma referência ao amor tripartido, a Deus, ao outro e a si.

Desse modo, a lógica da condenação do suicídio se instaura não por obediência cega ao sexto mandamento, a fim de que não se incorra no puro legalismo. Decorre, antes, da compreensão de que o ser, à medida que procura anular-se, sacrifica aquilo que lhe é essencial, como criatura.<sup>141</sup>

Se há alguma condenação bíblica ao suicídio, esta reside em duas concepções: na falta de perspectiva quanto à esperança de um futuro melhor, ou seja, em primeiro lugar, na ausência de fé em Deus, em si ou no mundo; e, em segundo lugar, na falta

---

<sup>138</sup> ALVAREZ, A. **O deus selvagem**: um estudo do suicídio. Tradução de Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 63.

<sup>139</sup> ALVAREZ, op. cit., Nota: 138.

<sup>140</sup> PUENTE, Fernando Rey. **Os filósofos e o suicídio**. Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 45.

<sup>141</sup> GÓES, Paulo de. **O problema do suicídio em Santo Agostinho à luz do De Civ. Dei**. Tese de Doutorado da Universidade Estadual de Campinas, SP: 2004. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000324569>>&fd=y>. Acesso em: 21 jul. 2012.

de amor próprio. Amar-se é proteger-se, e quem busca proteção na morte nem mesmo tem certeza de que essa é realmente uma ação cuidadora.

### 3.4 A NÃO CONDENAÇÃO BÍBLICA

Dois são os questionamentos dos autores prol suicídio da legitimidade do combate do cristianismo ao suicídio: um é que não há registros bíblicos de condenação, qual abordaremos agora. Em segundo lugar alguns autores afirmam que Jesus foi um suicida, que falaremos adiante. Para os partidários do suicídio, o fato de a Bíblia e/ou autores bíblicos não terem criado uma reflexão contra o suicídio torna-o lícito e até, em alguns casos, recomendado. Para eles, se “quem cala consente”, e se a Bíblia calou-se sobre tal assunto, ele não estava sendo julgado como erro, como foi tratado cerca de quatro séculos depois. Nós verificamos que o tema suicídio pode ser considerado um silêncio na Bíblia, um sussurro no Judaísmo e um grito no Cristianismo, como uma evolução e enfática do tema.

Para Durkheim, “a Bíblia, com efeito, não contém nenhuma disposição que proíba o homem de se matar”.<sup>142</sup> Hume comenta:

Seria fácil provar que o suicídio é permitido pelas leis cristãs como pelas dos pagãos. Não há um único texto da Escritura que o proíba. [...] Deus não poderia cometer suicídio: é um bem supremo que concedeu ao homem mergulhado nos inúmeros males da existência (N.T.).<sup>143</sup>

Fortalecendo essa problemática teológica, Phillip Mainländer, citado por Puente, concorda em apontar o suicídio como erro confirmado pelas Escrituras. Como foi dito, para ele a crítica pejorativa ao suicídio tem como base a filosofia grega, e não a teologia judaico-cristã. Segundo o autor:

[...] Cristo não disse nada sobre o suicídio. Todavia, do fato que, na apresentação dos males, que provém do coração do homem (Marcos 7, 21-22), não apareça o suicídio, deve-se concluir que ele não teria sido capaz de negar a um suicida o reino do céu [...] Partam, sem tremer desta vida,

---

<sup>142</sup> DURKHEIM, Émile. **O suicídio**: estudo sociológico. Tradução de Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2002, p. 172.

<sup>143</sup> HUME, David. **Do suicídio e outros textos póstumos**. Tradução de Jaimir Conte. 2. ed., Florianópolis: Nefelibata, 2004, p. 32.

meus irmãos, caso ela esteja muito pesada para vocês: vocês não encontrarão no túmulo nem um reino do céu nem um inferno.<sup>144</sup>

De acordo com Puente, ao citar Mainländer (1876), ainda que buscasse se afastar dos argumentos religiosos, esse filósofo mostra que a religião estava entranhada em suas argumentações.<sup>145</sup>

Na argumentação de Alvarez, Mainländer e outros, ainda que a Bíblia mostre casos de suicídio, eles são apenas retratados como fato histórico, sem registro condenatório. É evidente que nem todos os assuntos da ética estão escritos ou tem uma posição clara na Bíblia. A Bíblia também ensina que a Lei mosaica é parâmetro de amor e de responsabilidade pelo eu e pelo outro:

Com efeito: Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não darás falso testemunho, não cobiçarás; e se há algum outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. (Romanos 13:9).

John Donne (1608) escreve a primeira obra inglesa de defesa ao suicídio,<sup>146</sup> em que expõe: “[...] em todos os tempos, em todos os lugares, sob todas as circunstâncias, homens de todas as condições desejaram-no e sentiram-se inclinados a praticá-lo.”<sup>147</sup> Referente às leis divinas, Donne não vacila em demonstrar que em lugar algum da Bíblia o suicídio é condenado; o que há é o “não matarás”. Já para Hernandes Dias, o apóstolo Paulo expôs na Bíblia princípios contra o suicídio:

No século 1, o apóstolo Paulo estabeleceu princípios contrários ao suicídio. Quando o carcereiro de Filipos, ao ver as portas da prisão abertas, puxou a espada para suicidar-se, supondo que os presos tivessem fugido, Paulo bradou em alta voz: “Não te faças nenhum mal, porque todos aqui estamos” (At 16.27,28). O apóstolo Paulo, em algumas de suas cartas, deu princípios claros contra o suicídio, como os seguintes: a) “Porque nenhum de nós vive para si, e nenhum morre para si [...]” (Rm 14.7,8); b) “Ou não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que habita em vós, o qual possuis da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos” (1Co 6.19); “Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá; porque sagrado é o santuário de Deus, que sois vós” (1Co 3. 17); “Pois nunca ninguém

---

<sup>144</sup> PUENTE, Fernando Rey. **Os filósofos e o suicídio**. Belo Horizonte: UFMG, 2008, pp. 165, 166.

<sup>145</sup> *Ibid*, p. 40.

<sup>146</sup> Seu livro se chamava *Biathanatos*. (A declaration of that paradoxe, orthesis, that self-homicide is not so naturally sinne, that it may never be other wise: uma declaração daquele paradoxo, ou tese, segundo o qual o auto-homicídio não é tão naturalmente um pecado que nunca possa vir a deixar de sê-lo).

<sup>147</sup> ALVAREZ, A. **O deus selvagem**: um estudo do suicídio. Tradução de Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, pp. 161, 162.

aborreceu a sua própria carne; antes a nutre e preza, como também Cristo a igreja” (Ef 5.29).<sup>148</sup>

Bautista argumenta que esse silêncio da Bíblia deve-se a que “nos tempos bíblicos do judaísmo, o suicídio era muito raro, motivo pelo qual não exigiu qualquer proibição explícita”.<sup>149</sup> Nas palavras de Durkheim, o entendimento que havia da sacralidade do corpo foi um dos fatores que a Igreja enfatizou para condenar o autoaniquilamento.

O suicídio, portanto, é reprovado por transgredir o culto à pessoa humana no qual repousa toda a nossa moral. [...] Em outros tempos, era visto como simples erro civil cometido contra o Estado; a religião desinteressava-se dele em alguma medida. Tomou-se, ao contrário, um ato essencialmente religioso. Foram os concílios que o condenaram, e os poderes laicos, ao puni-lo, só fizeram seguir e imitar a autoridade eclesiástica. Por termos em nós uma alma imortal, parcela da divindade, devemos ser sagrados para nós mesmos.<sup>150</sup>

Evidentemente há carências de abordagem bíblica mais acurada para diversos temas, principalmente relativos a problemas sociais atuais. Mas a nosso ver, a ausência de tratamento mais minucioso do suicídio não o autoriza. Se, para alguns, não se pode condenar o suicídio pela falta de condenação bíblica, para nós também não se pode legitimá-lo com base no mesmo silêncio.

### 3.5 OS TEXTOS BÍBLICOS DE RELATOS SUICIDAS

Nesta seção mostraremos mais detalhadamente os textos bíblicos em que personagens atentaram contra a própria vida. Alguns textos já foram abordados anteriormente, tal como o de Judas, mas sob outro contexto.

---

<sup>148</sup> LOPES, Hernandes Dias. **Suicídio: causas, mitos e prevenções**. São Paulo: Hagnos, 2007, p. 42.

<sup>149</sup> BAUTISTA, Mateo. **Ajuda perante o suicídio**. Tradução: Júlio Munaro. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 14.

<sup>150</sup> DURKHEIM, Émile. **O suicídio: estudo sociológico**. Tradução de Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2002, p. 366.

Alvarez relata que houve apenas cinco suicídios registrados na Bíblia:<sup>151</sup> os de Saul<sup>152</sup>, Sansão, Aquitofel e Abimelec, no Antigo Testamento, e o de Judas Iscariotes, no Novo Testamento. Hernandes Dias Lopes aponta os mesmos cinco casos, tendo a ressalva de comentar que “todos os suicidas estavam vivendo na contramão da vontade de Deus. O suicídio é uma fuga em que o indivíduo distancia-se de Deus, em vez de procurar chegar mais perto do Senhor”.<sup>153</sup> Para Bautista, os suicídios bíblicos foram sete ao todo, sendo seis no Antigo Testamento. Em seu comentário, aponta que “três deles são de guerreiros que se entregam à morte para escapar do inimigo [...] outros dois, em defesa de sua pátria [...] outro, ao ser ferido por uma mulher no campo de batalha [...]. O caso de Aquitofel [...] foi provocado por uma decepção [...]”.<sup>154</sup>

Já para o médico cubano Sérgio Pérez Barrero (2002), há oito suicídios narrados mencionados no Antigo Testamento: os de Abimelec (Juízes 9:54 BRP), Sansão (Juízes 16:30BRP), Saul (II Samuel 1:31-5BRP), Aquitofel (II Samuel 15:12-17:23 v), Zimri (I Reis 6:43-46),<sup>155</sup> Eleazar (Macabeus 1:6, 1:46), Ptolomeu Makron (II Macabeus 10:10-13) e Razis (II Macabeus 14: 37-42), considerando um “quase suicídio” o de Sara (Tobias, 3:10BRP). Com o caso de Judas (Mateus 27:5BRP), no Novo Testamento, dá-se o total de nove em toda a Bíblia. Nós gostamos mais dessa tradução.

Evidentemente que dependendo da tradição bíblica, ou seja, se usarmos a Bíblia Católica com livros apócrifos acrescentados, o número de casos de suicídio aumentará. Por isso o número menor dos autores protestantes tais como Lopes.

Vejamos a ascensão, queda e consequência<sup>156</sup> de cada personagem. Isso para averiguar como vieram a considerar a morte de si.

---

<sup>151</sup> ALVAREZ, A. **O deus selvagem**: um estudo do suicídio. Tradução de Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 64.

<sup>152</sup>Todos os grifos deste capítulo são nossos.

<sup>153</sup> LOPES, Hernandes Dias. **Suicídio**: causas, mitos e prevenções. São Paulo: Hagnos, 2007, p. 146.

<sup>154</sup> BAUTISTA, Mateo. **Ajuda perante o suicídio**. Tradução: Júlio Munaro. São Paulo: Paulinas. 2000, p. 11.

<sup>155</sup> A tradução dos textos apócrifos é da Bíblia Online “Ave Maria”; 1. ed., [S. l.: s.n., 2011]. Disponível em: <<http://www.bibliacatolica.com.br/01/22/6.php#ixzz2Hy4hYLRi>>. Acesso em: 14 jan. 2013.

<sup>156</sup>Essa separação entre ascensão, queda e consequência objetiva verificar como se processava a história dos personagens, assim como ela mudou em determinada época e de que forma eles lidaram com isso. Por isso, ascensão não quer dizer algo bom, nem queda, algo errado.

Abimelec: ascensão: “[...] proclamastes rei dos habitantes de Siquém Abimelec, filho de sua escrava [...]” (Juízes 9:18BRP); queda: “E Deus suscitou um mau espírito entre ele e os habitantes de Siquém, que os fez se revoltarem. Isso aconteceu para que fosse vingado o homicídio dos setenta filhos de Jerobaal, e seu sangue caísse sobre Abimelec [...]” (Juízes 9: 23,24BRP); consequência: “Chamou imediatamente seu escudeiro e disse-lhe: Tira a tua espada e acaba de matar-me, para que se não diga que fui morto por uma mulher [...]” (Juízes 9: 54BRP).

Sansão: ascensão: “[...] Sobre minha cabeça, disse ele, nunca passou a navalha, porque sou nazareno de Deus desde o seio de minha mãe. Se me for rapada a cabeça, a minha força me abandonará e serei então fraco como qualquer homem” (Juízes 16: 17BRP); queda: “[...] Despertando ele do sono, [...] Ignorava Sansão que o Senhor se tinha retirado dele” (Juízes 16,20BRP); consequência: “Sansão, porém, invocando o Senhor, disse: Senhor Javé, rogo-vos que vos lembreis de mim. Dai-me, ó Deus, ainda esta vez, força para vingar-me dos filisteus pela perda de meus olhos. [...] sacudiu com todas as suas forças o edifício [...], matou pela sua própria morte muito mais homens do que os que matara em toda a sua vida” (Juízes 16: 28 – 30BRP).

Saul: ascensão: “Quando Samuel viu Saul, Deus disse-lhe: Eis o homem de quem te falei: este reinará sobre o meu povo” (I Samuel 9: 17BRP); queda: “Samuel replicou-lhe: Procedeste insensatamente, não observando o mandamento que te deu o Senhor, teu Deus, que estava pronto a confirmar para sempre o teu trono sobre Israel. Agora o teu reino não subsistirá [...]” (I Samuel 13: 13, 14BRP); consequência: “Disse ao seu escudeiro: Tira a tua espada e traspassa-me, para que não o venham fazer esses incircuncisos, ultrajando-me! [...]” (I Samuel 31: 4BRP).

Aquitofel: ascensão: “Ora, os conselhos que dava Aquitofel naquele tempo eram considerados como palavras de Deus [...]” (II Samuel 16: 23BRP); queda: “Desta vez, respondeu Cusai, o conselho de Aquitofel não é bom” (II Samuel 17: 7BRP); consequência: “Aquitofel, vendo que seu conselho não fora seguido, [...] Pôs em ordem os seus negócios e enforcou-se [...]” (II Samuel 17: 23BRP).

Zinri: ascensão: “Assim destruiu Zinri toda a casa de Baasa, conforme a palavra do SENHOR [...]” (I Reis 16:12 BRP); queda: “E o povo que estava acampado ouviu dizer: Zinri tem conspirado, e até matou o rei [...]” (I Reis16:16 BRP); consequência:



“E sucedeu que Zinri, vendo que a cidade era tomada, foi ao paço da casa do rei e queimou-a sobre si; e morreu, por causa dos pecados que cometera, fazendo o que era mau aos olhos do SENHOR [...]” (I Reis 16:18-19 BRP)

Eleazar: ascensão: “Eleazar, cognominado Avarã, viu que um dos elefantes estava armado com um couraçado real e ultrapassava todos os outros; ele julgou que o rei o montasse” (I Macabeus 6: 43); queda: “[...] Projetou então salvar todo o povo e conquistar um nome eterno [...]” (I Macabeus 6: 44); consequência: “Meteu-se debaixo do elefante e, tomando posição abaixo dele, matou-o. O animal rolou sobre ele, e ele morreu ali” (I Macabeus 6: 46).

Ptolomeu Macron (Makron): ascensão: “Ora, Ptolomeu, denominado Macron, fora o primeiro a observar a justiça para com os judeus, em reparação das injustiças que tinham sofrido, e esforçara-se por governá-los pacificamente [...]” (II Macabeus 10: 12); queda: “Por este motivo, foi acusado diante de Eupátor [...]” (II Macabeus 10: 13a); consequência: “Sentindo que lhe faltava o bom nome condizente com seu honroso cargo, tomando veneno, abandonou a vida” (II Macabeus 10: 13b). Bom salientar que esse era governante no Egito.

Razis: ascensão: “Era um homem dedicado aos seus concidadãos, de grande reputação, e cognominado pai dos Judeus, por causa de sua benevolência. (II Macabeus 14: 37); queda: “Anteriormente, por ocasião da resistência ao paganismo, havia sido acusado de judaísmo e pelo judaísmo ele se havia exposto de corpo e alma com um zelo extremo” (II Macabeus 14: 38); consequência: “[...] Razis, quando ia ser preso, transpassou-se com a própria espada, preferindo morrer nobremente antes que cair nas mãos dos ímpios e padecer ultrajes indignos de seu nascimento” (II Macabeus 14: 41, 42).

Judas Iscariotes: ascensão: “Ora, os nomes dos doze apóstolos são estes: [...] e Judas Iscariotes [...]” (Mateus 10:2-4 BRP); queda: “Entrou, porém, Satanás em Judas, que tinha por sobrenome Iscariotes, o qual era do número dos doze” (Lucas 22: 3 BRP); consequência: “Então Judas, o que o traía, vendo que fora condenado, trouxe, arrependido, as trinta moedas de prata aos príncipes dos sacerdotes e aos anciãos, [...] atirando para o templo as moedas de prata, retirou-se e foi-se enforcar” (Mateus 27:3-5 BRP).

A nosso ver, o elemento “relacionamento com Deus” está implícito no destino final de cada caso. Aparentemente algo acontece drástico antes da atitude de suicídio, o que muitas vezes aponta um afastamento do relacionamento, um isolamento da pessoa para com Deus e seus semelhantes. De todos esses casos, apenas dois são dignos de comentário, pois neles se percebe um tom mais polêmico sobre a posição dos escritores judaico-cristãos sobre o suicídio: os casos de Sansão e Razis.

Muitos têm afirmado que o suicídio de Sansão tinha o aval de Deus, chegando mesmo a duvidar de que tenha sido de fato um suicídio. Com efeito, essa é a posição de Agostinho, segundo Goés:

Vale dizer que o hiponense não analisa todos os casos de suicídio que aparecem na Bíblia. Tal não era o seu propósito, mesmo porque os assim chamados “suicídios diretos” se enquadrariam na lógica de sua condenação anterior. Procura tratar, sim, do “suicídio indireto” ou de boa fé, como é visto o caso de Sansão (Jz. 13-16), considerando a atitude do personagem bíblico uma resposta à ordenança do Espírito. Assim, por intermédio do herói, Deus pôde efetuar o grande milagre, a saber, a destruição do templo de Dagom, como sinal de livramento do povo de Israel. [...] A morte de Sansão seria a mera consequência, sem caracterizar propriamente suicídio.<sup>157</sup>

Mas, se de fato Deus tornou-se cúmplice de um suicídio, ocorrência única em todo o relato bíblico, o que torna a história de Sansão diferente das demais? Duas coisas: a primeira é que ele foi o único que orou a Deus e lhe pediu permissão, concretizando sua ação como sinal de arrependimento. Em segundo lugar, o seu intento. O texto mostra que ele desejava se vingar dos inimigos, e não se matar.

A história de Razis é interessante. O texto do livro de Macabeus, apesar de não ser considerado canônico, relata que a opressão imposta aos judeus por seus inimigos posteriormente ao cativo babilônico fez com que dois personagens judeus tirassem suas vidas, Eleazar e Razis.

O interessante é o final do texto sobre o suicídio de Razis: “[...] transpassou-se com a própria espada, preferindo morrer nobremente antes que cair nas mãos dos ímpios e padecer ultrajes indignos de seu nascimento” (II Macabeus 14: 41, 42, grifo nosso). Essa expressão denota certo sentimento de aceitação do(s) escritor(es) de

---

<sup>157</sup> GÓES, Paulo de. **O problema do suicídio em Santo Agostinho à luz do De Civ. Dei**. Tese de Doutorado da Universidade Estadual de Campinas, SP: 2004. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000324569>>&fd=y>. Acesso em: 21 jul. 2012.

Macabeus, para dizer o mínimo. Isso não seria algo muito notório, pois ao acompanhar as histórias dos casos de suicídio verifica-se que todos foram sepultados e velados segundo o costume judaico, à semelhança de qualquer um morresse em outras circunstâncias.

A dessacralização (profanação) póstuma (do corpo) que os suicidas sofreram tempos depois no cristianismo, ao que mostra o texto bíblico, não era prática no judaísmo.

### 3.6 A HIPÓTESE DO SUICÍDIO DE JESUS DE NAZARÉ

Quando pensamos no suicídio altruísta, segundo Durkheim, deparamos com temas religiosos tais como o martírio, abordado nesse estudo, e mortes do tipo heroicas, pensadas como essenciais à vida ministerial dos personagens religiosos. A morte de Cristo Jesus, por exemplo, foi central na teologia, como legitimando Sua missão, vindo através dela o maior milagre e mistério do Cristo, Sua própria ressurreição. Mas a morte de Cristo, um dos pontos mais importantes do Cristianismo, foi suicídio? Segundo Alvarez (1999), Tertuliano acreditava que sim.

Nos primeiros anos de existência da Igreja, o suicídio era um tema de tal forma neutro que até a morte de Jesus foi considerada por Tertuliano — um dos mais ferozes Padres da Igreja — uma espécie de suicídio. Tertuliano observa, e Orígenes concorda, que Ele abre mão do espírito voluntariamente, já que era algo de impensável que Deus pudesse ficar à mercê da carne. Daí o comentário de John Donne em *Biathanatos*, a primeira defesa formal do suicídio escrita em língua inglesa: “Nosso abençoado Salvador [...] escolheu essa forma para a nossa Redenção, escolheu sacrificar sua vida e oferecer seu sangue”.<sup>158</sup>

Se for assim, todos os cristãos são favorecidos por um ato suicidário; e não é só isso, acreditar nessa possibilidade é pensar que, ao aceitar Jesus, o fiel também

---

<sup>158</sup> ALVAREZ, A. **O deus selvagem**: um estudo do suicídio. Tradução de Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 64.

toma um suicídio sobre si mesmo, pois o crente tem que “negar sua vida”. (Mateus 10:38-39 ACF).<sup>159</sup>

O cristianismo nasce e desenvolve-se em uma atmosfera ambígua. Por um lado, o cristianismo afirma que a vida terrena é penosa e é necessário aspirar à morte para aproximar-se de Deus e da vida eterna. O próprio advento fundador do cristianismo é uma morte voluntária. Cristo caminha deliberadamente para sua morte, nada faz para evitá-la. Entretanto, a morte cristã deve ser um testemunho da fidelidade a Deus e, portanto, não deve ser procurada. A morte radiante do mártir contrasta com a morte desesperada do pecador. O suposto suicídio de Judas toma-se, assim, o exemplo de morte vergonhosa e condenável.<sup>160</sup>

Os ditos “atletas da morte”, nas primeiras comunidades cristãs, atiraram-se à morte, ou/e desprezaram a vida, alegando que tal ato legitimava a veracidade de sua fé cristã. Elas desejavam a rotulação de mártires – semelhantemente ao diácono Estevão, na narrativa de Atos dos Apóstolos. Dauzat considera um suicídio como fundamento do cristianismo, buscando mostrar que a condenação cristã do suicídio tende a ser um equívoco hipócrita. Haver uma comunidade cristã que toma certa interpretação do sagrado não significa ser algo que represente todas as comunidades da época. Lembrando que foi tais posturas que excitou Agostinho, Aquino, Lutero, Calvino entre outros a formular doutrinas contrárias.

É pois à volta de algumas linhas de Paulo e do Evangelho de João, onde Jesus nunca suportou tanto o *signum humilitatis* como diz Agostinho no seu Comentário, que se cria o ‘mal-entendido’ e que nasce a tradição do ‘suicídio’ de Cristo, que autoriza hoje um G. Minois a escrever peremptoriamente que ‘o acontecimento fundador do cristianismo é um suicídio’. Igualmente para A. Alvarez, ‘o suicídio, mal disfarçado em martírio, é a rocha sobre a qual a Igreja foi edificada’. No seu estudo magistral, embora cedendo, às vezes, à polêmica, Droge e Tabor vão ainda mais longe: ‘A morte voluntária é um dos ideais sobre o qual a Igreja é fundada’.<sup>161</sup>

Segundo Dauzat, a primeira narração bíblica de uma referência capaz de embasar a hipótese do suicídio de Cristo está no Evangelho de João. Ele argumenta que “a primeira referência a um suicídio possível encontra-se, de fato, em João 8: 21-22,

<sup>159</sup> BIBLEWORKS for Windows. Version 8.0. [s.l.] Lotus, 1999. 1 CD-ROM (todos os textos canônicos são da BibleWorks).

<sup>160</sup> MELEIRO, Alexandrina M. A. da Silva. et al. **Suicídio: estudos fundamentais**. São Paulo: Segmento Farma, 2004, p. 32.

<sup>161</sup> DAUZAT, Peirre-Emmanuel. **O suicídio de Cristo**. Tradução de Francisco Custódio Marques. 1. ed., Lisboa: Ed. Notícias, 2000. p. 98.

numa passagem que se gostaria de ver mais comentada pelos talmudistas, e que, com efeito, é uma repetição ampliada de Jn 7, 35”.<sup>162</sup>

Disse-lhes, pois, Jesus outra vez: Eu retiro-me, e buscar-me-eis, e morrereis no vosso pecado. Para onde eu vou, não podeis vós vir. Diziam, pois, os judeus: Porventura quererá matar-se a si mesmo, pois diz: Para onde eu vou não podeis vir? (João 8:21-22 ACF).<sup>163</sup>

Na tradição cristã houve sempre aqueles que dirigiram aos judeus (ou/e os romanos) a culpa pela morte de Jesus. Seriam os judeus (sacerdotes e povo), os romanos ou o próprio Jesus o culpado de sua morte?

Mas essa as teses da culpa dos judeus ou romanos esbarra em problemas hermenêuticos ao se deparar com textos tais como “ninguém ma tira de mim, mas eu, de mim mesmo, a dou; tenho poder para a dar, e poder para tornar a tomá-la. Este mandamento recebi do meu Pai” (João 10:18 ACF). Para Léon-Dufour, citado por Dauzat, “[...] trata-se mais uma vez, todos concordarão, de sublinhar que Jesus morreu de sua plena vontade. Longe de ter sofrido a sua morte, Jesus escolheu-a”.<sup>164</sup> Tertuliano (na Apologética, XXI, 19) e Agostinho, (no *De Trinitate* IV, 16), além de Orígenes e outros, afirmam que Cristo entregou-se voluntariamente. Dauzat escreve que [...] “São Tomás começa naturalmente por evocar as objeções avançadas por aqueles que recusam a hipótese de um ‘assassinato’ de Jesus [chegando à conclusão de que], [...] Cristo não foi morto por outros, mas por ele mesmo”.<sup>165</sup> Dauzat relata o discurso de S. Ambrosio (*Dc Excessu Fratris Sui Satyri II, 44-46*), considerando: já que Cristo “deu a Sua vida”, fugir da morte não era atitude genuinamente cristã. Tais considerações favoreciam os pretendentes a mártires. Já para Agostinho, que tanto combateu atitudes que visavam à morte, a entrega de Cristo foi um ato heroico, pois Ele fez a vontade do Pai, assim como Sansão. Um texto bíblico digno denota, visando explicar nossa compreensão dessa relação entre a vontade de Deus e a morte de Jesus, está em Lucas, quando o autor narra a passagem em que Jesus assim se expressa: “Pai, se queres, passa de mim este cálice; todavia não se faça a minha vontade, mas a tua” (Lucas 22:42 ACF). A

<sup>162</sup> DAUZAT, Peirre-Emmanuel. **O suicídio de Cristo**. Tradução de Francisco Custódio Marques. 1. ed., Lisboa: Ed. Notícias, 2000, p. 47.

<sup>163</sup> BIBLEWORKS for Windows. Version 8.0. [s.l.] Lotus, 1999. 1 CD-ROM. Todos os textos bíblicos usados neste trabalho são dessa versão.

<sup>164</sup> DAUZAT, op. cit., Nota: 162, p. 36.

<sup>165</sup> DAUZAT, op. cit., Nota: 162.

famosa passagem do Jardim no Getsêmani mostra-nos que, dentro do possível, Jesus preferia a vida e não a morte; ou, pelo menos, uma morte não tão violenta. Esse texto dá a entender que Cristo Jesus nunca favoreceu ideias suicidas. Fairbairn<sup>166</sup> compartilha de ponto de vista, pois considera que a perda do próprio bem-estar ao buscar o bem-estar de outro, caso inevitável, não pode ser considerado suicídio. Quando se dá a vida pelo outro, a intenção jamais é morrer, mas preservar a vida desse outro. A atitude de Cristo não era fuga da vida, mas caminho para a vida. Assim, podemos entender que Cristo não se suicidou, tendo em vista que a palavra suicídio, em tempos modernos, assumiu a conotação do desejo de morte. Jesus também não fez da morte escape para a responsabilidade de viver, como vimos ao tratar da questão da liberdade. Em Coríntios, Paulo relata que nem é tanto a morte de Cristo o grande evento de surgimento do Cristianismo, mas Sua Ressurreição:

E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé. E assim somos também considerados como falsas testemunhas de Deus, pois testificamos de Deus, que ressuscitou a Cristo, ao qual, porém, não ressuscitou, se, na verdade, os mortos não ressuscitam. Porque, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados. (1Co 15:14-17 ACF).

Mais uma vez confirmamos, portanto, que não é a morte, mas a vida, que a Bíblia enaltece, confirmada por Jesus, segundo o texto acima, através de Sua morte.

---

<sup>166</sup> Fairbairn diz que não considera suicídio alguém se matar sob tortura para não denunciar os colegas, pois o desejo não é morrer por qualquer razão, mas salvar a vida dos camaradas, mesmo à custa da própria vida.

## 4 A MORTE E A VIDA

Seria possível que o problema do suicídio fosse conceitual? Poderíamos pensar que o conceito de alguns indivíduos a respeito da morte, da vida e da felicidade seja o fator que os leva a pensar no ideal, no sucesso, e com isso, no fracasso e/ou na decepção? Neste capítulo buscaremos entender os conceitos da morte e da vida. Porque trataremos, neste texto, da finitude, o leitor notará que o escrito está carregado de discurso filosófico.

Segundo Cassorla, “há uma morte que vem de fora e uma morte que cresce por dentro. Cada uma delas produz uma dor diferente”.<sup>167</sup>

Porque esta é a principal lição da filosofia contemporânea e particularmente de Scheler, Heidegger, Jaspers: a morte é uma dimensão de toda a existência humana, não só seu ato final. Ou, segundo a fórmula de Dilthey: “A relação que caracteriza da maneira mais profunda e geral o sentido do nosso ser é a relação da vida com a morte, porque a limitação da nossa existência pela morte é decisiva para a compreensão e a avaliação da vida.”<sup>168</sup>

A Idade Média foi marcada com a mensagem da morte, do inferno e da culpa, a qual “criou imagens que forjaram nossa cultura ocidental”.<sup>169</sup> O discurso acerca da morte, nas palavras de D’Assumpção, é essencial para o discurso a respeito da vida.

Somente a morte é capaz de abrir uma brecha no torpor ou na indiferença espiritual das pessoas, presas pelos mil cuidados da vida cotidiana, e de subtraí-las ao menos por um instante do esquecimento. Ela nos obriga a pensar nas grandes questões que estão *meta physika*, além do sensível: o eu (a alma), o mundo e Deus.<sup>170</sup>

O assunto morte e juízo era tema corrente nas comunidades de outrora. Ter um cemitério anexo à igreja era falar da dinâmica entre a vida (a Igreja) e a morte (juízo de todos os homens). A morte deixou de ser tema há décadas na cristandade. Mesmo a teologia tem pouco interesse no assunto.

---

<sup>167</sup> CASSORLA, Roosevelt M. S. **O que é suicídio**. 4. Ed., São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 11.

<sup>168</sup> D’ASSUMPÇÃO, Evaldo Alves et al. **Morte e suicídio**: uma abordagem multidisciplinar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984, p. 55.

<sup>169</sup> ARIÈS, Philippe. **Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média**. Lisboa: Teorema, 1989, p. 65.

<sup>170</sup> **Ibid**, p. 54.

A partir do século XIX, segundo afirma J.J. Reis,<sup>171</sup> a mensagem da morte (corriqueira e dotada do poder de mover a vida e os negócios) foi se alterando (REIS, 1997).

Havia uma interação entre o teatro da vida e o teatro da morte: a casa estava perto da igreja, ambos faziam parte de uma paróquia, que fazia parte de uma cidade. Vivos e mortos faziam companhia uns aos outros nos velórios em casa [...] (REIS, 1997, p. 141).

A morte tornou-se tema tão mau agouro que os cemitérios foram (ou estão sendo) gradativamente afastados dos olhos da sociedade (hipoteticamente falando).

Vomero comenta a banalização da interpretação da vida na sociedade contemporânea.

Uma reflexão filosófica mais profunda da contemporaneidade revela que a vida não é mais considerada um valor – pois, diante da moderna sociedade de consumo, perdeu gravemente o caráter sagrado – e, por isso, o suicídio também foi banalizado. [...] A sociedade de consumo é falsamente hedonista: [...] O suicídio, hoje, vem da dificuldade de entrar em contato consigo mesmo.<sup>172</sup>

A crescente ausência de sentimento de ligação com a tradição e com os antepassados restringe o tema da morte aos meios acadêmicos ou técnicos, relegando-a, no discurso popular, aos fatos estatísticos. Sobre isso, Saraiva (2006) expôs:

[...] talvez que, depois do sexo, o último tabu do final do século XX seja a morte. A promoção da vida e do prazer confronta-se, inexoravelmente, com a realidade da morte e na procura da sabedoria das coisas e do psiquismo o primeiro passo consiste na indagação do suicídio.<sup>173</sup>

Portanto, a morte ausentou-se do discurso, e quando discutida, é quase sempre vinculada ao outro.

Antigamente as igrejas cristãs, principalmente as rurais, tinham um cemitério anexo. Hoje só encontramos essa realidade em igrejas quase centenárias do interior.

---

<sup>171</sup> REIS, J.J.. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

<sup>172</sup> VOMERO, Maria Fernanda. **Por que uma pessoa se mata?** Super Interessante. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cotidiano/pessoa-se-mata-443557.shtml>>. Acesso em: 6 jan. 2013.

<sup>173</sup> SARAIVA, Carlos Braz. **Para-suicídio**: contributo para uma compreensão clínica dos comportamentos suicidários recorrentes. Salvador: Quarteto, 1999, p. 18.



Renato Cymbalista<sup>174</sup> discorre sobre a separação gradativa entre igreja e cemitério pela mudança da mensagem sobre a morte.

Por muito tempo, não foram propriamente cidades, mas ralos arranjos humanos, cuja coesão era dada principalmente pela organização religiosa, pelo tempo das missas, das procissões e dos funerais. Os vivos e os mortos, juntos e íntimos, sem qualquer estranhamento. Mais do que isso: os mortos pesavam decisivamente na organização interurbana (CYMBALISTA, 2001, p. 26).

De fato, tomando Ariès (1989) como referência, não podemos afirmar que o distanciamento entre as igrejas e os cemitérios tenha lugar tão somente pela mudança do discurso da morte. Verifica-se também a preocupação com a higiene, visto que o mau cheiro e as doenças transmitidas por animais e insetos, por exemplo, poderiam ser evitadas tão somente com tais afastamentos. Quem sabe, o protestantismo pentecostal, com a ênfase da mensagem no paraíso celestial e no juízo de Deus pós-morte – o que em teologia tem-se definido como mensagem de escapismo ou de fuga – esteja entre os fatores de maior influência nessa mudança no ocidente. Afinal, todos esses temas são considerados positivos, alegres, afirmadores, e a morte é algo negativo e deprimente, devendo dar espaço às essas mensagens de felicidade. A sociedade é dada a uma doutrina triunfalista, de adulação, onde seus egos sejam polidos.

Alderí Souza de Matos, no portal do Mackenzie, afirma que “o pentecostalismo acarretou mudanças profundas no panorama cristão, rompendo com uma série de padrões [...] propondo reinterpretações muitas vezes bastante radicais da teologia, do culto e da experiência religiosa”.<sup>175</sup> O autor mostra que tais mudanças não se limitaram ao cenário protestante.

A pergunta filosófica que nos persegue é: afinal, vale a pena viver? O grande medo é que a vida, no final, não tenha valido a pena; que, no fundo, o legado deixado tenha sido tão comum e de tão pouca influência que torne a existência do indivíduo pouco relevante em relação às demais. O tema da morte e do juízo foi substituído nas igrejas, de forma geral e em nossa concepção, por discursos de autoajuda, para

---

<sup>174</sup> CYMBALISTA, R. (2001). **Cidade dos vivos**: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios paulistas. 212p. Dissertação (Mestrado) – FAU USP, São Paulo, 2001.

<sup>175</sup> DE MATOS, Alderí Souza. **O movimento pentecostal**: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. Disponível em: <<http://www.mackenzie.com.br/6982.html>>. Acesso em: 17 jan. 2013.

nós, uma forma de linguagem voltada a oferecer um tipo de receita de felicidade ou sucesso.

Para Maria Luiza Dias, a morte tipifica para a sociedade atual um sinal de fracasso no controle da vida. Para a autora, “a morte assim é fracasso seu e não parte integrante do processo de viver”.<sup>176</sup> Morte, velhice, fraqueza e limitação são cada vez mais banidas das conversas populares, pois, como dissemos, os assuntos preferidos são os que afirma o ego e não os que confrontam o ego. Para Papaléo Netto, “[...] o envelhecimento é conceituado como um processo dinâmico e progressivo, [...] ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos que terminam por levá-lo à morte”.<sup>177</sup> A busca da perfeição estética é uma realidade dura num mundo de decepções. Para nós a estética (a beleza) que era uma representação da perfeição divina na antiguidade passa por uma metamorfose onde a própria estética é divinizada, sem relacionar isso à alguma divindade. Esse fator tira a estética de uma relação atemporal (da relação da eternidade de Deus) e lhe dá concepções transitórias, da busca de perfeição visual no agora, na pessoa, mascarando as marcas do tempo e espantando os sinais da morte. Nós buscaremos estudar melhor isso (essa relação de mudança de linguagem estética da busca da divindade na beleza para a divinização da própria beleza) futuramente.

Também nos saltou aos olhos a quantidade de praticantes de esportes radicais e lazeres arriscados, bem como a experimentação de substâncias que despertam a adrenalina e emoções fortes. É como se crescesse a necessidade de sentir-se vivo, pois a vida sem emoção não é vida. Arriscamos mesmo a dizer que, para a sociedade atual e a vindoura, o êxtase e a adrenalina tornaram-se sinônimos de vida e felicidade. Esta é uma sociedade da emoção. Buscar a emoção, através do esporte ou outra coisa, não significa ao nosso ver um tipo de suicídio, mas pode, repetimos, pode ser um fator de desejo do preenchimento de ausência que uma pessoa possa estar sentindo. Assim a emoção seria como “sentir-se vivo”, como sem ela a vida se tornaria banalizada.

---

<sup>176</sup> DIAS, Maria Luiza. **Suicídio**: testemunhos de adeus. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 35.

<sup>177</sup> PAPALÉO NETTO, M. **O estudo da velhice no séc. XX**: histórico, definição do campo e termos básicos. In: FREITAS, E. et al.(Orgs.). Tratado de geriatria e gerontologia. Rio de Janeiro: Guanabara Kroogan, 2002, p. 10.

Muitos já buscaram entender o fenômeno da morte dentro dos parâmetros físicos, psicológicos e espirituais. Muitas são as consequências de tais conceituações, e não poucos autores atribuem a religiosidade humana à consciência da morte, ou seja, à finitude humana.<sup>178</sup>

D'Assumpção chama-nos a atenção para a banalização da morte, não somente no aspecto conceitual, mas também no factual. Ele chamou o fenômeno de “secularização da morte”,<sup>179</sup> dando a entender que a mídia (filmes, novelas, jornais, etc.) acaba por amenizar a violência e a morte, contribuindo para a trivialidade da importância da vida do outro. Para D'Assunção, “a morte está para ser contemplada como espetáculo, que nos vem saciar os instintos de violência”,<sup>180</sup> o que o autor nomeia “morte como evento burguês”.<sup>181</sup> A sociedade burguesa vulgarizou a morte, que se tornou produto de consumo, através da TV, dos filmes e dos jornais.

Na visão de Kastenbaum e Aisenberg (1983), nós entendemos a morte sob dois aspectos: a morte do outro, a mais aceitável por nós, e a nossa própria concepção de finitude. No entanto, Freud (1917) afirma que “ninguém acredita em sua própria morte”,<sup>182</sup> mas aspira à imortalidade.

Boudreaux (1995)<sup>183</sup> leva-nos a refletir que o maior enigma da vida humana é a morte. Embora seja a mais temida pelos seres humanos, a morte não deveria ser vista como algo ruim, mas como parte da vida, que dá sentido à existência humana.

O livro baseado no Primeiro Congresso Internacional de Tanatologia e Prevenção do Suicídio, Belo Horizonte, 1981, denominado *Morte e suicídio: uma abordagem multidisciplinar*, sob a coordenação dos autores Evaldo Alves d'Assumpção, Gislaine Maria d'Assumpção e Halley Alves Bessa, trabalharam a ótica de que a morte é algo pertinente à vida.

---

<sup>178</sup> Ver: D'ASSUMPÇÃO, Evaldo Alves et al. **Morte e suicídio: uma abordagem multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 17.

<sup>179</sup> D'ASSUMPÇÃO, op. cit., Nota: 178.

<sup>180</sup> **Ibid**, p. 82.

<sup>181</sup> **Ibid**, p. 18.

<sup>182</sup> FREUD, S. (1920). **Luto e melancolia**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIV,

<sup>183</sup> Boudreaux, E., Catz, S., Ryan, L., & Amaral-Melendez, M. (1995). **The ways of religious coping scale: reliability, validity, and scale development**. *Assessment*, 2, 233-244. Disponível em: <<http://psicologiadareligiao.files.wordpress.com/2007/12/luto-e-religiosidade.pdf>>. Acesso em: 2 ago.2012.

Segundo D'Assumpção (1984), alguns filósofos tentam negar o problema da morte. Entretanto ele afirma que “aceitar, porém, a morte como um absurdo é raro e contraditório. O homem procura dar um sentido à sua morte”.<sup>184</sup> O “sentido da vida” muito além da relação sensitiva, ou seja, além da relação de sentir, de ter sensações, perceber o mundo por meio dos sentidos, significa ter na vida um objetivo, motivo pra viver.

As ciências humanas naturalizam a morte,<sup>185</sup> para elas, algo comum. Nascer, crescer e morrer, assim, é algo normal. Não cabe nessa perspectiva considerar nenhuma hipótese da sustentabilidade existencial até a eternidade, pois faz parte da sua linguagem não se fundamentar em algo sem fundamentação empírica. Essa consideração, da eternidade humana, do espetacular e transcendente, só é conjectura válida na linguagem religiosa. Para os autores nas áreas de ciências humanas, e até mesmo para muitos religiosos, a morte só pode ser pensada como normal, pertinente à vida.<sup>186</sup>

Já para a teologia tradicional, a morte não é pertinente, mas contrária à vida. Algo que nega a vida, algo ruim, caótico e não natural. Stewart diz que “de fato, as Escrituras descrevem a morte como um inimigo, o último inimigo a ser conquistado graças à morte, sepultamento e ressurreição de Cristo – 1 Coríntios 15:1-26”.<sup>187</sup>

A dogmática Cristã de Braaten vincula o pecado ao discurso sobre a morte na Bíblia:

O que é mais importante, a compreensão contemporânea seguramente concorda com a concepção tradicional de que existe uma conexão entre o pecado e a morte, embora não conceba essa conexão em termos de simples e absoluta causalidade. No pecado, a morte é exacerbada.<sup>188</sup>

Já na concepção de Tillich, o pecado não causou a morte física:

O pecado não produz a morte, mas confere à morte um poder que só é vencido pela participação no eterno. Quando o ser humano está

---

<sup>184</sup> D'ASSUMPÇÃO, Evaldo Alves et al. **Morte e suicídio: uma abordagem multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 55.

<sup>185</sup> Ver: STEWART, Gary P. et al. **Decisões sobre o fim da vida**. Tradução: Suzana Klasse, São Paulo: Cultura cristã, 2004, p. 12.

<sup>186</sup> Ver: D'ASSUMPÇÃO, Evaldo Alves et al. **Morte e suicídio: uma abordagem multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 59.

<sup>187</sup> STEWART, op. cit., Nota: 185.

<sup>188</sup> BRAATEN, Carl E. et al. **Dogmática cristã**. Tradução de Luiz M. Sander. 2. ed., São Leopoldo, RS: Sinodal, 2002, p. 428.

abandonado a seu “ter que morrer”, a angústia essencial diante do não-ser se transforma em horror à morte. A angústia do não-ser está presente em tudo aquilo que é finito.<sup>189</sup>

Desse modo, se tomarmos somente essa passagem, parece-nos que o teólogo se aproxima das definições modernas da morte como pertinente à vida. Ou seja, independentemente de haver ou não pecado, a morte existiria. Assim, mostra-nos que o tema sempre pautou polêmicas e contradições interpretativas no ensino cristão.

Nas palavras de D’Assunção (1984), “a morte é *kenosis* e *Doxa* [...], humilhação, abaixamento. [...] A morte é a manifestação dessa [...] impotência do ser humano”.<sup>190</sup>

Para Angerami, “a crença na vida pós-morte, por exemplo, dá outra dimensão ao suicídio do que a simples conceituação que o estabelece como o fim de determinados sofrimentos”.<sup>191</sup> Mesmo nas religiões vemos essa tendência de secularização, em que a linguagem mercadológica, uma das marcas mais aviltantes de nossa época, acaba sendo a “revelação inspirada pelo Espírito da última hora”. Hume afirmava que o corpo e a alma são essenciais um para o outro: “A alma e o corpo possuem tudo em comum. Os órgãos da primeira são, todos eles, órgãos do segundo. A existência da alma, portanto, depende da existência do corpo”.<sup>192</sup> Com isso, ele dá a entender que a alma deixa de existir com a destruição do corpo.

A morte, com isso, pode ser sintetizada como um “estado de ausência”. Ausência de sentido, de emoção, de pessoas ou de coisas, ou ainda, de respiração. Ou seja, se o indivíduo interpreta a vida como contentamento baseado no sucesso financeiro, mas lhe advém calamidades econômicas, sociais ou pessoais, ele “perde o senso de vida”, sente-se morto. Logo, no intuito de sair dessa morte (assim sentida pela decepção), busca a morte natural, como se assim, sobrenaturalmente, fosse encontrar a vida que aprendeu a conceituar. Segundo nosso entender, com frequência, essa conceituação se dá de forma errada.

---

<sup>189</sup> TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. Trad. Getúlio Bertelli. 5. ed., São Leopoldo, RS: Sinodal, 2005, p. 360.

<sup>190</sup> D’ASSUMPÇÃO, Evaldo Alves et al. **Morte e suicídio: uma abordagem multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 79.

<sup>191</sup> ANGERAMI, Valdemar Augusto (Camon). **Suicídio: uma alternativa à vida, uma visão clínica-existencial**. São Paulo: Traço, 1986, p. 18.

<sup>192</sup> HUME, David. **Do suicídio e outros textos póstumos**. Tradução de Jaimir Conte. 2. ed., Florianópolis: Nefelibata, 2004, p.47.

## 4.1 A CULPA

A culpa é uma das marcas mais citadas pelos suicidólogos entre as motivações de suicidas. Cassorla afirma que “em nossa cultura, o componente de culpa está presente em muitos suicídios”<sup>193</sup>. Hume (1711–1776) fica estarrecido com as considerações da cristandade, com a culpabilidade que ela impõe aos suicidas, não importando se tenham consumado a ação ou estejam em processo de premeditação. Meleiro afirma que há casos em que o suicida cansado do sentimento de culpa desiste da vida. “O objetivo do suicida é, pois, ir ao encontro da morte, ou cessar o fluxo da consciência. Parece que suicídio é mais bem entendido na ideia de cessação do que uma concretização (reificação) [sic] da morte”.<sup>194</sup>

Se há condenação cristã à prática do suicídio, logo as ideias de morte que açoitam e oprimem o suicida em potencial ganham mais força de opressão, pois se ligam à culpa. A noção de culpa bíblica está vinculada às ideias de pecado, de santidade, de perfeição, de submissão a Deus e, principalmente, às interpretações do que significa “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo” (Lucas 10:27).

No site [teach-ministries.org](http://teach-ministries.org) encontramos a história de Mary Lou Wallner, uma senhora de 68 anos, da Igreja Metodista em Missouri, EUA, que perdera a filha, Anna Louise, homossexual de 29 anos que se suicidou em fevereiro de 1997. Segundo Mary, foi a sua formação cristã, ao ensinar a culpa por causa da homossexualidade, que levou ao afastamento gradativo da filha, a qual não suportou o desespero e se suicidou. Com isso, Mary iniciou um processo de estudo das passagens bíblicas normalmente contrapostas às inclinações homossexuais, e fundou a Associação *Teach Ministries* (Ministério do Ensino), empenhada na luta contra a homofobia. Em outras palavras, a culpa ensinada pela cristandade e repassada para a filha pela mãe oprimiu a filha, cuja decisão gerou na mãe culpa, por ter dado razão à culpa que lhe foi ensinada. A porcentagem de pessoas que se suicidam alegando problemas referentes à sexualidade varia tanto entre os autores que se torna irrelevante sua exposição, mas todos afirmam que é bem superior à proporção daqueles que se suicidam por outras razões.

<sup>193</sup> CASSORLA, Roosevelt M. S. **O que é suicídio**. 4. ed., São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 58.

<sup>194</sup> MELEIRO, Alexandrina M. A. da Silva. et al. **Suicídio: estudos fundamentais**. São Paulo: Segmento Farma, 2004, p. 91.

Essa relação de culpa muitas vezes não vem de Deus, mas dos seus autodeclarados representantes. Contra tais interpretações moralizadoras, Jesus Cristo certa vez afirmou que esses religiosos “[...] atam fardos pesados e difíceis de suportar, e os põem aos ombros dos homens; eles, porém, nem com o dedo querem movê-los” (Mateus 23: 4). Ou seja, eles sofrem o mesmo fardo da finitude e da limitação humana (Romanos 6:23; 6: 23), mas se apresentam como os mais sagrados dentre os homens (Mateus 23: 5).

As neuroses frequentemente relacionadas são sentimento de culpa, quando mal trabalhadas, geram a morte. E esta, que jaz na vida diária, quando mal trabalhada, pode dar ocasião às escolhas da morte. Por vida mal trabalhada entendemos a existência abandonada a sentimentos tais como o rancor, que se enraízam, crescem e frutificam em nosso ser. Como antídoto para isso, a Bíblia ensina o conceito do perdão, que, semelhantemente ao do amor, é tripartido: é preciso perdoar o outro, se perdoar e receber o perdão. Esses conceitos não dependem da afetividade, ninguém precisa se sentir em condições de praticá-los. São praticados por escolha. Mas ninguém disse que é tarefa fácil. É, muitas vezes, um trabalho gradativo de Deus em nosso ser, através da fé.

#### 4.2 A ESPERANÇA, VIDA

É possível o suicídio como ato de desespero? Muitos acreditam que sim. Mas desespero é o mesmo que falta de esperança? Seria então possível tomar uma atitude tão dramática de se matar se não houvesse alguma esperança, mesmo na morte? Se realmente o suicídio é um ato de fuga, não seria então um ato de busca de alívio? Assim, o suicida tem esperança. Na realidade, pensamos ser um tipo de deslocamento da esperança. A esperança de “vida” (nesse caso, contentamento) é deslocado para a morte (ou a busca do contentamento na morte). Nisso a “vida” é morte e a morte é a esperança da vida (ou fim da dor). Ele espera que a morte seja a solução de seus conflitos.

Nesses exemplos verificamos que muitos suicidas não desejam certamente a morte, mas sim uma nova vida, em que a pessoa se sinta querida, seja importante. O final fantasiado, se fosse possível é que aquelas pessoas de quem se imagina que veio o maltrato, se sintam culpadas e com remorso; então, o suicida como que ressuscitaria, todos se desculpariam e a vida continuaria, num final feliz.<sup>195</sup>

Também Hernandez Dias expõe que “o suicida não busca a morte [...], mas alívio de sua dor”.<sup>196</sup> Com isso, por mais contraditório que pareça, pelo menos em alguns casos o suicida busca a vida na morte para não sentir mais a morte na vida. Hillman afirma mesmo que “alguns indivíduos sentem-se estranhos em seus próprios corpos a vida inteira”,<sup>197</sup> como se sua vida não representasse “vida” de fato. Acreditamos que muitos, têm escolhido o caminho da morte por não acreditarem no potencial de vida da própria realidade corpórea. Como diz Cassorla:

Ora, se as religiões oferecem tanto após a morte, e se algumas veem até a passagem na terra como um ritual de sacrifícios, por que então não acelerar a chegada aos céus, suicidando-se? Creio que por trás deste problema repousa o horror que as religiões, em geral, têm ao suicídio individual (mas que pode ser estimulado em situações especiais, como guerras santas e cruzadas, com as bênçãos dos sacerdotes).<sup>198</sup>

Retomando os estudos de Agostinho, Góes afirma que o suicídio sempre foi parceiro da esperança de fuga. Para Góes, “[...] é do conhecimento de S. Agostinho que havia casos de busca voluntária da morte – julgada como única forma de se fugir ao sofrimento [...]”.<sup>199</sup>

Segundo Hernandez Dias Lopes, o suicídio é o naufrágio, o fracasso da esperança. José de Souza Gama afirma que Schopenhauer, em *Dores do mundo*, aconselhava o suicídio como “a única solução lógica ao sofrimento humano”.<sup>200</sup> Para ele, segundo Gama, quem não teve sorte ou felicidade no mundo tem todo o direito de morrer, utilizando-se do suicídio como recurso legítimo. Puente,<sup>201</sup> citando Michel de

---

<sup>195</sup> CASSORLA, Roosevelt M. S. **O que é suicídio**. 4. ed., São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 33.

<sup>196</sup> LOPES, Hernandez Dias. **Suicídio: causas, mitos e prevenções**. São Paulo: Hagnos, 2007, p. 14.

<sup>197</sup> HILLMAN, James. **Suicídio e alma**. Ed. Vozes. Petrópolis RJ. 2009, p. 75.

<sup>198</sup> CASSORLA, op. cit., Nota: 195.

<sup>199</sup> GÓES, Paulo de. **O problema do suicídio em Santo Agostinho à luz do De Civ. Dei**. Tese de Doutorado da Universidade Estadual de Campinas, SP: 2004. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000324569>>&fd=y>. Acesso em: 21 jul. 2012.

<sup>200</sup> GAMA, José de Souza. **A derrota do suicídio**. Rio de Janeiro, RJ: Biblioteca Jurídica Freitas Bastos, 1987, p. 63.

<sup>201</sup> PUENTE, Fernando Rey. **Os filósofos e o suicídio**. Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 84.



Montaigne (1588), refere a morte como escapatória dos males: segundo Montaigne, “a morte não é a receita contra uma única doença, ela é a receita contra todos os males. Ela é um porto deveras seguro, que não se deve temer jamais e que, com frequência, se deve procurar”. O escritor expõe na obra de Rousseau dois textos cujo personagem pró-suicídio justifica sua posição de “deixar o mundo”, com a resposta de outro personagem que é contra o suicídio:

O senhor deve saber, pois conhece meu destino e estou vivo ainda. Quanto mais reflito sobre ele, mais penso que a questão se reduz a esta proposição fundamental: procurar o próprio bem e fugir do próprio mal naquilo que não ofenda o outro, este é o direito da natureza. Quando nossa vida é um mal para nós e não é um bem para ninguém, é então permitido dela se livrar.<sup>202</sup>

A resposta:

[...] Saiba que uma morte, tal como você a medita, é vergonhosa e dissimulada. É um roubo feito ao gênero humano. Antes de deixá-lo, devolva-lhe o que ele fez por você. "Mas não me prendo a nada... Sou inútil no mundo..." Filósofo amador! [...] Cada vez que for tentado a deixá-la, diga a si mesmo: "Que eu faça uma boa ação antes de morrer."<sup>203</sup>

O pessimismo também tem sido muito abordado pelos estudiosos do suicídio. Muitos escrevem capítulos inteiros somente divulgando casos de pessimismo (contraponto da esperança) que ensurdecia os suicidas em potencial, avessos a todo tipo de argumento favorável à vida.

De facto, a desesperança parece traduzir um pessimismo generalizado em relação ao futuro, equivalente em conceitos e atitudes, sendo a questão nuclear da investigação que levaria à Escala da Desesperança de Beck (Beck et al., 1974b). A desesperança surge então como um sinal de provável intenção suicida [...].<sup>204</sup>

De fato, sem esperança as pessoas sentem-se destituídas do apoio necessário para enfrentar todas as adversidades. A pesquisadora Maria Fernanda Vomero, citando Alvarez (1999), afirma:

Segundo o crítico literário Alfred Alvarez, amigo da poeta, a própria Sylvia admitiu que saíra intencionalmente da estrada, com o objetivo de morrer.

---

<sup>202</sup> PUENTE, Fernando Rey. **Os filósofos e o suicídio**. Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 126.

<sup>203</sup> **Ibid** p. 145.

<sup>204</sup> SARAIVA, Carlos Braz. **Para-suicídio**: Contributo para uma compreensão clínica dos comportamentos suicidários recorrentes. Salvador: Quarteto, 1999, p. 50.

‘Todos já pensamos em suicídio em algum momento na vida. É um pensamento humano. Se não desejamos nos matar, ao menos cogitamos morrer [...].<sup>205</sup>

Segundo nossa própria experiência, como a maioria, nós tivemos momentos em que adversidade só foi combatida através de uma luz de esperança a que nos agarramos. Acreditamos que o suicida em potencial não vê essa luz. Seus problemas tornam-se maiores que qualquer expectativa de continuação, e com isso de probabilidade de mudança.

---

<sup>205</sup> VOMERO, Maria Fernanda. **Por que uma pessoa se mata?** Super Interessante. São Paulo. 184. p.37-43, jan. 2003. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cotidiano/pessoa-se-mata-443557.shtml>>. Acesso em: 6 jan. 2013.

## 5 LIVROS SOBRE SUICÍDIO NA LITERATURA BRASILEIRA

Este capítulo tem como proposta verificar expositivamente o acervo literário sobre o suicídio a que o brasileiro tem acesso. As informações foram colhidas a partir dos catálogos *on-line* das editoras e publicadoras, por meio de ligações, assim como por um levantamento de 2007 do Ministério da Saúde, feito pela pesquisadora Ana Maria Ferrara de Carvalho Barbosa.<sup>206</sup> Evidentemente não pretendemos listar todas as obras, visto que o acervo cresce sem o necessário controle dos setores da educação no Brasil. Não há setores de controle que facilitem o levantamento, e até nas publicadoras encontramos complicações.

Telefonamos para vários lugares no Brasil, e a despeito de algumas publicadoras afirmarem não terem publicado livros sobre o tema, em outros tipos de investigação, encontramos-os. Achamos que ficaria melhor listar os livros como anexo no final deste trabalho, em vez de referi-los neste capítulo.

A exposição buscará mostrar uma considerável desproporção do número de livros entre as diversas linguagens discursivas. Enquanto em algumas (como a psicologia), encontra-se uma infinidade de títulos, noutras (como na categoria de livros cristãos) quase não há material disponível em português. É oportuno o comentário de Meleiro a respeito:

Uma das estratégias para se medir a religiosidade de um povo é avaliar a produção de literatura religiosa. Usando a produção de livros religiosos como critério para avaliar a religiosidade de uma população, e estudando 25 países diferentes, Stack (1983) mostrou que quanto maior a religiosidade, ou seja quanto maior o número de livros religiosos vendidos, menor a taxa de suicídio.<sup>207</sup>

Destacamos os livros sobre suicídio em língua portuguesa neste trabalho, para os leitores interessados em pesquisá-los. Assim, no final deste capítulo há uma tabela com alguns desses dados. Abaixo listarei em percentuais a realidade brasileira referente ao “tipo” (sociologia, filosofia, religião, etc.) de literatura mais relevante

---

<sup>206</sup> LEVANTAMENTO Bibliográfico. Ministério da Saúde. 2006. Disponível em: <<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/levantamentobibliografico.pdf>>. Acesso em: 15 jun.2011.

<sup>207</sup> MELEIRO, Alexandrina M. A. da Silva. et al. **Suicídio**: estudos fundamentais. São Paulo: Segmento Farma, 2004,p. 55.

sobre esse tema. Essas informações têm como objetivo demonstrar quais linhas discursivas têm se preocupado mais em trabalhar com essa temática.

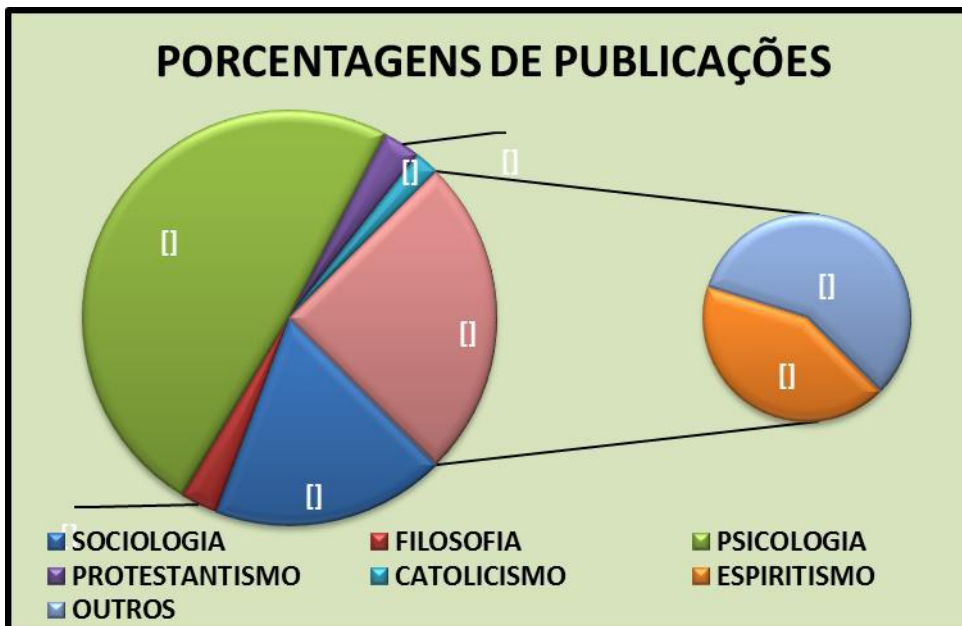
Buscamos enfatizar em nossa pesquisa livros voltados à centralidade do tema suicídio. Várias linhas de pesquisa abordam o suicídio, tais como a ética, mas tratam do tema a título de comentário, sem lhe dar maior importância. Note-se também que todo o conteúdo da área médica está listado na categoria psicologia. Ou seja, tanto os livros de psiquiatria, quanto da área médica em geral, como da própria psicologia, além de temas correlatos à saúde pública e outros estão listados como psicologia. Da mesma maneira, livros que abordam a história do suicídio ou ainda fatos expositivos sobre os casos (como, por exemplo, o suicídio entre os índios) foram listados como sociologia.

Foram encontrados quatro livros da linha cristã protestante, mas um deles (*Suicídio e alma*, de James Hilman) está listado no site da editora Vozes como pertencente à área da psicologia. Assim, não consta do acervo sobre protestantismo. Dos outros três livros protestantes, apenas um é de autoria de brasileiro (Hernandes Dias Lopes), os outros são traduções. Também encontramos um livro de autoria de brasileiro (Luis Antonio Bento) nas editoras católicas, totalizando dois livros, mas é um livro de ética existencial geral, sendo o suicídio um tema entre outros. Assim livro voltado ao tema é somente o de Lopes.

Encontramos publicações diversas, tais como dissertações e teses de religiosos cristãos (como, por exemplo, de Paulo Goés, que escreveu sobre o suicídio na ótica de Agostinho, mas para a área da Filosofia). Esses discursos também não entraram na estatística. Sobre o acervo espírita, não logramos êxito em tentar conversar por telefone com as editoras. Apenas recebemos resposta via *e-mail*, promovendo o levantamento por busca nos sites. Com isso verificamos que todos os sete livros em português encontrados e relativos ao tema são de autores brasileiros.

Assim, 49% dos livros são de referência médica e psicológica; 3% são de filosofia; 11% na linha espiritualista; 18% de sociologia; 3% de protestantismo; 2% de catolicismo e outros que são de direito, literatura nacional ou estrangeira, etc., num total de 25%, conforme demonstra o gráfico abaixo.

**Figura 1** – Porcentagem por acervo literário sobre suicídio segundo as linhas discursivas.



**Fonte:** Autoria própria.

Foram 54 ligações telefônicas para vários lugares no Brasil nos meses de agosto e setembro de 2012, na busca de encontrar todos os livros cristãos sobre suicídio em língua portuguesa nas publicadoras e editoras cristãs (anexaremos também os nomes das publicadoras com as quais tentamos contato). Com algumas não obtivemos sucesso; em outras os telefones mudaram ou foram dados como inexistentes. Às publicadoras que nos ensejaram prosseguir na pesquisa, fizemos duas perguntas: se haviam publicado livros sobre o tema; se não, por quê? Normalmente nos foi dito que não havia interesse em tais publicações. Indagadas sobre o significado desse “interesse”, cerca de 40%<sup>208</sup> das publicadoras afirmaram que o público não tem olhos para esse tema, o que o torna comercialmente inviável. Outros 10% afirmaram que não veem interesse nos escritores cristãos, alguns julgando-os de pouca importância no trato do assunto, ou atribuindo ao tema baixa viabilidade financeira; outros 50% não quiseram ou não souberam explicar o porquê do desinteresse.

<sup>208</sup> Essa porcentagem não é específica, antes se apresenta de forma mais genérica, já que não tivemos a oportunidade de conversar com todas as editoras e publicadoras. Pensamos que expor números mais específicos, como se tais representassem a opinião geral, iludiria o leitor.

Outro motivo que pensamos ter influenciado o desinteresse dos escritores cristãos pelo suicídio é uma determinada “certeza” quanto ao tema já estar mais do que resolvido. Ou seja, “a Bíblia já o condena”, logo basta ler a Bíblia. Se essa é de fato uma das razões, este estudo demonstra que não há base para tal raciocínio, pois o tema é dotado de tantos recursos argumentativos quanto a capacidade criativa humana o pode conceber. Indiferentemente dos motivos do desinteresse dos escritores cristãos ou publicadoras em escrever sobre o suicídio, é certo que o cristianismo teve e tem grande peso em todos os discursos sobre o tema nas culturas ocidentais, graças aos escritos de alguns cristãos formuladores de doutrinas, que trouxeram o assunto ao campo argumentativo. Ora, sabemos que ao se alçar um tema ao campo argumentativo, atribuímos-lhe a noção de “possibilidade”. A possibilidade pode ser agregadora ou desagregadora, mas ambas ocorreram na história da Igreja. Temer ou simplesmente adotar a conveniência de não levar o tema suicídio para o campo argumentativo nos dias atuais em nada ajuda na integração dos sofredores, causando, a nosso ver, mais malefício do que benefício.

## 6 CONCLUSÃO

Ao longo desse trabalho buscamos mostrar como o tema suicídio fora abordado e em como estudiosos abordam nos tempos atuais. Vimos que o tema suicídio transita entre uma abordagem da responsabilidade para consigo e para com outros. Que o suicídio está vinculado à algum tipo de distúrbio, quer seja no externo (com injustiça social), quer seja alguma coisa na pessoa que a faça conceber o suicídio como algo válido. Acreditamos que a abordagem da sociologia, psiquiatria, filosofia e até a teologia são valorosas, mas sentimos a necessidade de haver um estudo que não somente aponte problemas quanto à sociedade, a psique ou até espiritual, pensamos que um estudo que considere que o agente portador do desejo de morte possa estar conceituando a importância da vida (da sua e dos outros) de forma inadequada. Não estamos afirmando que nossas interpretações são a verdade, mas pondera sobre o significado de estar vivo.

Mostramos que o tema suicídio passou de um problema comunitário (Grécia e Roma) a ser tratado como um problema de ética ou/e fé (Cristianismo). Com isso ao longo dos tempos o assunto sempre tende a transmutar entre um assunto ou outro, entre o fator de responsabilidade social ou responsabilidade pessoal.

O que é vida? Sucesso, contentamento, batimento cardíaco, estase? O que é tão importante para uma pessoa que se perdesse aquilo seria como perdesse a vontade de viver? Certamente há coisas valiosas para nós, como a família, etc., nenhuma pessoa pode julgar uma alguém por desejar a morte quando esse passa por uma perda lastimável ou grande sofrimento, mas pensamos que desejar o suicídio como solução seja aceitar que a situação que lhe vitimou seja algo irremediável, o que poderia a vir a ser algo contrário a fé na possibilidade da mudança. Vimos que essa é a ponderação de Bonhoeffer, que o suicídio é uma ação contra a fé.<sup>209</sup>

O que é morte? Morte é infelicidade, desolamento, solidão, ausência de respiração? Se uma pessoa entende que mesmo vivo(a) ela está morto(a), logo ela pensa que a morte não é somente um ato de cessação de atividade cardíaca, mas algo mais

---

<sup>209</sup> Preferimos usar a expressão “ação contra a fé” do que “pecado”. Pois não desejamos dar a entender que o suicida é um pecador ou está em pecado. Quem define tais juízos de valores é Deus, sendo que nós apenas buscamos transmitir o que e como entendemos os juízos de Deus.

conceitual. Conceituar a morte e a vida, logo, se torna importante para a ponderação da motivação dos suicidas. Se alguém for hedonista, materialista, dado a fugir de toda confrontação, logo torna-se possível que suas ponderações sobre si, sobre os outros e sobre a vida seja banalizada, vulgarizada ao ponto que situações de perda (que outros superam) não seja superado por esses. Uma ponderação sobre a importância de si é a nossa contribuição.

Com isso em mente, interpretamos o suicídio como a fuga da vida biológica na busca da vida idealizada. A vida natural é interpretada como morte, e busca na morte a realização que não vê (mesmo na inexistência).

Olhar para um suicida é olhar alguém que sofre e toma um estilo de vida de isolamento. Concordamos com Durkheim sobre a integracionalidade – termo a ser abordado a seguir – de pessoas que pensam em suicídio na sociedade. Como outrora exposto, as propostas de prevenção existentes são integradoras. Combatem-se a solidão, o isolamento e o exclusivismo social para fazer o aspirante a suicida se sentir parte de um todo. Mesmo os serviços de telefonia para auxílio ao suicida (141 – CVV – Centro de Valorização da Vida) buscam criar um clima terapêutico ao deixar o suicida em potencial se expressar. Isso também é ser integracionista.

A religião é comumente citada como um ambiente integracionista pela formação de irmandade. Hillman diz que “à medida que a individualidade cresce, cresce também a possibilidade de suicídio. A sociologia e a teologia o reconhecem [...]”.<sup>210</sup> O ensino dos epicuristas, que enfatizava o prazer, parece ter sido resgatado na contemporaneidade, sob o nome de hedonismo. Tais filosofias favorecem a desintegração, fragmentando ainda mais uma sociedade com problemas relacionais históricos. A psicoterapeuta Maria Luiza Dias afirma que o processo do individualismo egoísta na história favoreceu o suicídio. Hoje não é diferente, com a tendência do crescimento do individualismo.

Às pessoas com consciência, Boismont recomendava o ensinamento da religião, da moral, de deveres. [...] Acreditava também que a Igreja deveria ser reservada quanto à aplicação de penas disciplinares. Aconselhava,

---

<sup>210</sup> HILLMAN, James. **Suicídio e Alma**. Ed. Vozes. Petrópolis RJ. 2009, p. 75.



ainda, que a pessoa não se deixasse amar a tristeza, que tivesse uma família para não viver só e que exercesse uma profissão.<sup>211</sup>

A religião é uma força que tanto pode ser integradora, ao atuar na inclusão social,<sup>212</sup> quanto desintegradora, quando seu ensino não difere da educação secular elitista e mercadológica, reproduzindo os padrões de sucesso e felicidade da sociedade hedonista. Listaremos abaixo alguns pensadores que confirmam a importância da religião como elemento de prevenção ao suicídio:

Na Antiguidade, Boismont atribuía os suicídios à influência de doutrinas filosóficas e religiosas [...]. Na Idade Média, ao contrário, com o desenvolvimento do sentimento religioso cristão da filosofia espiritualista, houve uma obstrução no processo do suicídio. É nos Tempos Modernos (para ele o século XIX), que o suicídio ganhava novo impulso, com a propagação da dúvida”, a “exaltação do orgulho e do amor próprio” e com o “desenvolvimento do ceticismo e da indiferença”.<sup>213</sup>

Durkheim acredita que a religião previne com maior êxito o suicídio inibindo a liberdade dos indivíduos. No entanto, essa “liberdade” a que ele se refere é a liberdade de pensamento, já que as escolhas dos suicidas tendem à morte.

A sociedade religiosa é igualmente imprópria a essa função. Sem dúvida, não é que ela não pudesse, em determinadas condições, exercer uma influência benéfica; mas as condições necessárias a essa influência já não são dadas atualmente. Com efeito, ela só preserva do suicídio quando é fortemente constituída para encerrar estreitamente o indivíduo.<sup>214</sup>

De fato, acreditamos que os estudos de Durkheim embasaram suficientemente tais apontamentos, mas nessa postura o Cristianismo, foco de nosso estudo, constituiria um celeiro de legalismo moralizante, acabando por se tornar opressivo, com noções de culpa e juízo, mais neurotizantes do que benéficas. Propomos, então, um ambiente acolhedor que enfatize a relação fraterna, tal como proposto pelo apóstolo Paulo, em Romanos 13. Não paternalista, não legalista mas sim cuidadoso.

---

<sup>211</sup> DIAS, Maria Luiza. **Suicídio**: testemunho do adeus. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 78.

<sup>212</sup> Devemos ter em mente que muitos movimentos sociais são considerados mais prejudiciais do que benéficos. Por exemplo: tivemos conhecimento de reuniões do denominado “Clube do suicídio” no Japão, onde indivíduos reúnem-se para legitimar o suicídio através de argumentações excludentes, ensaiando-o, havendo mesmo notícia de prática em massa. Na verdade, o integracionismo só se torna benéfico quando é motivador da vida.

<sup>213</sup> DIAS, op. cit., Nota: 211, p. 78.

<sup>214</sup> DURKHEIM, Émile. **O suicídio**: estudo sociológico. Tradução de Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2002, p. 412.

Meleiro nos presenteia com um dado importante sobre uma possibilidade futura:

Diekstra e Guilbinat (1993) alertaram que nas próximas décadas será observado um aumento dramático na mortalidade por suicídio, principalmente nos países em desenvolvimento. Nessas regiões, os fatores socioeconômicos e comportamentais (tais como: aumento de divórcio, desemprego e a diminuição de religiosidade) farão crescer o risco de a população engajar-se em comportamentos autodestrutivos.<sup>215</sup>

A autora ainda afirma a importância da religião como fator de integração social:

[...] apesar das controvérsias metodológicas, diversos estudos têm apontado que a religião é um importante fator protetor contra o comportamento suicida. Nos Estados Unidos da América (EUA), por exemplo, um país onde 90% da população considera a religião muito importante em suas vidas (Gallup, 1996), um estudo com 100 tentativas graves de suicídio revelou que 51% desses indivíduos não tinham qualquer crença religiosa (Hall, 1999).<sup>216</sup>

Também Saraiva, citando Durkheim, confirma seu pensamento. Para ele “uma teoria de compromisso religioso mínimo poderia frenar as taxas de suicídio”.<sup>217</sup> Lopes afirma que a Igreja pode fazer grande contribuição integracionista, “uma igreja séria que valorize a vida, cuja teologia está plantada na verdade de que Deus nos criou à Sua imagem e semelhança [...]”.<sup>218</sup>

Hillman,<sup>219</sup> citado por Saraiva, Alvarez,<sup>220</sup> Meleiro,<sup>221</sup> Stack,<sup>222</sup> citado por Meleiro, todos mostram a importância do senso inclusivista, agregacional na prevenção do suicídio, apontando a religião como uma das mais influentes instituições capaz de promover tais inclusões. Para Meleiro, Jacobs (1967), ao estudar as cartas deixadas por suicidas, “mostrou que muitos, antes do ato, lutam contra suas convicções

---

<sup>215</sup> MELEIRO, Alexandrina M. A. da Silva. et al. **Suicídio: estudos fundamentais**. São Paulo: Segmento Farma, 2004, p. 51.

<sup>216</sup> **Ibid**, p. 53.

<sup>217</sup> SARAIVA, Carlos Braz. **Para-suicídio: Contributo para uma compreensão clínica dos comportamentos suicidários recorrentes**. Salvador: Quarteto, 1999, p. 90.

<sup>218</sup> LOPES, Hernandes Dias. **Suicídio: causas, mitos e prevenções**. São Paulo: Hagnos, 2007, p. 24.

<sup>219</sup> SARAIVA, Carlos Braz. **Para-suicídio: Contributo para uma compreensão clínica dos comportamentos suicidários recorrentes**. Salvador: Quarteto, 1999, p. 127.

<sup>220</sup> ALVAREZ, A. **O deus selvagem: um estudo do suicídio**. Tradução de Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 89.

<sup>221</sup> MELEIRO, op. cit., Nota: 215, p. 54.

<sup>222</sup> MELEIRO, op. cit., Nota: 215, p. 58.

religiosas”,<sup>223</sup> enfatizando ainda que “não frequentar atividades religiosas esteve associado a um risco de suicídio quatro vezes maior em relação aos que frequentam diariamente”.<sup>224</sup>

Todos os livros consultados nesse trabalho apontavam a solidão como fator mais comum e universalmente presente em casos de suicídio. Meleiro, citando Maris (1997), chega a afirmar que “o isolamento social ou relações sociais conflituosas são encontrados frequentemente nos suicidas. Metade das vítimas de suicídio em um estudo não tinha qualquer amigo íntimo”.<sup>225</sup> É fato autenticado pelos estudiosos aqui citados que o inclusivismo é importante, mas não somente na formação de membresia ou irmandade, mas como proposta pedagógica que reflita a necessidade do indivíduo aspirante a suicida, o que chamamos de suicida em potencial.

---

<sup>223</sup> MELEIRO, Alexandrina M. A. da Silva. et al. **Suicídio**: estudos fundamentais. São Paulo: Segmento Farma, 2004, p. 57.

<sup>224</sup> MELEIRO, op. cit., Nota: 223.

<sup>225</sup> **Ibid**, p. 116.

## 7 BIBLIOGRAFIA:

ALVAREZ, A. <b>O deus selvagem</b> : um estudo do suicídio. Tradução de Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
ALVARO, Allan. <b>Conhecer a Deus</b> . São Paulo: [s.n.], 1999.
ALVES, Rubens. <b>O que é religião</b> . São Paulo: Loyola.2000.
ANGERAMI, Valdemar Augusto (Camon). <b>Suicídio</b> : uma alternativa à vida, uma visão clínica-existencial. São Paulo: Traço, 1986.
BAUTISTA, Mateo. <b>Ajuda perante o suicídio</b> . Tradução: Júlio Munaro. São Paulo: Paulinas, 2000.
BIBLEWORKS for Windows. Version 8.0. [s.l.] Lotus, 1999. 1 CD-ROM.
BONHOEFFER, Dietrich. <b>Ética</b> . São Leopoldo, RS: Sinodal, 1988.
BRAATEN, Carl E. et. al. <b>Dogmática cristã</b> . Tradução de Luiz M. Sander. 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
CALVINO, João. <b>As institutas da religião cristã</b> . Trad. Waldyr Carvalho Luz. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985, 1v.
CASSORLA, Roosevelt M. S. <b>O que é suicídio</b> . 4 ed., São Paulo: Brasiliense. 1992.
D'ASSUMPÇÃO, Evaldo Alves et. al. <b>Morte e suicídio</b> : uma abordagem multidisciplinar. Petrópolis, Vozes, 1984.
DAPIEVE, Arthur. <b>Morreu na contramão</b> : o suicídio como notícia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
DAUZAT, Peirre-Emmanuel. <b>O suicídio de Cristo</b> . Tradução de Francisco Custódio Marques, Lisboa: Ed. Notícias, 2000.
DAVIDSON, Francis. <b>O novo comentário da Bíblia</b> . 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 1997. 982p
DIAS, Maria Luiza. <b>Suicídio</b> : testemunho do adeus. São Paulo: Brasiliense, 1991.
DURKHEIM, Émile. <b>O suicídio</b> : estudo sociológico. Tradução de Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2002.
FAIRBAIRN, Gavin J. <b>Reflexões em torno do suicídio</b> : a linguagem e a ótica do dano pessoal. Tradução: Attílio Brunetta. São Paulo: Paulus 1999.
FREUD, S. (1917[1915]). Luto e melancolia. In: FREUD, S. <b>Obras completas</b> . Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XIV.

FREUD, Sigmund. Contribuições para uma discussão acerca do suicídio, in: _____. <b>Obras psicológicas completas de Sigmund Freud</b> : edição standard brasileira. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
GAMA, José de Souza. <b>A derrota do suicídio</b> . Rio de Janeiro, RJ: Biblioteca Jurídica Freitas Bastos, 1987.
GIMENES DE PAULA. Mareio. <b>Socratismo e cristianismo em Kierkegaard: o escândalo e a loucura</b> . São Paulo: Annablume. 2001.
GUILLON, Claude. & LE BONNIEC, Yves. <b>Suicídio: modo de usar</b> . Tradução de Maria Ângela Villas. São Paulo: EMW, 1984.
HUME, David. <b>Do suicídio e outros textos póstumos</b> . 2. ed. Tradução de Jaimir Conte. Florianópolis: Nefelibata, 2004.
KIVITZ, René. <b>Vivendo com propósitos</b> . Tradução de Liege Maria de Souza Marucci. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.
LOPES, Hernandes Dias. <b>Suicídio: causas, mitos e prevenções</b> . São Paulo: Hagnos. 2007.
MARTINA, Giacomo. <b>História da Igreja de Lutero a nossos dias II: a era do absolutismo</b> . 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003, p. 130.
MATERA, Frank J. <b>Estratégias para a pregação de Paulo</b> . São Paulo: Ed. Loyola, 2005.
MELEIRO, Alexandrina M. A. da Silva. et al. <b>Suicídio: estudos fundamentais</b> . São Paulo: Segmento Farma, 2004.
PUENTE, Fernando Rey. <b>Os filósofos e o suicídio</b> . Belo Horizonte: UFMG, 2008.
RABELLO, Sylvio. <b>Farias Brito ou uma aventura do espírito</b> . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
REIS, J. J. <b>A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX</b> . São Paulo: Cia. das Letras, 1991.
SARAIVA, Carlos Braz. <b>Para-Suicídio: contributo para uma compreensão clínica dos comportamentos suicidários recorrentes</b> . São Paulo: Quarteto. 1999.
SCHOPENHAUER, Arthur. <b>O mundo como vontade e como representação</b> . Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.
STENGEL, Erwin. <b>Suicídio e tentativa de suicídio</b> . Tradução de Álvaro de Figueiredo. Lisboa: Dom Quixote. 1980.
STEWART, Gary P et al. <b>Decisões sobre o fim da vida</b> . Tradução: Suzana Klassen. São Paulo: Cultura cristã, 2004.
TILLICH, Paul. <b>Teologia sistemática</b> . Tradução de Getúlio Bertelli. 5ª ed. São Leopoldo/RS: Sinodal, 2005.
W. WALKER, <b>História da igreja cristã</b> . 3. ed. São Paulo: Aste, 2005.

## 8 ANEXOS

### 1 - Tabela de livros sobre suicídio na língua portuguesa. Fontes diversas:

LEGENDA				
AREAS	HUMANAS	PSICOLOGIA	SOCIOLOGIA	FILOSOFIA
	RELIGIOSOS	CATÓLICOS	PROTESTANTES	ESPÍRITAS
ORIGINAL	NACIONALIDADE	BRASILEIRO	ESTRANGEIRO	

	TÍTULOS	ARE A	ORIG
1	ALVAREZ, A. <b>O deus selvagem</b> . Um estudo do Suicídio. Ed. Companhia das Letras. São Paulo. 1999.		
2	AMARAL, Adriano. <b>Na rota do suicídio</b> // editora: Scorpio / ano: 1984 / estante: outros		
3	ANGERAMI-CAMON, V. A. <b>Suicídio</b> : fragmentos de psicoterapia existencial. São Paulo: Pioneira, 1997.		
4	ANGERMI, Valdemar Augusto. <b>Suicídio</b> // editora: Pioneira / ano: 1997 / estante: psic		
5	ANTONIO, Americo Marco e Outros. <b>A causa jurídica da morte de Sonia Sampaio P. Mendes</b> : Suicídio Típico. Ed. Guia Fiscal. ano: 1954 / estante: Direito		
6	ANTÔNIO, Vitti Marco. <b>A longa noite do suicídio de uma alma</b> / editora: Vertente / ano: 1997 / estante: literbr		
7	ARAUJO, Humberto de. <b>No vale do suicídio Evaristo</b> // editora: Madras / estante: Outros		
8	AVILA, Enir Madruga de. <b>Induzimento, instigação e auxílio ao suicídio</b> // editora: Edunisc / ano: 1998 / estante: dir		
9	BAIAO, Isis. <b>Tresloucado gesto o suicídio</b> / editora: Memórias Futuras / ano: 1983 / estante: liter brasileira		
10	BALBO, Wellington. <b>Evite a rota do suicídio</b> // editora: Novo Ser / ano: 2011 / estante: relig		

11	BANDO, Daniel. <b>Suicídio na cidade de São Paulo</b> /; Ligia Barrozo / editora: Humanitas / ano: 2010 / estante: Geografia		
12	BAPTISTA, M. N. (org.) <b>Suicídio e depressão</b> : atualizações. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.		
13	BAUTISTA, Mateo. <b>Ajuda perante o suicídio</b> . Ed. Paulinas. São Paulo. 2000.		
14	BENTO, Luis Antonio. <b>Bioética</b> : desafios éticos no debate contemporâneo. Ed. Paulinas. SP. 2008.		
15	BEVILAQUA, Clavis e Outros. <b>Cláusula de suicídio nas apólices de seguros de vida</b> / editora: Sul Americana / ano: 1928 / estante: dir		
16	CARDOSO, Agnaldo. <b>Suicídio, a sombria trilha da ilusão</b> // editora: Mundo Maior / ano: 2005 / estante: relig		
17	CARMELIA, Maria. <b>O pároco da sublimação ao suicídio</b> // editora: Do Autor / ano: 2006 / estante: literbr		
18	CARVALHO, Ana Cecília Poética do. <b>Suicídio em Sylvia Plath</b> // editora: Ufmg / ano: 2003 / estante: Crítica Literária		
19	CASSORLA, R. M. S. (org.). <b>Do suicídio</b> : estudos brasileiros. São Paulo: Papirus, 1991.		
20	CASSORLA, R. M. S. (org.). <b>O que é suicídio</b> . Ed. Brasiliense. SP. 1992.		
21	CASSORLA, R. M. S. e KNOBEL, M. <b>Depression and Suicide in Adolescence</b> . In: The		
22	CAUTELA, Afonso e Outros. <b>O suicídio nuclear português</b> // editora: Socicultura / ano: 1977 / estante: hist		
23	CERQUEIRA FILHO, Alírio de. <b>Suicídio</b> : falsa solução. Ed. EBM.		
24	CORREA. <b>Suicídio uma morte evitável</b> // editora: Atheneu / ano: 2006 / estante: psic		
25	CUNHA, Altamir da. <b>Um trágico equívoco o suicídio e suas consequências</b> / editora: O Clarim / ano: 2010 / estante: relig		
26	DA SILVA, Marcimedes Martins. <b>Suicídio trama da comunicação</b> / / editora: Scortecci / ano: 2008 / estante: psic		
27	DANIELSKI, Vanderlei. <b>Depressão e suicídio na adolescência</b> // editora: Ave Maria / ano: 2003 / estante: psic		
28	DAPIEVE, Arthur. <b>Morreu na Contramão</b> : o suicídio como notícia // editora: Jorge Zahar / ano: 2007		
29	DAUZAT, Pierre-Emmanuel. <b>O suicídio de Cristo</b> . Ed. Notícias. Lisboa, 2000.		

30	DE SÁ, Maria de Fátima Freire. <b>Direito de morrer eutanásia, suicídio assistido</b> // editora: Delrey / ano: 2005 / estante: dir		
31	DIAS, M. L. <b>Suicídio: testemunhos de adeus.</b> São Paulo: Brasiliense, 1997.		
32	DISNEY, Doris Miles Verdetto. <b>Suicídio</b> // editora: Garzanti / ano: 1955 / estante: literestr		
33	DURKHEIM, Émile. <b>O Suicídio: estudo sociológico.</b> Tradução de Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2002.		
34	FEIJÓ, Marcelo. <b>Suicídio: entre a razão e a loucura</b> / editora: Lemos / ano: 1998 / estante: psic		
35	FERREIRA, Therezinha Gonzaga. <b>O suicídio das patroas</b> // editora: Holon / ano: 1991 / estante: ped		
36	FIGUEIREDO, Ricardo Vergueiro. <b>Da participação em suicídio</b> // editora: Del Rey / ano: 2001 / estante: dir		
37	FONTELLE, Paula. <b>Suicídio: o futuro Interrompido</b> // editora: Geração / ano: 2008 / estante: Comunicação		
38	GAMA, José de Souza. <b>A derrota do suicídio.</b> editora: Freitas Bastos / ano: 1987 / estante: soc		
39	GOULART, Jose Alipio. <b>Da fuga ao suicídio</b> / editora: Mec / ano: 1972 / hist		
40	GÜNTHER, Jakobs. <b>Teoria da pena e suicídio e homicídio a pedido</b> Volume 3 // editora: Manole Jurídico... / ano: 2003 / estante: dir		
41	HIGHSMITH, Patricia. <b>Um certo suicídio</b> // editora: Best Seller / ano: 1990 / estante: literestr		
42	HILLMAN, James. <b>Suicídio e Alma.</b> Ed. Vozes. Petrópolis RJ. 2009.		
43	HUME, David. <b>Do suicídio e outros textos póstumos.</b> 2º ed. Ed Nefelibata. Florianópolis. 2004.		
44	JAMES, Ellroy. <b>O Morro do Suicídio</b> // editora: Record / ano: 2004 / estante: literestr		
45	JAMISON, KayRedfield, <b>Quando a noite cai: entendendo a Depressão e o Suicídio</b> // editora: Gryphus / ano: 2010 / estante: psic		
46	JULIEN, Claude. <b>O suicídio das democracias</b> / editora: Artenova / ano: 1975 / soc		
47	Kiev, Ari. <b>Como enfrentar a vida: Aprenda a Combater o Suicídio...</b> / editora: Francisco Alves / ano: 1982 / estante: saúde		
48	KILDUFF, Marshal e Ron Javers. <b>O culto do suicídio</b> // editora: Nova Fronteira / ano: 1979 / estante: soc		



49	KUTCHER, Stan e Sonia Chehil. <b>Manejo do risco de suicídio</b> // editora: Lundbeck Institute / ano: 2007 / estante: Medicina		
50	LAUFER, M. <b>O adolescente suicida</b> . Lisboa: Climepsi, 2000.		
51	LEBRET, L. J. <b>Suicídio ou sobrevivência do Ocidente?</b> // editora: Livraria Duas Cidades / ano: 1964 / estante: hist		
52	LEITE, Ascendino. <b>O suicídio de Getúlio</b> // editora: Fundação Casa de José Américo / ano: 2003 / estante: hist		
53	LEON, Igor Pires. <b>O suicídio coletivo das ovelhas</b> // editora: Scortecci / ano: 2009 / estante: literbr		
54	LEVCOITZ, Sergio Kandire. <b>o paraíso terreal o suicídio entre índios guaranis do B...</b> // editora: Te Corá – Espaço e Tempo / ano: 1998 / estante: antr		
55	LIMA, Cleunice Orlandi de. <b>Depois do suicídio</b> // editora: Dpl / ano: 1998 / estante: relig		
56	LIPPI, J. R. S. <b>Tentativa de suicídio associada à violência física, psicológica e sexual contra a criança e o adolescente</b> . Rio de Janeiro: s/n, 2003.		
57	LOPES, Fábio Henrique. <b>Suicídio e saber médico</b> . Ed. Ateliê. RJ. 2007.		
58	LOPES, Hernandes Dias. <b>Suicídio: causas, mitos e prevenção</b> . Ed. Hagnos, São Paulo. 2007.		
59	LORCA, Federico Garcia. <b>Suicídio em Alexandria</b> / editora: &Etc / ano: 1981 / estante: literestr		
60	MANHÃES, Maria da Paz. <b>O enigma do suicídio</b> . Edição independente. RJ. 2003.		
61	MARTINS, Celso. <b>Suicídio: o espiritismo esclarece</b> – ed. DPL.		
62	MARTUSCELLO, C. <b>Suicídio: percepção e prevenção</b> . Rio de Janeiro: edição do autor, 1987.		
63	MARX, Karl. <b>Sobre o suicídio</b> . São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.		
64	MELEIRO, A. M. A. da S.; TENG, C. T. e WANG, Y. P. <b>Suicídio: estudos fundamentais</b> . São Paulo: Segmento Farma, 2004.		
65	MONTEIRO, Gerson Simões. <b>A vida pede passagem</b> . Ed. Novo Ser.		
66	MONTEIRO, Gerson Simões. <b>Suicídio e suas conseqüências</b> . Ed. Mauad. 2003.		
67	NICHOLSON, Max, Bour Greenfield e Outros. <b>O suicídio da humanidade</b> // soc		

68	OMS, <b>Prevenção do suicídio</b> : Manual para professores e educadores. Genebra, OMS, 2000.		
69	OMS, Relatório Mundial sobre o suicídio. Genebra: OMS, 2000. OMS, Prevenir o suicídio: um guia para profissionais da mídia. Genebra: OMS, 2000.		
70	PAIVA, Luiz Miller de, <b>Depressão e suicídio 2</b> // editora: Imago / ano: n/d / estante: psic		
71	PAPOY, Rynaldo Montarroyos. <b>Suicídio espiritual</b> / editora: Atenense / ano: 1990 / estante: poesia		
72	PAULA, Fontenelle. <b>Suicídio</b> // editora: Geracao / ano: 2008 / estante: psic		
73	PAULETTI, M.; SCHNEIDER, N.; MANGOLIN, O. <b>Porque os Guarani e Kaiová se suicidam?</b> Campo Grande: CIMI, 1997.		
74	PAZIAN, Humberto C.. <b>Do suicídio à vida</b> // editora: Letras & Textos / ano: 1999 / estante: relig		
75	PEDROSO, Fernando de Almeida. <b>Homicídio participação em suicídio infanticídio e aborto</b> // editora: Aide / ano: 1995 / estante: dir		
76	PEIXOTO, Aloísio Sayol de Sá. <b>Acusação de homicídio suicídio</b> / / editora: Aloísio Sayol de Sá Peixoto / estante: dir		
77	PEREIRA, Raymundo. <b>Suicídio</b> : o suicídio na Bahia / editora: Carb / ano: 1954 / estante: Artes		
78	Pereira, Yvonne. <b>Memórias de um suicida</b> . Ed. FEB. RJ. 2008.		
79	PHILLIPOUSIS, Stamatios Zannis. <b>Drogas suicídio</b> // editora: Horuss / ano: n/d / estante: Medicina		
80	PONTES, Cleto Brasileiro. <b>Suicídio em Fortaleza</b> // editora: Do Autor / ano: 1986 / estante: psic		
81	PUENTE, Fernando Rey. <b>Os filósofos e o suicídio</b> . Ed. UFMG. Belo Horizonte. 2008.		
82	QUEIROZ, José Fleuri. <b>Suicídio é ou não é crime?</b> Ed. Mundo Jurídico. São Paulo. 2007.		
83	RAMOS, M. (org.) <b>Casal e família como paciente</b> . São Paulo: Editora Escuta, 1999.		
84	RESMINI, E. <b>Tentativa de suicídio</b> : um prisma para a compreensão da adolescência. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.		
85	RESPEITEMOS a Vida Suicídio Não! Em Defesa da Vida / editora: Federação Espírita Brasileira / ano: 2007 / estante: esoterismo		
86	ROCHA, Fábio Lopes. <b>Antidepressivos e suicídio</b> / editora: MedLine / ano: 2009 / estante: Medicina		

87	ROUDINESCO, Elizabeth & PLON, Michel. Verbete: <b>Suicídio</b> . Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 740-742.		
88	SAMPAIO, D. <b>Ninguém morre sozinho</b> : o adolescente e o suicídio. Lisboa: Editorial Caminho, 2001.		
89	SARAIVA, C. B. <b>Para-suicídio</b> . Ed. Quarteto. 1999.		
90	SILVA, Hélio. <b>História da República Brasileira o Suicídio de Getúlio Vargas 1951-1954</b> // editora: Três / ano: 1998 / estante: hist		
91	SILVA, Hélio. <b>O suicídio de Getúlio Vargas 1951 1954</b> / editora: Três / ano: 1998 / estante: hist		
92	SIMINETTI, Richard. <b>Suicídio</b> : tudo o que você precisa saber. Ed.CEAC. 2006.		
93	STENGEL, Erwin. <b>Suicídio e tentativa de suicídio</b> . Ed. Dom Quixote. Lisboa. 1980.		
94	STEWART, Gary P. <b>Decisões sobre o fim da vida</b> . Ed. Cultura Cristã. São Paulo. 2004.		
95	STEWART, Gary P. <b>Suicídio e eutanásia</b> . Ed. Cultura Cristã. São Paulo. 2004.		
96	STUBBE, H. <b>Suicídios e tentativas de suicídio de crianças</b> . Psicologia Clínica, vol. 7, p. 97-118.		
97	SUICÍDIO Ou Sobrevivência? Os Desafios do Ano 2000 / Autores Diversos / Onu / editora: Antônio Ramos / ano: 1977 / estante: soc		
98	TAVARES, M. Intervenção em crise e prevenção do suicídio. In: Marcelo Tavares (org.) <b>Direitos Humanos e Violência</b> , 1, ed. Fortaleza, 2004, vol. 1.		
99	TEIXEIRA, Napoleão. <b>O suicídio</b> / editora: Guaíra / ano: 1947 / estante: psic		
100	Tripicchio, Adalberto. <b>Do tédio ao suicídio um convite sedutor a você</b> / editora: Lcte / ano: 2010 / estante: psic		
101	TURECKI, G. <b>O suicídio e sua relação com o comportamento impulsivo agressivo</b> .		
102	VALORIZE a Vida! Suicídio Não é Solução / editora: Grupo Espírita Seara do Mestre / ano: 2008 / estante: relig		
104	VANSAN, G. A. <b>Suicídio</b> : aspectos específicos dos meios utilizados pelos suicídios no município de Ribeirão Preto. Neurobiologia, n. 50, p. 281-288.		
105	VENEU, Marcos G. <b>Ou não ser</b> : uma introdução à história do suicídio no Ocidente. Brasília: UNB, 1994.		
106	WERLANG, B. G. e BOTEGA, N. J. (orgs.). <b>Comportamento suicida</b> . Porto Alegre: Artmed, 2004.		

